



**Universidade Federal da Bahia  
Instituto de Letras  
Mestrado Profissional em Letras**

**Daiane de Oliveira Oliveira**

**Projeto de Letramento NEGRITUDE DO PODER:  
Anúncios publicitários e a (des)construção de identidades dos  
estudantes de Açuzinho – Bahia**

Salvador- BA

2018

**Daiane de Oliveira Oliveira**

**Projeto de Letramento NEGRITUDE DO PODER:  
Anúncios publicitários e a (des)construção de identidades dos  
estudantes de Açuzinho – Bahia**

Memorial apresentado ao Programa de Pós-Graduação  
Stricto Sensu do Mestrado Profissional em Letras –  
PROFLETRAS –Instituto de Letras, Universidade Federal da  
Bahia (UFBA), como requisito para obtenção do título de  
Mestre em Letras.

Orientadora Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ana Lúcia Silva Souza

Salvador- BA

2018

Sistema de Biblioteca da UFBA

**Oliveira, Daiane de Oliveira**

**Projeto de Letramento NEGRITUDE DO PODER: Anúncios publicitários e a (des)construção de identidades dos estudantes de Açuzinho - Bahia / Daiane de Oliveira Oliveira. – Salvador- BA, 2018. 142 f. : il**

**Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Lúcia Silva Souza.  
Dissertação (Mestrado - Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS) --  
Universidade Federal da Bahia, Universidade Federal da Bahia, 2018.**

**1. Letramentos. 2. Identidade. 3. Textos publicitários. 4. Negritude. I. Souza, Ana Lúcia Silva. II. Título.**

## **Projeto de Letramento NEGRITUDE DO PODER:**

### **Anúncios publicitários e a (des)construção de identidades dos estudantes de Açuzinho – Bahia**

Memorial Formativo/Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS- Instituto Letras, Universidade Federal da Bahia - UFBA, como requisito para obtenção do título de Mestra em Letras.

Aprovada em 26 de janeiro de 2018

#### **BANCA EXAMINADORA**

**Prof.<sup>a</sup> Ana Lúcia Silva Souza - Orientadora** \_\_\_\_\_

Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade de Campinas, São Paulo, Brasil.  
Universidade Federal da Bahia

**Simone Bueno Borges da Silva - 1<sup>a</sup> examinadora** \_\_\_\_\_

Pós-doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia, Brasil.  
Universidade Federal da Bahia

**Prof.<sup>a</sup> Ione da Silva Jovino - 2<sup>a</sup> examinadora** \_\_\_\_\_

Doutora em Educação pela Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, Brasil.  
Universidade Estadual de Ponta Grossa

## **Meus agradecimentos**

### **Àqueles que caminharam ao meu lado nessa jornada:**

A meu Deus e Pai, Jeová, por, em sua infinita bondade, me dar forças para continuar quando eu mais precisava.

Aos meus pais dedicados, Dinalva e Domingos, por se esforçarem e se dedicarem tanto em minha criação e abrir caminho para que eu pudesse ser quem sou.

Ao meu irmão, Danilo, que não importa quanto tempo passe, será sempre aquele bebê chorão.

Às minhas amigas por entenderem todas as vezes que eu estava ocupada demais em minha pesquisa e por todas as palavras de incentivo e confiança.

À Dr.<sup>a</sup> Ana Lúcia Silva Souza, a quem tenho muito orgulho de ter sido orientada, que como uma exímia lapidária soube revelar o melhor de mim.

Aos meus alunos do 9º ano da Escola Municipal João Pereira Vasconcelos, que tornam para mim uma turma mais que especial e me motivaram a ser uma professora melhor todos os dias.

À Marcela Alves e Joseane Maytê - minhas brocadeiras - por todos os momentos incríveis que vivi durante esse mestrado. Nós rimos juntas, choramos juntas, nós apoiamos umas às outras e nos tornamos mais fortes, juntas.

À Alda e Ana Lúcia, que belas flores amarelas continuem desabrochando em nosso jardim.

Às demais colegas do PROFLETRAS, mulheres guerreiras, que têm minha sincera admiração.

Às professoras e aos professores da UFBA, no Mestrado PROFLETRAS, pela partilha de conhecimento, pelos ensinamentos para a vida e docência.

À banca dessa pesquisa, pelos direcionamentos e indicações de autores na qualificação, que enriqueceram meu trabalho.

**A minha pele de ébano é  
A minha alma nua  
Espalhando a luz do sol  
Espelhando a luz da lua**

**Tem a plumagem da noite  
E a liberdade da rua  
Minha pele é linguagem  
E a leitura é toda sua**

**Será que você não viu  
Não entendeu o meu toque  
No coração da América eu sou o jazz,  
Sou o rock  
Eu sou parte de você  
Mesmo que você me negue  
(Alegria da Cidade, Lazzo Matumbi)**

## RESUMO

Esta pesquisa, exigência do Mestrado Profissional ProfLetras-UFBA, foi materializada em um projeto de letramento voltado para o ensino de leitura de textos publicitários, envolvendo professora e estudantes do 9º ano, a maioria negras e negros, que estudam na Escola Municipal João Pereira Vasconcelos, localizada no Açuzinho/BA – comunidade litorânea periférica próxima à Praia do Forte - região praiana e turística na Linha Verde. O projeto em foco tratou a leitura concebida como um ato coletivo, social e centrada em formar leitores-autores, capazes de construir sentido e significado para a vida em sociedade e em sua extensão conjugou o estudo da língua como ação e prática social e a reeducação das relações raciais em atendimento a Lei 10639/03, que altera a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) e inclui no currículo oficial dos estabelecimentos de ensino básico das redes públicas e privadas do país a obrigatoriedade de estudo da temática da história e cultura afro-brasileira. Notadamente, os espaços destinados à população negra na publicidade ainda estão associados a discursos que veiculam imagens e ideias negativas, estereotipadas, reforçando o estigma a desvalorização de um segmento social e sustentando o racismo que ainda estrutura a sociedade em que vivemos. A pesquisa teve seu aporte teórico ancorado, principalmente, nas contribuições dos estudos sobre letramentos, de Kleiman (2007), Rojo(2012), Souza(2011), sobre identidade e questões raciais de Hall (2016), Gomes (2008), Munanga(2001) e sobre publicidade de Carvalho (2003), Borges (2012) e Kellner (2001). Metodologicamente, mais do que falar dos sujeitos envolvidos, essa investigação pretendeu falar com eles, favorecendo o diálogo, como ensina Paulo Freire (1980, 1996). As atividades aplicadas em sala, sempre problematizadoras favoreceram a ressignificação das imagens e sentido dos textos publicitários, segundo a vivência dos estudantes, ampliando sua visão sobre si mesmos e sobre o mundo que os cerca, colocando sob suspeita as concepções racistas e sexistas, ajudando-os a construir outras identidades sociais.

Palavras-chaves: Letramentos. Identidade. Textos publicitários. Negritude

## ABSTRACT

This research, required by the Professional Master's Degree ProfLetras-UFBA, was materialized in a lettering project destined to the teaching of advertising texts reading. The project included a teacher and mostly black 9th grade students who study at Escola Municipal João Pereira Vasconcelos located in Açuzinho/BA, a coast peripheral community near Praia do Forte which is a touristic region at Linha Verde. The target project treated reading perceived as a joint and social act centered in educating author-readers who are capable of creating meaning and significance to their life in society. In extension, it adjoined the study of the language with social praxis and reeducation of social relations in accordance with Law 10639/03. A law which amends the LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) and includes in the basic education official curriculum of the public and private schools of

the country the study of the afro-Brazilian history and culture as mandatory. Noticeably, the designed spaces to the black population in publicity are still associated with discourses which convey negative and stereotyped images and ideas which reinforce the devaluation of one social group and fortify the racism that still organize the society we live. The research had its theoretical framework mainly tightened to the lettering studies contributions from Kleiman (2007), Rojo (2012) and Souza (2011) about identity, from Hall (2016), Gomes (2008) and Munanga (2001) about racial questions and from Carvalho (2003), Borges (2012) and Kellner (2001) about publicity. Methodologically, more than to talk about the individuals involved, this investigation intended to talk to them, fomenting the dialogue, as teaches Paulo Freire (1980, 1996). The always-problematizing activities applied in class propitiated the reconstruction of the images and meaning of publicity texts, according to the experience of the students. Which came to broaden their view about themselves and about the world that surround them putting under suspect racist and sexist conceptions, helping them to build another social identities.

Keywords: Lettering. Identity. Advertising texts. Blackness



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1- UMA METÁFORA DA VIDA.....	11
FIGURA 2 - ANÚNCIO PUBLICITÁRIO DA CAMPANHA CONTRA O MACHISMO DESENVOLVIDA PELA SECRETARIA DE POLÍTICAS PARA AS MULHERES.....	18
FIGURA 3 - ANTES E DEPOIS DE MINHA TRANSIÇÃO CAPILAR .....	24
FIGURA 4 - ENSINO SUPERIOR E COR/RAÇA.....	30
FIGURA 5 - PRAIA DO FORTE, BA.....	32
FIGURA 6- LINHA VERDE, TRECHO DA RODOVIA BA-009 .....	33
FIGURA 7 - PRAÇA DO AÇUZINHO .....	36
FIGURA 8 - ESCOLA MUNICIPAL JOÃO PEREIRA VASCONCELOS. ....	36
FIGURA 9 - MOMENTO DE LEITURA NA PRAÇA DE AÇUZINHO .....	41
FIGURA 10 – PRINT SCREEN DO VÍDEO - COMERCIAL DA GARNIER FRUCTIS .....	52
FIGURA 11- PRINT SCREEN DA PÁGINA DA GARNIER NO FACEBOOK .....	54
FIGURA 12 - CARTAZ DO PROJETO AÇÃO EDUCATIVA .....	56
FIGURA 13 - MOSAICO DE IMAGENS REPRESENTANDO A DIVERSIDADE.....	57
FIGURA 14- MOSAICO DE ANÚNCIO DE COMPRA, VENDA, ALUGUEL E CAPTURA DE NEGROS .....	61
FIGURA 15 – MOSAICO QUE MOSTRA TRATAMENTO DESUMANO DISPENSADO A NEGROS .....	62
FIGURA 16- ANÚNCIO DO SABÃO FAIRY DE 1900.....	64
FIGURA 17 — ANÚNCIO DO CLORINOL DE 1890 .....	64
FIGURA 18 - ANÚNCIO DE REPRESSÃO À "VADIAGEM" .....	66
FIGURA 19 - LAYOUT DO SLIDE DO PROJETO.....	76
FIGURA 20 - QUESTIONÁRIO SOCIOECONÔMICO ONLINE .....	78
FIGURA 21 – MOSAICO DE FOTOS COM ALUNOS RESPONDENDO QUESTIONÁRIO NA SALA DE AULA .....	80
FIGURA 22 - GRÁFICO DE RESPOSTAS DO FORMULÁRIO GOOGLE. ....	81
FIGURA 23 - MOSAICO DE FOTOS COM ALUNOS REALIZANDO ATIVIDADE EM APLICATIVOS NO CELULAR.....	84
FIGURA 24 - EXIBIÇÃO DO FILME EM SALA DE AULA .....	85
FIGURA 25 - COMERCIAL DA RIACHUELLO EM HOMENAGEM AO DIA DA MULHER BRASILEIRA.....	88
FIGURA 26 - PRINT DO VIDEOCLIQUE DA MÚSICA BOA ESPERANÇA DE ÊMÍCIDA .....	94
FIGURA 27- ALUNOS REUNIDOS EM EQUIPE ANALISANDO OS ANÚNCIOS.....	98
FIGURA 28 - ANÚNCIO PUBLICITÁRIO DA BOMBRIL.....	99
FIGURA 29 - ANÚNCIO PUBLICITÁRIO DA PRONCOR. ....	100
FIGURA 30 - ANÚNCIO PUBLICITÁRIO DA SINAF SEGUROS.....	101
FIGURA 31 - ANÚNCIO PUBLICITÁRIO DA KGEPEL PAPÉIS.....	101
FIGURA 32 - ANÚNCIO PUBLICITÁRIO DO ARMAZÉM RESTAURANTE .....	102
FIGURA 33 - ANÚNCIO PUBLICITÁRIO DA OAB.....	103
FIGURA 34- PRINT DO COMERCIAL REALIZADA PELO GOVERNO DO PARANÁ NO MÊS DA CONSCIÊNCIA NEGRA.....	104
FIGURA 35 - ANÚNCIO PUBLICITÁRIO CONTRA O RACISMO FEITO.....	108
FIGURA 36 - ESTUDANTE EXPLICANDO SUAS IDEIAS PARA OS COLEGAS.....	108
FIGURA 37- FOTO TIRADA NO POSTO DE SAÚDE DE AÇUZINHO.....	109
FIGURA 38 - ANÚNCIO PRODUZIDO PELO ESTUDANTE RETRATANDO UM MÉDICO NEGRO .....	109
FIGURA 39 - ANÚNCIO PRODUZIDO NA BIBLIOTECA DA ESCOLA .....	110
FIGURA 40 – MOSAICO DO MAKING OFF DAS PRODUÇÕES .....	111
FIGURA 41 - EXEMPLO DE ANÚNCIO PRODUZIDO PELOS ALUNOS QUE RESSALTA A BELEZA NEGRA .....	112
FIGURA 42 - MOSAICO DE ANÚNCIOS PRODUZIDOS PELOS ESTUDANTES QUE RESSALTAM A VALORIZAÇÃO DO CABELO CRESPO E DA PELE NEGRA.....	113
FIGURA 43 – MOSAICO DE ANÚNCIOS PUBLICITÁRIO CONTRA O PRECONCEITO E A DISCRIMINAÇÃO RACIAL, PRODUZIDOS PELOS ESTUDANTES .....	114
FIGURA 44- MOSAICO DE ANÚNCIOS PRODUZIDOS PELOS ALUNOS .....	115

FIGURA 45 - ANÚNCIOS DE CONSCIENTIZAÇÃO SOBRE O PODER DA MÍDIA .....	116
FIGURA 46 - MOSAICO DE ANÚNCIOS SOBRE IGUALDADE RACIAL.....	117
FIGURA 47 - ANÚNCIO PUBLICITÁRIO SOBRE IDENTIDADE NEGRA.....	118
FIGURA 48 - ANÚNCIO SOBRE CONSCIÊNCIA HUMANA .....	119
FIGURA 49 – MOSAICO MOSTRANDO ESTUDANTES ENSAIANDO PARA AS APRESENTAÇÕES .....	120
FIGURA 50 – MOSAICO MOSTRANDO A COMUNIDADE ESCOLAR AJUDANDO NA MONTAGEM DOS ANÚNCIOS PUBLICITÁRIOS .....	121
FIGURA 51 – MOSAICO COM A COMUNIDADE ESCOLAR AJUDANDO NA MONTAGEM DOS ANÚNCIOS PUBLICITÁRIOS.....	122
FIGURA 52 - COMUNIDADE ESCOLAR CONTEMPLANDO OS ANÚNCIOS DA CAMPANHA .....	123
FIGURA 53 – MOSAICO COM FOTOS DA EXPOSIÇÃO DA CAMPANHA PUBLICITÁRIA PARA A COMUNIDADE. ....	124
FIGURA 54 - ESTUDANTES DO FUNDAMENTAL I OBSERVANDO OS ANÚNCIOS.....	124
FIGURA 55 - ALUNOS DANÇANDO PESADÃO DE IZA .....	124
FIGURA 56- ALUNOS DANÇANDO NEGRO LINDO DE PARANGOLÉ .....	124
FIGURA 57 - ALUNA DANÇANDO BALÉ AO SOM DE OLHOS COLORIDOS DE SANDRA DE SÁ .....	124
FIGURA 58- MOSAICO COM AS APRESENTAÇÕES DE POESIA .....	124
FIGURA 59 – ATIVIDADE FINAL DE ESCRITA DA ALUNA DC.....	124
FIGURA 60 - PRODUÇÃO FINAL DE ESCRITA DO ALUNO RP .....	124
FIGURA 61- PRODUÇÃO FINAL DE ESCRITA SEM IDENTIFICAÇÃO .....	124
FIGURA 62 – PRODUÇÃO FINAL DE ESCRITA DA ALUNA LD .....	124
FIGURA 63 – PRODUÇÃO FINAL DE ESCRITA SEM IDENTIFICAÇÃO .....	124
FIGURA 64 – PRODUÇÃO FINAL DE ESCRITA DO ALUNO AJ .....	124
FIGURA 65 - MOSAICO DE FOTOS EU&ELES, ELES&EU.....	124

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AC - Atividade Complementar

BA – Bahia

EAD - Ensino a Distância

EJA - Educação de jovens e adultos

FNDE Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

GAP – Grupo de Assessoria e Participação do Governo do Estado de São Paulo

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IFBA - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia

JPV - Escola Municipal João Pereira Vasconcelos

KKK - Ku Klux Klan

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

LP – Língua Portuguesa

MEC - Ministério da Educação

OAB - Ordem dos Advogados do Brasil.

PROFLETRAS - Programa de Mestrado Profissional em Letras

RH – Recursos Humanos

TV – Televisão

UFBA - Universidade Federal da Bahia

USA - United States of América, ou Estados Unidos da América

## SUMÁRIO

<b>1. Calce um tênis bem confortável e comece a trilhar .....</b>	<b>11</b>
<b>2. Na estrada, surge a doença que matou Rita .....</b>	<b>17</b>
<b>3. Quando as histórias se cruzam: minha trajetória .....</b>	<b>22</b>
<b>4. Os dois lados da estrada .....</b>	<b>32</b>
<b>5. Uma olhada no retrovisor - “Eu não gostava muito da senhora não, mas agora eu estou gostando” .....</b>	<b>39</b>
<b>6. Derrubando muros e expandindo horizontes .....</b>	<b>43</b>
<b>7. Construindo pontes e pavimentando novos caminhos: O início do Projeto .....</b>	<b>52</b>
<b>8. Os pés que aqui pisaram...Entre calos, lágrimas, suor e sangue.....</b>	<b>59</b>
<b>9. Traçando novos roteiros para continuidade dessa viagem.....</b>	<b>70</b>
9.1 Passo a passo: um após o outro. Descrição da Aplicação e Análise do Projeto de Letramento – Negritude do Poder .....	76
Batizando ruas e estradas pelas quais passamos: Como o projeto ganhou um nome .....	76
ETAPA PRÉVIA – Aplicação do questionário socioeconômico .....	77
APLICAÇÃO DA ETAPA 1 - Conhecendo o gênero discursivo: anúncio publicitário - Que caminho é esse? .....	83
APLICAÇÃO DA ETAPA 2 - Leitura Fílmica: Histórias Cruzadas .....	85
APLICAÇÃO DA ETAPA 3 - A publicidade no meio social: leitura de mundo .....	87
APLICAÇÃO ETAPA 4 – Diálogo com outros gêneros: a playlist do poder .....	91
APLICAÇÃO DA ETAPA 5 - Problematizando a imagem social do negro nos anúncios publicitários .....	97
APLICAÇÃO DA ETAPA 6: E se você fosse um publicitário? - Caminhando acompanhado para ir mais longe.....	107
Culminância do Projeto de Letramento Negritude do Poder: Semana da Consciência Negra - Etapa Final .....	119
<b>Considerações finais .....</b>	<b>128</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>134</b>
<b>Anexos .....</b>	<b>138</b>

## Projeto de Letramento NEGRITUDE DO PODER: Anúncios publicitários e a (des)construção de identidades dos estudantes do Açuzinho – Bahia

### 1. Calce um tênis bem confortável e comece a trilhar

*Desde o tempo em que me entendo por gente...* essa expressão eu aprendi com os mais velhos, acho que se refere a um tempo não muito específico, um início de consciência e maturidade, mas que a gente não sabe exatamente quando, só sabe que foi em algum momento, e importante. Enfim, *desde o tempo em que eu me entendo por gente*, nunca quis ser professora. Embora minhas brincadeiras de infância digam o contrário, eu sempre disse que não queria ser professora. Eu disse, por várias vezes: Como alguém diante de tantas profissões escolhe ser isso? Como alguém escolhe ir para a faculdade fazer Letras? Pelo amor de Deus, logo Letras? – Que língua, hein!. **Eu não escolhi ser professora, mas quando ser professora me escolheu** e quando ser professora se tornou quem eu sou, eu sabia que precisava fazer o melhor que eu pudesse, como quase tudo que fiz na vida. Entre tropeços, arranhões e joelhos ralados, eu sabia que precisava continuar caminhando e nunca me esquecer de aproveitar a paisagem, pois a melhor parte da viagem é o caminho, não o destino. Acho que por isso gosto tanto de fotografia, meu hobby.

Figura 1- Uma metáfora da vida



Fonte: Autora, 2011

Esse caminho, ora plano e tranquilo, ora íngreme e tortuoso, eu escolhi trilhar em conjunto, pois como diz certo provérbio africano “Se quer ir rápido, vá sozinho, mas se quer ir longe, vá acompanhado”. E quando falo em estar acompanhada é impossível não pensar nos sujeitos presentes em minha sala de aula. Antes de ouvir falar de letramento, de saber seus significados e implicações – conceito com o qual tive contato apenas nas aulas do mestrado, em 2015 - eu já pensava que apenas ensinar sujeito e predicado, orações subordinadas substantivas e outros assuntos da gramática normativa não era suficiente, não bastava para formar pessoas que sabem ler o mundo no sentido freireano. Eu até me orgulhava de saber bem esses assuntos e saber ensiná-los bem, mas quando pensava se e como isso faria diferença na vida desses estudantes um vazio me tomava.

Toda essa angústia foi muito proveitosa, pois me obrigou a procurar novos caminhos, rabiscar novos roteiros, novas paisagens. Debrucei-me nas ideias de Paulo Freire (1996) no livro *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa* que enfatiza a necessidade de uma reflexão crítica sobre a prática educativa que “envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer”, é pensar “criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”. (FREIRE, 1996, p. 43)

Foi esse pensar o primeiro passo para mudança que me fez chegar ao trabalho de pesquisa que ora apresento. Paulo Freire, que sempre defendeu uma educação democrática e libertadora e que significasse o fim da opressão e das desigualdades sociais, diz que “lavar as mãos” diante da opressão é reforçar o poder do opressor. (FREIRE, 1996) Desta forma, compreendi que faz parte sim das aulas de Língua Portuguesa desenvolver projetos que reflitam sobre as desigualdades sociais, busquem criar um mundo mais justo e igualitário que amplia as possibilidades de mobilizar as habilidades de leitura, escrita e oralidade para diversos fins cotidianos.

Por isso, o projeto de intervenção que desenvolvi ao longo dos meses teve como objetivo contribuir para que os estudantes de Açuzinho, que estão em minha sala de aula, pudessem ampliar suas capacidades de leitura bem como perceber como são veiculadas e construídas as ideias que nos fazem ser quem somos, que influenciam a constituição de nossas identidades sociais e raciais. Os objetivos específicos desse projeto envolvem desenvolver atividades que criem espaço para que esses sujeitos percebam através da leitura de gêneros discursivos, especialmente os anúncios publicitários, a imagem estereotipada do negro

associada a serviços braçais e domésticos, considerado inferiores, reconhecer a existência do racismo na sociedade brasileira e, principalmente, a importância da leitura no processo de transformação social.

O projeto foi desenvolvido junto a um grupo de estudantes do 9º ano na Escola Municipal João Pereira Vasconcelos, localizada no Açuzinho/BA – comunidade litorânea periférica próxima à Praia do Forte - região praiana e turística na Linha Verde. Tive o privilégio de ser professora da mesma turma por três anos consecutivos o que me deu oportunidade de ir aos poucos construindo intimidade com cada um e cada uma que participou da pesquisa e que me ajudaram a traçar o roteiro para continuidade dessa viagem que não se encerra com a entrega do Memorial.

Creio ser importante compartilhar alguns aspectos que nortearam o processo de aproximação com a turma, bem como os instrumentos de pesquisa e geração de dados.

Por se tratar de uma intervenção no cotidiano escolar, por entender que as realidades são distintas e não podem ser comparadas, assim como são complexos e dinâmicos os fenômenos humanos e sociais, optei por uma pesquisa qualitativa. Associada a essa abordagem trato aqui da pesquisa-ação que, segundo André (1995, p.33), “envolve sempre um plano de ação, plano esse que se baseia em objetivos, em um processo de acompanhamento e controle da ação planejada e no relato concomitante desse processo. Muitas vezes esse tipo de pesquisa recebe o nome de intervenção. ” Esse tipo de pesquisa objetiva implementar alguma ação que, a partir de uma necessidade ou problema detectado junto ao grupo de sujeitos participantes, possa trazer resultado, benefício ou melhoria para o grupo de participantes. Conforme André (1995, p. 33): Há, assim, um sentido político muito claro nessa concepção de pesquisa, partir de um problema definido pelo grupo, usar instrumentos e técnicas de pesquisa para conhecer esse problema e delinear um plano de ação que traga algum benefício para o grupo. ” Em diversas seções do Memorial será possível perceber que a pesquisa, muito longe de ser um protocolo a cumprir, serviu, e muito, como um aprendizado para as pessoas envolvidas e mais uma vez com André podemos afirmar que a houve uma “preocupação em proporcionar (...) um aprendizado de pesquisa da própria realidade para conhecê-la melhor e poder vir a atuar mais eficazmente sobre ela, transformando-a.” (1995, p. 33):

Dessa perspectiva fica explícito que se desejo compreender como os sujeitos fazem uso da leitura e seus discursos, bem como os efeitos dessa participação na formação de sua identidade social, preciso mergulhar nessa realidade, interagindo com os sujeitos envolvidos, a fim de entender lugares sociais ocupados, suas crenças, seus valores e ações, revelados no decorrer da pesquisa. E assim a pesquisa possui também um caráter etnográfico. Da etnografia nos interessa menos saber que ela pode ser entendida como a descrição de uma cultura, uma comunidade ou uma turma de uma escola, mas sim que o investigador etnográfico precisa compreender a maneira de viver do ponto de vista dos nativos da cultura em estudo. E na escola não se pode pensar ou agir de outra maneira.

Não é ao acaso que Mattos(2001), ao falar das contribuições da etnografia para o campo das pesquisas qualitativas, trata a cultura não mais como apenas um reflexo da sociedade, mas sim como um sistema que media as estruturas sociais e a ação do homem, e o que antes era encarado como objeto de pesquisa é agora sujeito agente, de participação ativa no processo modificador das estruturas sociais, imprescindível para significar o universo em pesquisa e exigindo do pesquisador, e de seu processo de questionamento, constante reflexão e reestruturação.

O enfoque metodológico explica-se pelo intuito de escutar a voz dos sujeitos - estudantes que não raras vezes em seu silêncio ou ruído em excesso chamam por espaço e legitimidade, mas também pelo intuito de provocar uma autorreflexão sobre minha prática docente, impulsionada pela consciência de que a escola, na maioria das vezes, desconhece os mecanismos que empregam diariamente para eternizar a desigualdade social, alimentando um ciclo vicioso das desigualdades e da exclusão, como é o cenário no qual circulo e que me motiva a interferir nessa realidade, buscar alterações, transformações.

Foi importante durante o processo de investigação, assumir uma postura de professora pesquisadora com um olhar e uma escuta sensíveis, capazes de encarar os alunos como o são: sujeitos detentores de conhecimentos, vivências e sentidos sobre si e o mundo. O agir com ética e responsabilidade envolveu ter compromisso transparência com respeito às informações e processo do projeto, como por exemplo, objetivos, uso de dados obtidos e divulgação dos resultados. Em relação aos instrumentos, a pesquisa contou com o uso do questionário para sondagem e levantamento de perfil socioeconômico com questões de respostas abertas e fechadas, permitindo a expressão de crenças, opiniões, ideias. Fora o questionário



também outros instrumentos foram utilizados, como por exemplo, anotações, gravações de áudio e vídeos, fotografias, atividades de escrita para registro da opinião e autoavaliação dos alunos, além de estratégias de trabalho em grupo. Durante toda a descrição das etapas, trago a transcrição das falas dos alunos, que foram retiradas tanto de atividades escritas quanto das gravações das aulas, por considerar de extrema relevância deixar em registro as vozes desses sujeitos protagonistas. É fundamental dispor de instrumentos específicos que focalizem o olhar do pesquisador para o que é singular ou surpreendente nas práticas dos sujeitos nas práticas de letramento, que muitas vezes nem tem precedente. De fato, A preocupação primordial é reunir um variado conjunto de informações, que aproxime pesquisador aos sujeitos, às suas histórias e práticas declaradas, à apreensão e compreensão de suas realidades e do contexto sócio-histórico em que estão imersos. (VÓVIO; SOUZA, 2005)

Todos os instrumentos foram importantes nas diversas etapas do projeto Negritude no poder, que foram seis ao todo.

ETAPA 1 – Conhecendo o gênero textual publicitário

ETAPA 2 – Leitura Fílmica: Histórias Cruzadas

ETAPA 3 – A publicidade no meio social: leitura de mundo

ETAPA 4 – Diálogo com outros gêneros: a playlist do poder

ETAPA 5 – Anúncios publicitários e a imagem do negro na publicidade

ETAPA 6 – E se você fosse um publicitário?

FINALIZAÇÃO – Culminância do Projeto Negritude do Poder

Mais do que coletar dados, esse projeto pretendeu interpretar, compreender e analisar criticamente as práticas pedagógicas. Mais do que falar sobre os sujeitos envolvidos, essa investigação pretende falar com eles, permitir o diálogo entre as partes, construindo um ambiente propício para isso. Por se tratar de uma investigação uma forte interação social entre os sujeitos - investigador (educador), estudantes, funcionários da escola - esta é denominada observação participante, pois tendemos a compreender e interpretar os fenômenos educativos quando estamos emersos na cultura local.

Olhar para o processo me deixa num misto de satisfação e inquietação. Até mesmo na escrita do memorial. Mas, vamos lá!

Na introdução, venho falando do projeto e do enfoque metodológico, posteriormente, mostro como comecei a pensar o projeto, destaco aspectos importantes da minha formação profissional, descrevo o território onde se deu a pesquisa, a escola e o perfil dos estudantes. Posteriormente trago sobre as discussões, autores e autoras que me auxiliaram para sustentar e discutir as seguintes questões sobre Linguagem, Letramento, texto publicitário, questão raciais. Em seguida, exponho como planejei as atividades do projeto e depois sigo com descrição e análise das atividades, bem como seus resultados. Você, meu convidado, sinta-se à vontade para embarcar comigo nessa viagem.

## **2. Na estrada, surge a doença que matou Rita.**

Tive o privilégio de trabalhar com a mesma turma por três anos. A ideia do projeto nasceu 2015, logo depois de ingressar no Profletras, sem ainda saber ao certo o que teria que enfrentar nos dois anos de Mestrado, comecei a ver e ouvir os meninos e meninas e perceber que a leitura do texto multimodal ainda era pouco explorada na escola, embora estivesse tão presente nas nossas vidas.

As práticas sociais exigem de nós a habilidade de leitura de textos construídos por diferentes modalidades semióticas, que incluem escrita, imagem, gráficos, sons e cores. Para isso é necessário compreender as relações entre os recursos e atribuir sentido a tais textos, que nos cercam cotidianamente. Nas ruas, nos deparamos com uma densa paisagem semiótica - conjunto de objetos comunicativos elaborados e posicionados, propositalmente, com o objetivo de nos fazer produzir sentido, nos atingir. Os textos publicitários são exemplos disso. A interação entre formato, posição, letras, cores, imagem, entre outros recursos são essenciais para a compreensão e produção de sentido. E não podemos deixar de lado os fatores extratextuais - muito importantes para esse trabalho - como a questão social, cultural e política. É a interação entre essas dimensões que determinam as estratégias de construção textual e para compreendê-lo é necessária uma leitura multimodal, ou seja, estabelecer relações entre todas e cada uma das modalidades semióticas de um texto e seu papel no processo de construção de sentido. Assim, visto que modalidade semiótica remete à pluralidade dos recursos de comunicação para produzir sentido, podendo reforçar umas às outras, por comunicar o mesmo sentido de modos diferentes, entendemos aqui multimodalidade como o uso dessas diversas modalidades que podem ser combinadas e podem interagir em textos e contextos específicos. (QUINTANA; SOUZA; PEREIRA, 2015, p. 30-56)

Essa preocupação inicial surgiu de uma indagação de um estudante sobre o conteúdo de um outdoor, um dos muitos que estão espalhados pelas cidades, que gerou uma discussão acalorada em sala de aula e despertou meu interesse pelo que os jovens fazem com a leitura no dia a dia.

A indagação: Professora, o que é machismo? Vi na placa que as mulheres estão morrendo disso? É alguma doença?

**Figura 2 - Anúncio publicitário da campanha contra o machismo desenvolvida pela Secretaria de Políticas para as Mulheres**



Fonte: <http://www.sinaprobahia.com.br>

O aluno estava se referindo ao outdoor acima, disposto na entrada da Praia do Forte, que faz parte de uma campanha do Governo do Estado da Bahia contra o machismo e a violência contra a mulher. E a discussão em sala de aula foi longa no sentido de mostrar os detalhes do cartaz que fazia referência a uma política de conscientização, que falava de mulheres, de mulheres negras em sua maioria, de relações de gênero, de como rejeitar padrões estereotipados e outras questões.

O interesse da sala mostrou que a dúvida que o estudante trazia não era apenas dele, mas se muitos ali, e também certamente de grande parte da população, pois o discurso publicitário utilizado nos anúncios é, muitas vezes, complexo, cifrado e ainda que trate de temas da vida dos sujeitos, nem sempre é compreendido. Quais efeitos pode ter um outdoor?

Para começar, é importante ressaltar a diferença entre publicidade e propaganda. Neuza Gomes (2001) descreve a publicidade ela “como atividade mediante a qual bens de consumo e serviços que estão à venda se dão a conhecer, tentando convencer o público da vantagem de adquiri-los. ” (p.115) Já propaganda, “consiste num processo de disseminação de ideias através de múltiplos canais, com a finalidade de promover no grupo ao qual se dirige os objetivos do emissor” (p. 117), a intenção é reforçar ou modificar comportamentos ideológicos, que podem ser religiosos, políticos ou filosóficos. O interessante neste caso é que, segundo autora, esta informação persuasiva deve ser veiculada nos meios de comunicação, porém não necessariamente em forma de anúncios – diferente da publicidade – pode vir sem identificação do promotor e fora do espaço formal – distinguindo-se da publicidade – disfarçada de reportagens, editoriais, incluída nos filmes, peças de

teatro, artes, ou até mesmo nas salas de aula, através da seleção ou enfoque de conteúdos didáticos. (GOMES, 2001). Baseado nesses conceitos, utilizo o termo publicidade para se referir a atividade com objetivos comerciais de venda e produtos e serviços, e propaganda para fins ideológicos.

Sabemos que no que tange a publicidade ela, simplesmente, está ali, presente em nossas vidas. Nós lemos, vemos, assistimos, mesmo sem querer. Ninguém acorda e diz “hoje, estou com vontade de ler uns anúncios publicitários” ou “vou ligar a TV para assistir algumas peças publicitárias”. A publicidade não pede licença a ninguém. Ela está lá, nas estradas cheias de outdoor, na TV entre uma programação e outra, ocupando as páginas das revistas, piscando nas laterais dos blogs e antes dos vídeos do Youtube. Ela está lá, dizendo o que você deve vestir, usar, comer, pensar, dizendo que você está fora do padrão, dizendo o que deve ser considerado feio e bonito, adequado e inadequado, dizendo o que não serve mais e deve ser descartado, agora aproveite e compre outro, mais bonito e mais inovador. A publicidade vende sonhos, vende felicidade, vende identidades.

Kellner (2001) diz que as imagens, sons e espetáculos veiculados pela mídia, entrelaçam a vida cotidiana, dominam o tempo de lazer, modelam opiniões políticas e comportamentos sociais, e fornecem o material com que as pessoas forjam sua identidade. A cultura da mídia fornece modelos de gênero, raça, beleza, nacionalidade, sexualidade, classe e etnia. “ É um terreno de disputa no qual grupos sociais importantes e ideologias políticas rivais lutam pelo domínio, e que os indivíduos vivenciam essas lutas por meio de imagens, discursos, mitos e espetáculos veiculados pela mídia. ” (p.10,11). Quanto as imagens presentes nas culturas das mídias, o que inclui a publicidade, “são multidimensionais, polissêmicas e ideologicamente codificadas, abertas a várias leituras, capazes de expressar a mercadorização da cultura e as tentativas do capital de colonizar a totalidade da vida, desde o desejo até a sua satisfação. ” (KELLNER, 2001, p.323). Isso me fez pensar como a publicidade tem influenciado os sujeitos em minha sala de aula?

Sabemos a formação identitária dos sujeitos ocorre em duas diferentes esferas: a pessoal – as experiências do indivíduo – e a coletiva – as relações sociais e culturais nas quais o indivíduo está inserido. Esse processo permanentemente inacabado sofre reconstruções e reelaborações a partir das práticas sociais. É por isso que Stuart Hall (2005), que não nos deixa enganar, ao falar sobre o processo de produção de identidades, diz que elas são formadas e transformadas repetidamente

em relação como somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. Hall (2005) dizer que

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (HALL, 2005, p. 13)

Deste modo, os processos de mudanças pelos quais passam nossa sociedade pós-moderna têm gerado instabilidade nas identidades dos sujeitos. Essas identidades são aceitas, negadas, manipuladas, reivindicadas em diferentes situações que envolvem o nosso cotidiano.

E falando de sistemas culturais, é notória a influência cada vez mais forte da mídia na construção da identidade social dos sujeitos. Ninguém atualmente está imune ao poder ou influência midiática que a todo instante nos diz o que fazer, o que vestir, como agir, no que crer e nos oferece uma série de informações que podemos ou não nos localizar, compreender. Ao se referir ao papel da mídia e sua presença incisiva em nossas vidas, pode-se dizer que os sistemas midiáticos se tornaram vetor majoritário das sociedades ocidentais, assim “em tempo de inegável supremacia da técnica, inundados de rápidas transformações, a cultura das mídias instaura novas formas de sociabilidade”. (BORGES, 2012, p. 186) Dessa forma é notório afirmar que assuntos e temas que circulam no tecido social são fornecidos, sobretudo, pela mídia.

Em meio a essa profusão de informações, faz-se necessário exercitar uma leitura crítica e reflexiva, que permita um pensamento autônomo sobre o mundo que nos cerca e sobre nós mesmos. Saber ler criticamente é essencial para todos, em especial para os jovens em formação que estão em nossa sala de aula. Esse é um dos papéis da escola, especialmente da área de Língua Portuguesa.

A escola, como ainda espaço privilegiado de construção de conhecimento, tem de refletir a respeito de tal realidade como está ou não jovens preparados para lidar com toda essa informação e influência social as quais estão expostos? A escola, e principalmente as aulas de Língua Portuguesa, deve promover esse processo de aprendizagem de ler o mundo. As atividades de Língua Portuguesa realizadas em sala de aula devem ajudar na construção de um leitor crítico e reflexivo.

Sem dúvida, são muitos os desafios encontrados em sala de aula do Ensino Fundamental 2, mas um dos maiores é a dificuldade de compreensão, de interpretação, de percepção da multiplicidade sentidos que a leitura de um texto pode produzir.

A pergunta feita pelo estudante me fez refletir: Precisamos ensinar a ler esse tipo de texto e essa tarefa vai muito além do que muitas vezes fazemos em sala, com leitura de textos seguida de questões muitas propostas pelo livro didático. Esse foi um desafio que escolhi encarar no PROFLETRAS, ajudar meus estudantes a lerem textos publicitários que tem a ver com sua formação identitária social, discutindo quais questões, de dentro e fora da sala de aula, estão presentes na vida deles, e também nas revistas, nos outdoors, na internet e nos jornais. De novo, o aluno no centro da roda nos obrigando a literalmente rever nossos conceitos. Foi o que mais fiz nos últimos 24 meses depois que comecei a investir no projeto de letramento que me desafiou no exercício de tornar-me professora-pesquisadora. E tornar-me professora-pesquisadora-negra.

### 3. Quando as histórias se cruzam: minha trajetória.

Nasci em Salvador- BA, sou filha de uma dona de casa que sonhava em fazer escola técnica, mas que desistiu por ter engravidado, e de um soldador que estudou até a quarta série e veio, aos quinze anos, do interior para cidade grande para tentar a sorte na vida. Sou a terceira filha, primeira sobrevivente depois de dois natimortos, desde sempre já me preparava, sem nem saber, com a obstinação necessária que a vida me exigiria.

Menina negra – embora ninguém houvesse me alertado sobre isso -, pequena, rodopiava pela sala com a toalha sobre a cabeça. Numa brincadeira, imaginava ter cabelos longos e lisos, como das minhas bonecas, como das princesas brancas da Disney e dos contos de fada. Mas os meus cabelos pareciam não se importar muito com os meus desejos, cresciam cheios, volumosos e num ato de rebeldia – contra mim, pensava – se encaracolavam feito molas. “Sair à rua com cabelos soltos, parecendo uma bruxa?! De jeito nenhum!” Na época, isso era impensado. Alisei aos 12 anos. Os produtos usados eram tão fortes que queimavam a pele e o cheiro, então... ninguém me ensinou a gostar deles, a entendê-los, a aceitá-los. O sentimento de aceitação não somente do cabelo, mas também do nariz arredondado, dos ombros largos e dos lábios grossos, só vieram muito tempo depois.

Para mim foram anos de tentativas, relaxamento, alisamento, escova definitiva, selantes, ferro - famosa chapa de ferro era esquentada diretamente no fogão e passada nos cabelos para alisar e que, sim, muitas vezes queimavam minha cabeça - secador, chapinha...tanta violência contra meu próprio corpo a fim de me aproximar ao máximo de branquitude que não é e nunca foi minha. Quase duas décadas tentando ser outra pessoa, em outro corpo, com outra identidade. Aquela identidade que a sociedade me impôs, a mídia me ofereceu sem possibilidade de devolução. A identidade que me fazia sentir segura ao frequentar shopping, entrar numa loja chique que me fazia me sentir gente. Tantas tentativas custaram a saúde dos meus cabelos que se tornaram cada vez mais opacos, sem brilho e quebradiços. Quanto mais eu alisava, mais eles caíam. Achei que fosse ficar careca. E foi no desespero que comecei a pesquisar na internet sobre como manter o cabelo natural e, para minha surpresa, eu não estava sozinha.



Depois de um tempo descobri blogs, canais no Youtube e páginas no Facebook mostrando que milhares de mulheres havia também tomado essa decisão, não sem sofrimentos. Entre dicas e apoio moral, me senti representada por histórias semelhantes a minha, de anônimas e famosas, como Tais Araújo e Sheron Menezes, atrizes negras da televisão brasileira. Decidi não mais alisar o cabelo. Mais do que isso, pude aprender as questões envolvidas nesse processo que vão muito além de questões biológicas e estéticas. O cabelo assim como o corpo, são símbolos da identidade negra, utilizados pela cultura na construção da representação social e da beleza do negro/a na sociedade.

Segundo Nilma Lino Gomes (2008), em seu livro *Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolo da identidade negra*, o drama do cabelo crespo na sociedade brasileira é um reflexo do conflito racial vivido por pessoas negros e negras e brancos e brancas em nosso país. A autora prossegue afirmando que o cabelo do negro, visto como “ruim”, é expressão do racismo e da desigualdade racial sofrida por esse sujeito. Ver o cabelo do negro como “ruim” e do branco como “bom” expressa um conflito. Por isso, mudar o cabelo pode significar a tentativa do negro de sair do lugar da inferioridade e submissão para assumir um sentimento de autonomia, expresso nas formas ousadas e criativas de usar o cabelo, como por exemplo, um black volumoso e alto e o uso de turbantes coloridos. Então, não é só “cabelo”, é a construção de identidades, identidade social, racial, de gênero. É também um percurso na estrada.

Enfrentar a transição capilar não foi nada fácil. Nesse período, o cabelo tem duas estruturas bem diferentes em uma só cabeça: raiz crespa e pontas alisadas. A cobrança dos familiares e amigos para eu “arrumar o cabelo”, não ajudava em nada na minha autoestima. Optar pelo big chop – grande corte, retirando toda a parte alisada do cabelo, deixando só o natural – também exigiu de mim coragem, determinação, força de vontade e muita, muita, paciência. Além de autoconhecimento, porque ir ao mercado e escolher o shampoo do comercial de TV para cabelos lisos, nunca fez o menor sentido. Agora eu precisava mais do que nunca conhecer meu tipo de cabelo – sim, eu não fazia ideia de como era mais – e a partir daí cuidar dele devidamente.

Aos poucos, o sentimento de autoaceitação foi surgindo e passei a me orgulhar do meu cabelo. Era mais do que uma mudança de visual, era uma ação afirmativa de uma identidade negra. Identidade que começava a surgir. Eu tenho a África

estampada no meu corpo, mas eu não via. Como assim eu não via?! Hoje pergunto a mi mesma: Você parece que não tinha espelho em casa. A mudança não era mais só física, estava presente no meu discurso. Comecei a servir de referência para outras pessoas que também não queriam mais alisar o cabelo.

**Figura 3 - Antes e depois de minha transição capilar**



**Fonte: Acervo pessoal da autora, 2012/2015**

Alunas, amigas, conhecidas, colegas de trabalho, pessoas que só precisavam de umas dicas e mais palavras de apoio e encorajamento. Sempre tive em mente que não é justo nem amoroso trocar uma ditadura do alisado pela ditadura do natural, como se todo mundo tivesse por obrigação seguir esse ou aquele padrão. Impor padrão de beleza é desrespeitar os direitos individuais, é desrespeitar o direito de cada um aceitar ou rejeitar tal identidade, é, inclusive, se achar superior e inferiorizar qualquer um que não se enquadre nesses padrões. Agir assim é dar continuidade ao círculo vicioso da opressão.

Nascer em um país onde brancos e negros, ricos e pobres, elite e periferia vivem em lados opostos da estrada não é nada fácil. A conscientização, recuperação e aceitação de uma identidade social é um processo muitas vezes doloroso, porém necessário, pois abre caminho para novas conquistas. Estudei em escola particular até os sete anos de idade. Era uma época de muita dificuldade

financeira para minha família. Meu pai ganhava pouco e ainda tinha de tirar dinheiro do sustento para comprar livros didáticos, materiais escolares, fardamento e mensalidade. Sempre me senti deslocada na escola, como se fosse diferente, estivesse ali, mas não fizesse parte. Não sei explicar ao certo aquele sentimento, pois era apenas uma criança, apenas sentia e ainda posso sentir. Sempre fui muito dedicada aos estudos e tirava notas boas. Meus pais se orgulhavam ao receber meu boletim.

Meu irmão chegava à idade escolar e meus pais não podiam manter a mensalidade dos dois. Então, aos oito anos fui para a escola pública cursar 3ª série do ensino fundamental e não foi fácil. O ensino público me acompanhou até o 3º ano do ensino médio. Quando faço uma retrospectiva dos meus professores e das aulas no ensino público, percebo que dificuldades enfrentadas por eles eram muitas. O foco sempre foi o conteúdo principalmente nas aulas de Língua Portuguesa, os gêneros discursivos, e sua diversidade, eram ofuscados pelo estudo da gramática normativa. Esse foi o meu modelo. As aulas se restringiam ao uso do quadro de giz e do livro didático que, às vezes, chegava apenas durante segunda unidade. O mais inovador, se é que posso dizer assim, estavam nas peças e nos seminários, solicitados pelos professores como atividades avaliativas, mais no ensino médio. Naquela época, os recursos eram mais escassos do que hoje, meus professores não possuíam data-show, TV, nem outros recursos para tornar as aulas mais interativas. Mas minha relação com meus professores era pautada no respeito, no afeto, no diálogo, e que influenciou muito no tipo de professora que sou hoje.

No ensino médio, cursei formação geral. Embora a escola tivesse magistério, ser professora estava fora de cogitação para mim naquela época. Nesses três anos, tive bons professores. Inclusive tive uma excelente professora de Língua Portuguesa que fez um trabalho de releitura do livro *A moreninha* para os tempos atuais. Interessante é que mais de dez anos depois essa professora se tornaria minha colega de trabalho.

Os desafios dessa época foram muito também. Muitas vezes não tínhamos professores de física, química, matemática. E quando surgia o professor da disciplina era para passar um trabalho e pôr as notas na caderneta. Essa situação representava um estrago para quem iria cursar o vestibular e concorrer com alunos de escolas particulares. Além do que, vestibular nunca foi o foco da escola. Nós nunca fomos incentivados, treinados e preparados para isso. Era como se em um

currículo nada oculto, a escola acreditasse que não éramos capazes. Como se dissessem: “Vestibular? Universidade? Isso não é pra vocês!” E eles fizeram um bom trabalho, porque eu acreditei nisso. Nunca achei que fosse capaz de cursar uma universidade, principalmente federal. Não era para mim, não era o meu lugar. Não havia sinal verde para mim

No terceiro ano, ano 2000, eu estagiei, gostei de trabalhar e ter meu próprio dinheiro. Então, visto que achei que não tinha chances de concorrer no momento, com outros alunos e meus pais não tinham condições de pagar um cursinho pré-vestibular, desisti de cursar faculdade e fui à busca de um emprego. Hoje me arrependo da decisão e percebo o quanto os jovens de hoje precisam de orientação e incentivo. Tive sorte pois minha família sempre me incentivou a estudar, porém como ninguém nunca havia cursado o ensino superior, consideravam importante até o “segundo grau”, atual ensino médio.

Mas a ideia de cursar uma universidade ficou em minha mente. Assim, em 2006, fui aprovada no projeto Universidade para Todos, curso preparatório criado pelo governo do Estado da Bahia através do Decreto nº 9.149, de 23 de julho de 2004, em parceria com as algumas Universidades Estaduais. Além das aulas das disciplinas Português, Redação, Matemática, Física, Química, Biologia, Literatura, Língua Estrangeira (Inglês ou Espanhol), História e Geografia, o programa disponibilizava material didático e fardamento para estudantes concluintes e egressos do ensino médio da rede pública estadual, auxiliando-nos em processos seletivos de ingresso ao ensino superior. Na época, eu trabalhava numa empresa de telemarketing e com o salário ajudava minha família, e não podia pagar um cursinho pré-vestibular. Isso mostra quão importante são políticas públicas afirmativas como essa para que jovens da periferia tenham acesso à educação, à continuidade dos estudos.

E fui feliz nesse tempo apesar de que estudar e trabalhar não era nada fácil. Mas ninguém disse que seria. A minha rotina era: casa, ônibus cheio, bolsa pesada, marmitta, trabalho, livros, caderno, marmitta, escola. Perdia sempre o primeiro horário do cursinho por conta do trabalho. Fui à direção da escola em que eu fazia o curso, para conseguir uma autorização para entrar depois do horário, mas a resposta que eu obtive foi: “se eu abrir uma exceção para você, terei que abrir para todos”. Compreendi. Mas ali tive bons professores e pela primeira vez senti como se

possível para mim. No curso, relembrei muitos assuntos e aprendi outros que nunca tinha visto durante o ensino médio.

Por meio da minha nota obtida no Enem consegui uma bolsa integral no curso de Letras EAD pela Faculdade de Tecnologia e Ciências, por meio do Prouni - Programa Universidade Para Todos que tem como objetivo oferecer bolsas de estudo em instituições privadas de ensino superior e mais uma vez usufrui de políticas públicas. Nem sei por que razão eu escolhi Letras, só sei que não foi a minha primeira opção, apesar de meu contato com o ensino ter vindo desde cedo, pois eu e minha mãe sempre demos reforço escolar para ajudar em casa. E talvez por conta da experiência, eu só tinha uma certeza: definitivamente não queria ser professora. Mas não podia perder a oportunidade. Nesse ínterim, fui aprovada no IFBA – para o curso técnico de Petróleo e Gás. Era a primeira pessoa da minha família a fazer um curso superior e ser aprovada em uma instituição federal. Pois bem cursei os dois. Na prática, pude perceber a grande diferença na qualidade do ensino entre uma instituição federal e uma instituição estadual. Enquanto nas escolas estaduais em que estudei, meus professores tinham que praticamente fazer mágica com apenas um piloto, no IFBA era notório que todo o aparato tecnológico, a infraestrutura e a valorização dos professores contribuíam para um ensino significativo. O problema, no entanto, surge quando pensamos que tudo isso não deveria ser direito de poucos, e sim de todos.

O curso do IFBA me testou ao máximo, nunca estudei tanto química, física e matemática. De um lado, o sentimento de estar concretizando o sonho antigo de minha mãe, misturado à esperança de ganhar muito dinheiro explorando petróleo. Do outro lado, num polo oposto, o curso de Letras mais humano, mais leve, e que me conquistou.

Nunca fui de fazer nada pela metade, então me dedicava muito aos estudos, e acho que mais ainda a minha graduação em Letras. Cada vez mais fui me aproximando da docência e me distanciando da indústria. Nunca trabalhei na área de petróleo e gás. E embora não tenha escolhido ser professora, acho que “o ser professora” me escolheu e acabei assumindo a docência sabendo dos grandes desafios que pela frente. Sabia que minha vida profissional não seria fácil e que precisaria constantemente provar que sou uma profissional capacitada, por conta do preconceito que ainda existe a respeito da educação à distância. Por ser negra e

vinda da periferia sentia que precisava ser duas vezes melhor. E você só vai entender isso se for negra. Agora, eu precisaria ser um pouco melhor.

Dediquei-me muito. Estudei a gramática, me especializei e me tornei muito boa em ensinar oração subordinada substantiva e afins. Achava que ser uma boa professora era sinônimo de ser rigorosa, elaborar provas difíceis, saber os conceitos gramaticais de cor, manter uma distância afetiva dos alunos e estabelecer papéis bem distintos nos quais eu professora ensino e eles, os estudantes, aprendem. Eu fui me tornando essa professora, mas, com o tempo, percebi que isso estava longe de ser o suficiente, embora não soubesse ao certo o que estava faltando. Só fui começar a entender do que se tratava durante ao final do primeiro semestre do mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS da Universidade Federal da Bahia - UFBA, destinado a professores de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental das escolas públicas do Brasil que, conforme aparece no site oficial, é um programa oferecido em rede nacional que visa à capacitação de professores de LP para o exercício da docência, com o intuito de contribuir para a melhoria da qualidade do ensino no país.

O PROFLETRAS trouxe muita novidade para mim e confesso que ainda estou sedimentando os conhecimentos em minha cabeça. Cada aula, cada leitura, cada diálogo, uma nova peça no quebra-cabeça, ampliando a minha autorreflexão sobre mim mesma, sobre ser docente e pesquisadora e sobre o papel da língua portuguesa na educação básica visando à formação de cidadãos. Pela primeira vez pude começar a perceber uma tão necessária aproximação entre as teorias, as abordagens e a realidade escolar, com o objetivo de auxiliar os educadores a lidar com os muitos desafios cotidianos enfrentados na sala de aula. Desde então tem sido um construir e desconstruir permanentemente. Espero que assim seja sempre. Se antes eu sonhava em “chegar lá”, hoje sei que esse lugar não mais me basta.

Pensar no uso da língua voltada para as práticas sociais, na perspectiva do letramento, que possa atender as reais necessidades dos estudantes e ampliar suas competências comunicativas para que exerçam seus papéis e tenham direitos como cidadãos requer mais que trabalhar em sala de aula com classificação de oração subordinada substantiva, requer trabalhar a língua, e sim a gramática, a partir da interação social. Entender isso me fez repensar e ressignificar minhas práticas docentes e um dos princípios que considero importante é conhecer quem são os alunos que estão em sala de aula.

Aos poucos comecei a levar em conta o cotidiano dos alunos, seus conhecimentos prévios, seus interesses, suas vozes e que, sim, faz parte da minha função não apenas favorecer a aprendizagem dos estudantes, e, quem sabe, possibilitar que esses estudantes resgatem a autoestima e a confiança em si mesmos e em suas potencialidades. Um trabalho de tal envergadura se faz por meio de projetos como os desenvolvidos no ProfLetras.

Para nós, docentes, uma das questões essenciais é, cada vez mais, podermos preparar projetos que possam ir muito além da decodificação de palavras e sentenças, se aproximando dos discursos que circulam na sociedade, sobretudo textos publicitários que como pretendo mostrar é importante num território turístico como a Linha Verde em que a publicidade visibiliza apenas um lado da estrada e nos obriga a indagar: “Linha verde? Para quem? ”.

Em uma sociedade marcada pela desigualdade, uma educação de qualidade traz a igualdade de oportunidades como peça chave da luta de movimentos sociais que visam promover a emancipação, a valorização das culturas e, também, a mobilidade social. Educação para todos consiste não apenas em acesso à escola, bem como a permanência e a possibilidade de uma trajetória de sucesso. Educação para todos consiste em conhecer e valorizar a diversidade e pluralidade cultural e racial. No entanto, instituições escolares ainda legitimam, divulgam e mantêm padrões elitistas, seus valores, conhecimentos centrados no eurocentrismo, dando poder a quem sempre teve poder. Os números revelam que ainda há um enorme abismo social entre brancos e negros. Os avanços alcançados nos níveis de educação e rendimento, bem como um resgate da identidade racial por se observar um aumento da população que se autodeclara negra e parda não alteraram significativamente o quadro de desigualdades raciais. Embora a taxa de analfabetismo tenha caído para todos os grupos, os números ainda são muito elevados. Segundo dados do IBGE, em 2010, os percentuais de pessoas de 10 anos ou mais de idade sem instrução e ensino fundamental incompleto corresponde a pouco mais de 42% dos brancos e mais de 56% e 57% para pretos e pardos, respectivamente.

Figura 4 - Ensino Superior e Cor/Raça



Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000/2010

Em relação à proporção das pessoas que frequentavam ensino superior, o gráfico acima (IBGE) permite observar um considerável aumento para pretos e pardos de 2000 a 2010, em parte devido aos baixos valores do início da década, quando apenas uma de cada 50 pessoas estava na universidade e para brancos este valor era quatro vezes maior.

Em 2010, constatou-se uma redução na desigualdade relativa entre os grupos raciais, mas também a persistência da distância entre os que frequentam universidade, de 6 a 7 pontos percentuais favoráveis aos brancos. Como efeito dessa desigualdade, o Censo Demográfico 2010 mostrou que quase 13% das pessoas de 10 anos ou mais de idade de cor ou raça branca foi a que mais completou o ensino superior, enquanto que apenas 4% da população de pretos e pardos dessa faixa etária haviam alcançado o mesmo nível de estudo. Dessa maneira, verificou-se que 73% das pessoas de 10 anos ou mais de idade com ensino superior completo era branca, e menos de 25%, eram pretos e pardos.

Esses dados revelam que, de fato, uma educação para todos não pode fechar os olhos para a discriminação racial e seus efeitos. Assim, em resposta a reivindicações de grupos de movimentos sociais negros “que cumprem uma importante tarefa não só de denúncia e reinterpretação da realidade social e racial brasileira como, também de reeducação da população, dos meios políticos e acadêmicos”, foi sancionada, em janeiro de 2003, a Lei 10.639 que altera a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) e inclui no currículo oficial dos



estabelecimentos de ensino básico das redes públicas e privadas do país a obrigatoriedade de estudo da temática da história e cultura afro-brasileira.

A escola, com seus currículos engessados, nega e silencia a cultura negra como se dissessem que esta não é tão importante a ponto de ser discutida em sala. Porém, com a introdução da Lei nº 10.639/03 – não como mais disciplinas e novos conteúdos, constitui-se sim como uma mudança cultural e política no currículo escolar e uma possibilidade de romper o silêncio discriminatório. Obviamente, assim como qualquer mudança, ainda é lenta e nós, professores, ainda nos sentimos tímidos e despreparados diante do desafio. Essa é uma verdade para mim. Ainda que tenha feito algumas discussões a respeito, bem como algumas leituras e reflexões, ressalto que é quase uma novidade e que venho tomando mais coragem de encarar a problemática após minha inserção no mestrado profissional e o contato com alguns pressupostos, conceitos e materiais afins. Para mim também a constatação das desigualdades raciais e seus efeitos na educação foram algo recém-descoberto, mas que entrou definitivamente em minha prática profissional.

Para alterar o quadro do não saber é urgente indagar: qual seria a função da leitura nesse contexto escolar no qual a desigualdade ainda é realidade?

Compreende-se melhor quando se conhece um pouco mais sobre a Linha Verde em especial, Açuzinho, comunidade onde se localiza a escola que eu leciono. Isso é o que faremos agora.

#### 4. Os dois lados da estrada

De um lado, o Litoral Norte da Bahia. Praias, como a Praia do Forte, Imbassai, Sauípe, Massarandupió, são conhecidas pela sua exuberante beleza natural, é destino certo para veranistas e turistas, brasileiros e estrangeiros. Mar calmo, águas cristalinas e quentes, rios, lagoas, costas de coqueiros, belos resorts, além do verde da mata nativa, formam o cenário que se tornou sinônimo de empreendimento de turismo e lazer. A cada passo, são vendidos por metro quadrado muitos sonhos que poucos podem sonhar, basta uma breve pesquisa na internet para observar os valores altíssimos se comparados com os salários mínimos dos trabalhadores locais.

**Figura 5 - Praia do Forte, BA**



**Fonte: Autora, 2013**

Após a Estrada do Coco que fica, nas imediações do Aeroporto Internacional Deputado Luís Eduardo Magalhães, em Salvador, cortando os municípios de Lauro de Freitas e Camaçari, tem início a longa estrada BA 099, chamada Linha Verde, que se estende da Praia do Forte, no município de Mata de São João, até o povoado de Cachoeira do Itanhim, município de Jandaíra, divisa com Sergipe.

Este nome de Linha Verde, além de fazer referência à extensa vegetação típica da Mata Atlântica, fez-me também refletir sobre a linguagem e seu poder perante questões sociais e identitárias. Sabe-se que a relação entre nossos sentimentos e as cores não é acidental, nem questão de gosto e, sim mantém experiências enraizadas em nossa linguagem e pensamento, desde a infância. Não é à toa que, ao pensarmos em verde somos remetidos à esperança, a coisas boas, e a liberação

para prosseguir viagem. No entanto, ao tomarmos a estrada em questão raramente pensamos no outro lado da Linha Verde, nas comunidades praieiras, destituídas de muitos serviços essenciais, e esquecidas pelo poder público. Às margens do paraíso percebo que esse “verde” é bastante paradoxal.

**Figura 6- Linha Verde, trecho da Rodovia BA-009**



**Fonte: Blog Vaneza com z, 2016**

Na Linha Verde, o verde da esperança, o verde da saúde, o verde do dinheiro e o verde que diz “siga em frente, pois o trânsito está livre para você” parece perde tom e a cor quando se trata do outro lado da estrada: comunidades como Açuzinho, Tererê, Malhadas, Açu da Torre, Areal, Barro Branco, Campinas, Olhos D’Água, Pau Grande, Ponto da Cobra, entre outros. Os moradores nativos, em sua maioria jovens, que vivem às margens da BA 099, ouvem diariamente - seja em alto e bom som ou no discurso velado, na invisibilidade que parecem ter e ser, ou no preconceito descarado, nas oportunidades desiguais de acesso aos bens – “aqui não é pra você”, “não é seu lugar”, “não, você não pode ter”, “você não pode ser”. Ecos são ouvidos na TV, nos jornais, nas placas a cada esquina dos povoados. Lá

os sonhos desembocam em grande parte junto às portas dos fundos de algum hotel de luxo do outro lado da estrada, quando as pessoas se ocupam como garçom ou camareira, que, embora sejam profissões muito dignas e honestas, se tornam menos glamorosas quando são as ocupações de pessoas, muitas jovens, ainda que não as escolheram opção, mas sim por falta dela. E são os estudantes da Escola onde trabalho que me fazem, a cada dia, compreender mais sobre essa questão a problemática.

A situação ficou mais explícita para mim quando em agosto de 2016, após um sábado de reunião pedagógica, enquanto esperava pela saída de colegas no portão da escola, alguns alunos se aproximaram e começaram a conversar comigo. Sem uniformes, montados em suas bicicletas, de longe pareciam apenas cinco garotos, vizinhos da escola, mas depois de nosso bate papo, de perto vi que eram sujeitos únicos, gritando para serem ouvidos e respeitados em suas percepções e vivências. Naquele dia, relataram-me sobre a dura uma abordagem policial agressiva sofrida dias antes em frente à escola e de como eles se sentiram constrangidos perante os colegas: “Todo mundo ficou olhando, Pró”. Num relato pessoal estava refletido um pedacinho doloroso da realidade estampada no Mapa da Violência no Brasil, que conforme já sabemos é mais sentida por homens, jovens, negros e economicamente desfavorecidos. E eu fiquei ali ouvindo sem saber muito o que dizer. Conversa vai, conversa vem, perguntei a um dos garotos pelo irmão dele que fora meu aluno e agora cursava o ensino médio em outra escola. Ele me respondeu que seu irmão estava estudando e trabalhando num *resort* como ajudante ou algo assim. Minha resposta, recheada com uma empolgação ingênua, foi: Que ótimo! Pensei eu: “Que bom que ele arranhou um emprego, uma ocupação, vai poder ajudar a família”. Em contra resposta, o aluno, usando a mão em aspas, disse: “Aaah, é! Muuito legal”, num tom irônico quase perfurocortante. E mais uma vez eu fiquei parada. Senti-me instantaneamente envergonhada. Estudantes que nas aulas pouco se expressam, mas que naquela conversa informal tinham muito a dizer sobre a vida nos dois lados da estrada de um lado a Praia do Forte e de outro o Açuzinho. Aquele encontro não saiu de minha mente e continuei por muitos dias a pensar neles e percebi que estava reproduzindo a voz que ecoa por todos os lugares: estudar para trabalhar na Linha Verde. Um lugar já marcado.

Eu cresci ouvindo que “a verdade dói” e em muitos casos sim, a verdade dói, incomoda, deixa um nó na garganta. Dentre muitas verdades que ouvi em uma das

aulas do mestrado do Profletras, “a instituição escolar mantém e legitima os papéis sociais hegemônicos” foi a mais dolorosa. Eu sou a professora, eu também sou a escola. Eu faço parte dela, então sou também responsável por ela. Se eu apenas seguir o fluxo, acabo reproduzindo esse discurso perverso que diz: Linha Verde para você que mora em Açuzinho é apenas para trabalhar como garçom, camareira, arrumadeira. A Linha Verde dos outdoors, a publicidade turística tão divulgada, mas que esses jovens não alcançam, nem usufruem.

Essa é outra verdade que dói. E que bom que dói! Porque se dói, incomoda e gera desconforto. E assim me vi pensando e repensando em um projeto de intervenção que fosse capaz de contribuir para se repensar, alterar a situação quase que engessada em que vivem os meninos e meninas de Açuzinho: estudar para trabalhar nos hotéis e seus serviços não pode ser um único destino.

Pergunto-me onde está o passaporte para poder pensar em outras possibilidades? Pode a escola considerar-se instituição capaz de minimizar as disparidades sociais? A leitura pode mesmo ajudar a construir outras identidades?

Falemos então um pouco mais da escola e da comunidade escolar. Leciono na **Escola Municipal João Pereira Vasconcelos**, situada em **Açuzinho**, litoral da Mata de São João. Açuzinho é uma comunidade pequena, com muitos jovens e crianças, que muitas vezes, veem a escola como único local de lazer e socialização. Fica próximo à Praia do Forte, porém do outro lado da estrada, quase escondida, separados pela Linha Verde. Possui igrejas, um posto médico e pequenos centros comerciais, como mercadinhos e bares, mas não possui uma farmácia. A comunidade carece de infraestrutura, e possui inúmeros problemas sociais que precisam ser resolvidos, em especial se comparada a Praia do Forte. Ruas sem asfaltos, falta de saneamento básico, falta de segurança – nos chegam relatos de alunos que foram assaltados nos arredores da escola e, é impossível esquecer que a própria escola foi arrombada 11 vezes em 2016 e 2 vezes em 2017.

Mas, Açuzinho tem uma praça, espaço que aliás se tornou o point dos estudantes. “Somente pela manhã e tarde, pois, à noite, só tem usuários de drogas” afirmam os estudantes. No entorno da praça, há além da escola municipal, uma escola estadual que recebe estudantes do ensino médio.

**Figura 7 - Praça do Açuzinho**

Fonte: matadesaojoao.ba.gov.br, 2016

A escola onde leciono possui 10 salas de aula e cerca de 700 estudantes da educação infantil até o 9º ano. Recebemos também estudantes de Camaçari, município vizinho que enfrentou uma forte greve dos docentes, que lutam por melhorias na educação. As famílias, que residem em comunidades de Camaçari, imploram vagas na nossa escola e alegam que precisam trabalhar e que não podem deixar seus filhos sozinhos em casa. Para muitos meninos e diversão na comunidade, que é vale de qualquer evento cultural realizado na região dos arredores da Praia do Forte - centro turístico, comercial e cultural.

**Figura 8 - Escola Municipal João Pereira Vasconcelos.**

Fonte: matadesaojoao.ba.gov.br, 2016

O JPV, como a escola é conhecida pela comunidade, possui 50 funcionários: um diretor, dois vice-diretores, duas coordenadoras pedagógicas, dois auxiliares de classes, uma secretária, quatro funcionárias da limpeza, três cozinheiras, uma funcionária da biblioteca, uma porteira e trinta e três professores de diferentes disciplinas que lecionam entre três turnos o fundamental I, II e EJA.

Na escola, a Atividade Complementar (AC) - tempo inerente ao trabalho pedagógico do(a) professor/a destinado ao planejamento e organização de suas atividades – é, normalmente, realizado de forma individual, algumas vezes junto a coordenadora pedagógica. Sendo que um professor que trabalha 20h tem 6 horas aulas reservadas para essas atividades (3h na escola, obrigatoriamente, e 3h podendo ser externa). Durante o ano, alguns AC coletivos – em torno de três - são organizados, nos dando oportunidades, quais professores, para trocar experiências.

A João Pereira Vasconcelos possui quadra poliesportiva, que também é utilizada também pela comunidade, para atividades como capoeira, futebol, entre outros, em horários negociados, tem uma padaria que deveria garantir a entrega diária de 4 pães para cada aluno ao final do turno escolar, porém isso nem sempre acontece, e uma biblioteca sobre a qual falarei mais adiante. Na unidade, também sofremos com a falta de recursos e equipamentos. Nos muitos saques que a escola sofre, diversas vezes, perdendo a TV LCD, ventiladores, o roteador da internet, o projetor multimídia - computador interativo - que recebemos do governo federal, por meio do MEC e do FNDE – computadores, dentre outros equipamentos importantes para nosso cotidiano escolar.

A dificuldade em obter materiais escolares e didáticos, que é uma triste realidade presente em escolas públicas, também não é diferente em nossa escola. Muitas vezes, falta papel ofício para imprimir atividades e avaliações – não raro, tento compactar atividades para que caibam no mínimo de folhas possíveis, na tentativa de economizar - falta tinta para impressora e quando há papel e tinta, a impressão está longe de ser de qualidade - por várias vezes já recebi como resposta de alunos: “não fiz a atividade, porque não consegui ler o que estava escrito” ou “Pró, tá horrível! Não dá pra ler nada”. Isso nos faz perceber que embora muitos teóricos ressaltem a importância de levar para sala de aula textos multimodais, incluí-los no trabalho de leitura e interpretação textual nas condições já supracitadas – sem possibilidade de impressão ou uma impressão ilegível, de qualidade

insatisfatória e apenas em branco e preto – revela-se um grande desafio para qualquer educador. Pouco se tem debatido sobre as reais condições de trabalho e a falta de recursos existentes nas escolas públicas, tão pouco na solução para este problema. Sobra para o professor a função de fazer “mágica” com as ferramentas que lhe restam.

Ainda bem que não só de paredes e equipamentos se faz uma escola. Escola é feita de gente, escola é feita de sujeitos. Mas quem são esses sujeitos? Quem é a mulher, professora que se encontra com seus estudantes?



## 5. Uma olhada no retrovisor - “Eu não gostava muito da senhora não, mas agora eu estou gostando”.

Retomo o próprio título dessa seção que é “**Eu não gostava muito da senhora não, mas agora eu estou gostando**”. Que ouvi de alguns estudantes depois de um tempo de trabalho, como reflexo dos primeiros passos rumo a mudanças necessárias na minha prática pedagógica.

Como já dito, tenho contato com essa turma desde o ano de 2015, quando lecionei a disciplina de redação para eles, apenas duas aulas por semana, e tive alguns problemas de indisciplina e rejeição. As aulas eram regadas a discussões entre eles, brigas, conversas paralelas, palavrões. Eu passava a maior parte dos 50 minutos de aula reclamando do barulho. Quanto maior a bagunça, menos afetiva com eles eu me tornava. Confesso não gostava de dar aula a essa turma, mas tudo começou a mudar quando faltou professor de religião, e como a política da escola é bem rigorosa quanto a não permitir “horário vagos” ou liberação dos estudantes antes do previsto, fui solicitada a ocupar temporariamente esse lugar, até a chegada do professor. Meu primeiro pensamento foi: “Sério?! Logo essa turma? ”. Respirei fundo, sorri e aceitei. Ossos do ofício, pensei. Comecei as aulas de religião concomitantemente com as de redação, então passei vê-los mais vezes, com quatro aulas por semana.

Segundo o currículo da escola, nas aulas de religião devem priorizar as diferentes formas de pessoas se relacionarem com o sagrado no mundo, por conceituar e caracterizar todas as religiões. Como não domino esse assunto e, principalmente, por não achar que não faria diferença significativa e prática na vida pessoal deles, optei por levar para sala textos com temas variados, como preconceito religioso, relação familiar, e também outros solicitados por eles numa sondagem realizada. O esquema consistia em ler, ouvir opinião deles e conversar. E para minha surpresa eles gostaram muito, participaram da aula e tinham muito a dizer. Senti os estudantes se desnudarem ao contar suas experiências de vida.

Hoje distanciada do momento, consigo refletir que a palavra-chave nesse período foi **diálogo**. Nunca antes vi Paulo Freire fazer tanto sentido.

Freire (1987) discorre sobre a dialogicidade – essência da educação como prática de liberdade e defende a importância do diálogo educador-educando no processo educativo em contraste com a impositiva educação bancária, e que isso se

dá desde o planejamento do conteúdo programático. Segundo o autor, não se pode pensar no homem isolado da realidade, nem a realidade separada dos homens. Assim, ele defende a investigação de temas geradores que só serão compreendidos nas relações homem-mundo. Assim, enquanto na educação bancária, que é antidialógica e não comunicativa, o educador deposita no educando o conteúdo programático, que ele mesmo elabora ou elaboram por ele. Já educação libertadora, na prática problematizadora, dialógica, o conteúdo, que jamais é “depositado”, se organiza e se constitui a partir da visão de mundo do educando, em que se encontram os temas geradores, visando uma educação libertadora, em que os homens se sintam sujeitos de seu pensar, uma educação para o povo, com o povo que participa diretamente na elaboração desta.

E, de fato, à medida que eu parava para escutar meus estudantes e suas experiências, seu modo peculiar de ver o mundo, suas opiniões acerca dos assuntos discutidos em sala, nossa relação foi melhorando, as brigas e xingamentos entre eles foram diminuindo, as conversas paralelas que atrapalhavam a aula também. Eles próprios começaram a intervir pedindo silêncio aos colegas, pois “a professora quer falar. ” Nas palavras de Freire

Ao fundar-se no amor, na humildade, na fé nos homens, o diálogo se faz uma relação horizontal, em que a confiança de um pólo no outro é consequência óbvia. Seria uma contradição se, amoroso, humilde e cheio de fé, o diálogo não provocasse este clima de confiança entre seus sujeitos. Por isto inexiste esta confiança na antidialógica da concepção “bancária” da educação. (FREIRE, 1987, p.46)

Nesse processo de diálogo que passou a ocorrer em sala, com certeza o mais gratificante, era ouvir os estudantes dizerem “Pró, gostei muito da aula de hoje”, “Quando a senhora vai dar aula de novo pra gente” ou então, com sinceridade ao dizer “Eu não gostava muito da senhora não, mas agora eu estou gostando”. Essa relação mais próxima nas duas aulas de “religião” passou a refletir positivamente nas aulas de Redação durante esse mesmo ano letivo.

No ano letivo de 2016, fui designada para ministrar aulas de Língua Portuguesa. Depois de algumas mudanças, como por exemplo, alunos transferidos e reprovados, a turma que permaneceu no turno matutino, agora 8ªA, é composta de por 27 estudantes na faixa etária de 12 a 15 anos. Nove meninas e dezoito meninos

moradores de Açuzinho e adjacências. Com cinco aulas por semana e um contato maior, a minha relação com a turma foi se estreitando e solidificando. As aulas dedicadas à leitura são muito apreciadas pela turma, aproveitamos, inclusive, o único espaço de convivência da comunidade – A Praça do Açuzinho - para fazer leitura e um piquenique.

**Figura 9 - Momento de leitura na Praça de Açuzinho**



Fonte: Autora, 2016

Inicialmente, eu dava oportunidade para os estudantes fazerem leituras individuais, em que eles escolhiam o próprio livro. Posteriormente detectando alguns problemas – ou não liam, ou não entendiam ou liam apenas parcialmente – resolvi trabalhar com leitura coletiva. Assim, dia de leitura coletiva na praça era como um dia de festa.

Em 2017, meu terceiro ano como professora deles, agora 9º ano, ministrei novamente a disciplina de Língua Portuguesa. A turma agora tem 33 alunos, 17 meninas e 16 meninos – negros e negras, em sua grande maioria, conforme se autodeclararam no questionário socioeconômico detalhado mais adiante – proveniente de família simples, muitos cujos pais são trabalhadores do outro lado da estrada. No início do ano letivo, poucos alunos interagiam e participavam das aulas, algo que me preocupava muito. E quando assunto era a continuidade dos estudos, entrada na universidade e vida profissional, eles pareciam indiferentes, anestesiado, sem rumo, sem propósito. Essa reação causava em mim uma inquietação, uma angústia. Daí lembrei que há alguns anos eu era como muitos desses jovens.

Mesmo sendo dedicada aos estudos, não tinha referência do que fazer depois e de como fazer. Obviamente, eu tinha sonhos. Mas não tinha referências de como transformá-los em realidade. Na minha família - embora soubessem a importância dos estudos, me elogiassem ao ver meu boletim azul, por exemplo, e me incentivassem a continuar assim, ninguém até aquele momento havia entrado na universidade. Ninguém! Eu não tinha referência. Eu não sabia o caminho. Então, era mais óbvio pensar que talvez a universidade não fosse feita para mim. A escola deveria ter cumprido esse papel, deveria ter servido de referência. Como placa sinalizadoras, deveria ter me indicado as opções a seguir. Mas não fez. E como me fez falta, durante meu ensino básico, que alguém me dissesse que eu podia sim, que essa estrada eu podia transcorrer. Não foi à toa que logo após terminar o ensino médio, consegui meu primeiro emprego formal – de carteira assinada – foi exercendo a função de empacotadora de uma grande rede de supermercado. Mas uma inquietação, uma angústia tomava conta de mim. Dizia a mim mesma: eu posso mais! Se não fosse esse sentimento, talvez ainda estivesse lá agora. Essa mesma angústia e inquietação senti na sala de aula com meus estudantes: Eles podem mais! Muito mais! A questão é: Será que eles sabem disso?

A realidade é que as instituições sociais, como a mídia e a escola, jogam esses jovens negros fora da estrada, à margem dela – e fazem isso quando mantêm esses jovens numa caminhada precária e desigual em relação aos brancos. Mas eu, parte da escola, precisava fazer algo em relação a isso. Então, estava na hora de eu repensar minhas aulas de Língua Portuguesa. Essas precisavam levar em consideração os sujeitos presentes nela. Não fazia sentido dar aula para eles da mesma maneira que daria se fosse uma turma pertencente a comunidades do outro lado da Linha Verde, ou em Salvador, por exemplo. As aulas não podiam mais ser dissociadas da realidade social deles, não podiam ser abstratas. Não mais! Eu precisava repensar minha prática. Estudar mais. E o mestrado foi essencial nessa trajetória, como veremos a seguir.

## 6. Derrubando muros e expandindo horizontes

Assim, para refletirmos sobre linguagem, entendo, neste trabalho, que a formação da identidade do sujeito é um processo inacabado, fragmentado, um mosaico que se coloca em diferentes contextos sociais, formado por meio da relação do sujeito com outros sujeitos, em contato com leituras, silêncios, diálogos, experiências. Tomo como verdadeira essa afirmativa pois como mencionarei aqui diversas vezes: eu sou uma pessoa antes e depois do PROFLETRAS. Em contato com as leituras possíveis em cada disciplina, com a rica bagagem teórica de meus professores, as experiências práticas de minhas companheiras de curso – ora em forma de relato, ora em forma de desabafo, fui reconstruindo minha identidade como professora-pesquisadora. Aglomerei e fixei cada fragmento, cada pequeno pedaço e coleí na superfície de minha existência, reformando minha casa interior, e exterior.

Nesse processo contínuo, alguns autores têm me ajudado a pensar sobre o processo de construção de identidade. Um deles é Stuart Hall, teórico cultural, sociólogo e pioneiro do campo de investigação sobre Estudos Culturais. Jamaicano. Negro.

A seguir trago o meu diálogo com Hall (2005), e como me ajudou a pensar na influência persuasiva que sofrem nossos estudantes, sujeitos ainda em formação, e a importância de uma leitura crítica na ampliação do seu olhar sobre si mesmo e o mundo e na reconstrução da identidade por meio da linguagem. O autor começa por distinguir três concepções muito diferentes de identidade associadas a momentos históricos, a saber: identidade do sujeito do Iluminismo, do sujeito sociológico e do sujeito pós-moderno.

A identidade do sujeito do Iluminismo baseia-se na concepção do indivíduo centrado, unificado, dotado de razão e consciência, cujo centro permanece idêntico do nascimento ao longo da vida. Com o crescimento do mundo moderno, surgiu a noção de um sujeito não autônomo ou autossuficiente, mas que à medida que se relacionava com o outro, formava seus valores, sentidos e símbolos: sujeito sociológico. Diferente do sujeito do Iluminismo e sua essência individualista, o sujeito sociológico era criado e modificado através da interação com diferentes mundos culturais exteriores e as identidades oferecidas por esses mundos. Nesse processo, sujeitos e mundos culturais que eles habitam tornam-se unificados. Porém, o que antes era estável, hoje se revela fragmentado. A identidade unificada

deu espaço a várias identidades, não fixa ou permanente, algumas contraditórias e não resolvidas, produzindo o sujeito pós-moderno. Diz ele:

As velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno. A assim chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. (HALL, 2005, p. 7)

Tais contradições e deslocamentos ocorrem não apenas fora, ou seja, na própria sociedade, como também dentro da cabeça do próprio indivíduo. Esse sujeito pós-moderno, fragmentado, busca referências para formar sua identidade. A indústria midiática, consciente dessa necessidade, dessa “falta de inteireza”, oferece símbolos culturais socialmente estabelecidos e acrescidos de valor e de significado.

Ao explicar a “crise de identidade” que acomete a sociedade contemporânea, o autor cita motivos pelos quais o sujeito tornou-se descentralizado, dentre os muitos motivos, focalizei minha atenção quando ele se utiliza dos argumentos de Ferdinand Saussure que teoriza a língua como um sistema social, e não individual, e que ela preexiste a nós. Em outras palavras, falar uma língua não é somente expressar nossos pensamentos interiores, mas também ativar todo um conjunto de significados propagado em nossos sistemas culturais. Isso significa dizer que se o uso da linguagem é um processo cultural, carregado de valores e significados inseridos na formação do sujeito, podemos dizer que a linguagem é também formadora da identidade de um sujeito.

Moita Lopes (2002) defende a concepção da identidade como algo que se constrói nas práticas sociais. O autor defende que a identidade independentemente das ações dos sujeitos, se constituem nas práticas discursivas com os outros, por meio das ações, repetidas dos atores sociais. Como as identidades sociais não são fixas e estão sempre em processo, possibilita, a qualquer momento da interação, reposicionamentos, questionamentos, negociações e, inclusive, a construção de novas identidades. Isso quer dizer também que somos seres produzidos por outros seres. Assim, aqueles que ocupam uma maior relação de poder estão mais aptos para serem produtores de outros seres. Tudo isso, claro, segundo os interesses da

ordem política da classe dominante. As nossas identidades são determinadas pelas práticas discursivas, todas envolvendo relações de poder, o que não quer dizer que não possamos resistir a elas. (MOITA LOPES, 2002)

É impossível falar de práticas sociais sem falar de gêneros e vice-versa. Segundo Rojo e Barbosa (2015), todas as nossas falas - sejam formais ou informais - presentes em nossa vida cotidiana ou pública estão articuladas em um gênero de discurso, que podem ser orais e escritos, impressos ou digitais, que nos permite comunicar e interagir com outras pessoas. Nossas atividades que envolvem linguagem desde a mais simples até a mais formal se dão por meio da língua/linguagem e se organizam por meio dos gêneros, possibilitando que o outro encontre sentidos nela. “O discurso só pode existir de fato na forma de enunciações concretas de determinados falantes, sujeitos do discurso. O discurso sempre está fundido em forma de enunciado pertencente a um determinado sujeito do discurso e fora dessa forma não pode existir”, conforme Bakhtin (2003, p. 274) um dos mais importantes teóricos da linguagem. Isso quer dizer que tudo que dizemos, cantamos, escrevemos, digitamos e postamos se dá na forma de enunciados ou textos. Esses enunciados se organizam de uma forma relativamente estável por meio dos gêneros. Por isso que, baseado nos pressupostos bakhtinianos, escolho referir-me aos gêneros como gêneros de discurso e não como os gêneros de texto, pois nesse trabalho interessa mais os efeitos de sentido, as ideologias, a significação do que as formas linguísticas ou o texto propriamente dito. (BAKHTIN, 2003; ROJO e BARBOSA, 2015)

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo. (BAKHTIN, 2003, p.262)

Com essas palavras de Bakhtin, não só destacam a heterogeneidade dos gêneros e suas variedades, como também revelam que esses ficam subordinados ao funcionamento social variados da esfera humana, ou seja, há incontáveis gêneros porque a interação social humana por meio da linguagem também é incontável. Inclusive, está presente na publicidade, em jornais, revistas, TV, internet e muitos outros meios.

O anúncio publicitário – gênero discursivo focalizado nesse trabalho – tem por objetivo promover um produto ou uma ideia, para isso seu produtor –publicitário – utiliza-se da persuasão, ou arte de convencer e seduzir seu receptor para criar o desejo de consumo. É importante ressaltar que embora tenha um objetivo comercial, pode ter também outros objetivos: político e ideológico. Quando a linguagem, toda a estrutura publicitária sustenta uma argumentação icônico-linguística, que leva o consumidor a convencer-se, consciente ou inconscientemente. A publicidade diz e sugere não explicitamente. Usa recursos estilísticos, fonéticos, léxico-semânticos e morfossintáticos. (CARVALHO, 2003)

Devemos considerar que, na realidade, a linguagem publicitária usa recursos estilísticos e argumentativos da linguagem cotidiana, ela própria voltada para informar e manipular. Falar é argumentar [...] Como não tem autoridade para ordenar, o emissor utiliza a manipulação disfarçada: para convencer e seduzir o receptor. (CARVALHO, 2003, p. 9-10).

A influência é latente e mútua, pois assim como a publicidade idealiza sujeitos modelos e esses modulam o ser/estar no mundo dos sujeitos receptores, os receptores também alimentam a publicidade com as novas tendências comportamentais e estilos de subjetividade presente em vida social e cultural que passam surgir nas mensagens da publicidade. (TRINDADE; PEREZ, 2009). Pressuponho que esses últimos, refere-se ao que detém o poder hegemônico capaz de alimentar o círculo vicioso.

Em discursos publicitários, cujos objetivos são convencer, persuadir e provocar ação em seus leitores, percebo o quanto é essencialmente importante ir além de questões estruturais do texto por ler nas entrelinhas, desvelar e desmistificar as intenções do texto e desenvolver um pensamento crítico e consciente. Principalmente, quando envolve convencer por meio de ideias racista, machistas, sexistas, preconceituosas de modo geral. Ideias perpetuadas há anos, muitas vezes por meio da mídia, elevam padrões hegemônicos e minimizam qualquer um que não se encaixe neles, que sempre associam mulheres a trabalhos domésticos, que apresentam mulheres como objeto, sexualizando negras), incentivam a violência sexual), até menos culpabilizando as vítimas ou apresentando o negro como suspeito, inferior e feio.



Durante minha pesquisa, para montar o projeto me deparei inúmeras campanhas e textos publicitários que nem poderiam entrar numa sala de aula, mas que estão nas TVs e revistas o tempo todo. Não dá para fechar os olhos a isso tudo! É importante que nós, profissionais docentes estejamos preparados para lidar e trabalhar em sala de aula com assuntos que fazem parte do cotidiano dos educandos, como preconceitos de todas as instâncias, ideias que legitimam a desigualdade e inferiorizam raças, gêneros, cor, classes, religião, falas e etnias. Sem uma leitura para além dos signos e sem criticidades nossos alunos – cidadãos em formação – irão não apenas acreditar nesses discursos, tomando-os como verdades, como também irão reproduzi-los ou se sentirão cada vez mais excluídos.

Hall (2005) continua por dizer que, longe de ser algo inato, a identidade é sempre incompleta, formada ao longo do tempo através de processos inconscientes, todavia há sempre algo “imaginário” ou “fantasiado” sobre sua unidade. Não é à toa que ela surge muito mais da maneira que imaginamos ser visto por outros do que pelo que há dentro de nós quais indivíduos. Isso talvez explique tantos sujeitos renegando sua própria história, cor, raça, cabelo... sua própria identidade. Desde cabelos alisados – que há pouco tempo parecia ser a única opção aceitável – até o embraquecimento de negros em revistas, TV e cinema – que são retratados com a pele mais clara do que a realidade – parecem querer nos afastar do que nos faz ser quem realmente nós somos. É no âmbito da cultura e da história que nós, quais sujeitos sociais, definimos nossas múltiplas, e às vezes distintas e até contraditórias, identidades sociais. Reconhecer-se em uma identidade significa ser abraçado, envolvido em um sentimento de pertencimento a determinado grupo social. Construir uma identidade negra positiva em uma nação em que os desde a tenra idade são ensinados que para ser aceitos precisam renegar-se é um grande desafio. Na mídia, há num jogo de poder, que significa subordinar, silenciar, suprimir o outro e suas diferenças culturais, e esses efeitos são sentidos, sofridos e vividos, na pele, até hoje.

Conseguir enxergar tais aspectos - tão importantes para os sujeitos presentes em sala – nas aulas de Língua Portuguesa exige repensar o que se entende por leitura, principalmente, por uma outra perspectiva: na perspectiva do letramento.

Levando em consideração a sociedade atual e suas demandas, faz-se necessário estarmos aptos a fazer uma leitura crítica e reflexiva, que permita um pensamento autônomo sobre o mundo que nos cerca e sobre nós mesmos. Assim,

saber ler criticamente e fazer relação entre os diversos elementos significativos em um texto, entre si e o mundo é essencial para todos nós, em especial para os jovens em formação que estão em nossa sala de aula.

Segundo Ângela Kleiman (2005), denomina-se letramento o conjunto de atividades que envolve a língua escrita para alcançar um objetivo determinado numa determinada situação, associadas aos saberes, às tecnologias e às competências necessárias para a sua realização. Pensar esse conceito de letramento significa pensar que esse fenômeno assume diferentes valores e funções para diferentes grupos em diferentes contextos. Em outras palavras, envolve pensar práticas de letramento partir da bagagem cultural diversificada dos nossos alunos – provenientes das comunidades periféricas e das escolas públicas - que, antes de entrarem na escola, já são participantes sociais ativos. Visto que existem vários modos diferentes usos e significados de ler e escrever em diferentes contextos sociais, é enganoso – e até mesmo ingênuo - pensar em letramento como único e com a mesma valoração para todas as pessoas, por isso falamos em “Práticas de letramentos” em vez de apenas “letramento” demonstra a multiplicidade de tais práticas, sempre associadas a relações de poder nas quais estamos envolvidos. E mais, quaisquer que sejam as formas de leitura e escrita que aprendemos e usamos, elas são associadas a determinadas identidades e expectativas sociais acerca de modelos de comportamento e papéis que a sociedade espera que desempenhamos. (STREET, 2007).

Assim ao usarmos o termo letramento, nesse trabalho, utiliza o conceito de Kleiman (2005) por se referir a um conjunto de práticas de uso da escrita que vem modificando a sociedade que incluem as práticas escolares de uso da escrita, mas que vão muito além dela. Ao falar sobre tema, Kleiman traça comparações entre práticas letradas que ocorrem dentro e fora dos muros da escola. A autora nos mostra que as práticas letradas extraescolares são normalmente colaborativas e cooperativas em outras palavras os sujeitos se ajudam em atividades que envolvem a leitura. Já na escola é comum os estudantes realizarem as atividades individualmente e competirem entre si. (KLEIMAN, 2005) A questão é: a escola não deveria desenvolver atividades que se aproximar-se o máximo possível das práticas desenvolvidas fora da escola? Pensando nisso esse trabalho focaliza a na interação e na coletividade dos estudantes, na ajuda que um pode prestar ao outro na realização das atividades. Pois quando falamos em aprendizagens no ambiente

escolar, deve-se englobar mais do que os conteúdos, envolve as relações vividas e estabelecidas nesse ambiente, não só o material didático, mas principalmente, o outro sentado ao lado.

Conceber o letramento como prática social pode contribuir para uma nova prática de ensino que possibilite aos educandos não apenas desenvolver e ampliar sua competência comunicativa, como também sua visão crítica da realidade, desenvolvendo o seu “ser cidadão”, fortalecendo suas identidades como individuais e coletivas. Desta forma, assumir o letramento, na sua dimensão com o social, significa, por parte dos professores, adquirir consciência crítica e reflexiva sobre o letramento e seus significados.

Pensar no letramento, e em suas pluralidades, é especialmente importante quando tratamos de assuntos ainda tão pouco discutidos, porém essencialmente importantes, como as questões raciais. Assim, não faz sentido estabelecer práticas escolares dissociados à realidade social desses sujeitos sem levar em consideração quem são esses sujeitos. Como posso manter as mesmas práticas escolares estando em diferentes lados da estrada. Esse pensar coaduna com as ideias trazidas por Souza (2011) ao falar de letramento de reexistência, pois ao compreender que práticas sociais cotidianas de uso da linguagem não são neutras e sim marcadas pela complexidade social e histórica, se esforça em desconstruir discursos cristalizados, como por exemplo, a ideia de que práticas de uso da linguagem consideradas de valor são apenas as ensinadas e aprendidas em instituições escolares. (SOUZA, 2011) Tais discursos só contribuem para que estudantes cheguem à sala de aula dizendo “Eu não sei ler”, “Eu não sei escrever”, “Eu não sei isso e aquilo...”, ampliando cada vez mais o sentimento de exclusão. Em contrapartida, quando práticas escolares, na perspectiva do letramento, acolhe e legitima as práticas comuns a esses sujeitos, quando leva para sala de aula o que esses sujeitos veem na TV, na internet ou quando permite em sala de aula que esses sujeitos se expressem por dar espaço para isso, estamos abrindo caminho para que eles se enxerguem como verdadeiramente os são: sujeitos de direitos e de conhecimento. A escola precisa gerar possibilidades para que esses estudantes compreendam o que leem e veem fora dela, para que decidam aceitar ou rejeitar, concordar ou discordar.

Infelizmente, a instituição escolar ainda mantém e legitima os papéis sociais hegemônicos, então ao pensar em letramento, o educador se empenha na

transformação de pessoas antes marginalizadas por não dominarem a leitura e a escrita no seu cotidiano, não por se tornarem decifreadores de signos linguísticos – conforme requeria a alfabetização tradicional, mas por encarar o ler como, de fato, é. “Ler é, antes de tudo, refletir sobre as coisas do mundo, ver na escrita um lugar de questionamento e de fonte de respostas, viabilizando a construção de um ‘universo pessoal’ aberto às transformações e às incorporações”. (SILVA, 2001, p.45)

É impossível pensar em ensino e aprendizagem efetivos e uma educação libertadora que estimule os educandos a pensar criticamente a realidade social, política e histórica, sem mencionar as concepções de Paulo Freire, que defendia como objetivo de a escola ensinar o aluno a "ler o mundo" para poder transformá-lo. Para Freire (1980), a verdadeira educação visa à construção de uma sociedade mais justa e democrática e que respeite a realidade na qual está inserido o educando, que propõe um processo educacional cada vez mais humanizado. Uma educação libertadora é um “ato de conhecimento”, é aquela que desenvolve a capacidade de refletir sobre sua realidade, agindo sobre ela, comprometendo-se a mudá-la, sendo participante ativo dessa mudança.

O educador com essa visão freireana deve se despir da superioridade e se revestir do papel de facilitador, aprendiz, intermediário do conhecimento. Assim educadores e educandos formam uma parceria no ato de ensinar, através da capacidade de diálogo, interação e comunicação. “Educador e educando, os dois seres criadores libertam-se mutuamente para chegarem a ser, ambos, criadores de novas realidades. ” Essa relação igualitária permite uma troca recíproca de conhecimento. (FREIRE, 1980)

Embora ainda não se utilizasse o termo letramento, Freire o defendia por questionar os métodos de alfabetização mecanicista:

Contradizendo os métodos de alfabetização puramente mecânicos, projetávamos levar a termo uma alfabetização direta, ligada realmente à democratização da cultura[...] Verdadeiramente, só uma paciência muito grande é capaz de suportar, depois das dificuldades de uma jornada de trabalho, as lições que citam a “asa”: “Pedro viu a asa”; “A asa é do pássaro”; ou as que falam de “Eva e as uvas” a homens que, com frequência, sabem pouquíssimo sobre Eva e jamais comeram uvas. Pensávamos numa alfabetização que fosse ao mesmo tempo um ato de criação, capaz de gerar outros atos criadores; uma alfabetização na qual o homem, que não é passivo nem objeto, desenvolvesse a atividade e a vivacidade da invenção e

da reinvenção, características dos estados de procura. (FREIRE, 1980, p. 16)

De fato, uma educação mecânica, pautada nas regras e nomenclaturas gramaticais, não consegue levar à conscientização, tampouco ajuda os sujeitos a mudarem sua própria realidade social.

Assim, após começar a observar os estudantes e sua realidade social, após perceber que textos midiáticos e gêneros discursivos publicitário não só fazem parte da vida deles, como pela sua importância e influência devem ser discutidos em sala, comecei a planejar as primeiras atividades que fariam parte do projeto e serviria de diagnóstico para mim, um guia que mostraria se eu estava no caminho certo ou não. Agora, dou início a descrição desse trecho da viagem. Considero importante avisar que resolvi não informar os nomes dos estudantes, mas uso siglas para identificá-los e visto que aqui contém imagem deles – que julgo essenciais para a compreensão desse trabalho – solicitei que pais e responsáveis assinassem um Termo de Autorização para Uso de Imagem (modelo em Anexo A).

## 7. Construindo pontes e pavimentando novos caminhos: O início do Projeto

No dicionário, a palavra projeto é habitualmente conceituada como plano ou planejamento que se faz com a intenção de realizar ou desenvolver alguma coisa; esquema escrito e detalhado que se faz antes do início de uma obra. Em outras palavras, projeto está associado ao plano de realizar, a intencionalidade.

Retomo o que já escrevi quando relatei que passei a observar a sala de aula. Empolgada com das questões acerca da publicidade e da identidade, ensaiei uma atividade em sala já pensando na necessidade de desenvolver um projeto de intervenção. Desenvolvi uma sequência didática que descrevo abaixo, ao final dela virão outros elementos do pré-projeto.

O material selecionado para sala de aula foi o comercial, bastante veiculado nas mídias, da linha capilar Liso Absoluto da Garnier Fructis, com duração de 1'17minutos. O vídeo inicia apresentando os dizeres: Seu cabelo fala sobre você. Mais do que você imagina. Num tom de pesquisa de opinião, põem-se duas moças sentadas e de costas, uma de cabelo solto e outra de cabelo preso, enquanto várias outras mulheres respondem em um dispositivo eletrônico três perguntas, cujas alternativas são apenas cabelo solto ou cabelo preso: 1) Quem está pronta para sair hoje à noite? 2) Quem está pronta para uma selfie? 3) Qual delas acordou de mal com o cabelo hoje? ”.

Figura 10 – Print Screen do Vídeo - Comercial da Garnier Fructis



Fonte: <https://www.facebook.com/Garnier.Brasil/videos/1027197947319655/>, 2016

As respostas foram unânimes: as duas primeiras perguntas, cabelo solto e a última, cabelo preso. Mas o final surpreendente, segundo a Garnier, fica por conta da revelação da identidade das moças, mais verdadeiramente de uma delas. A de cabelo solto é uma modelo, não conhecida, de nome Monique Prisco, que não diz uma palavra, apenas sorri. E a de cabelo preso, para a surpresa de toda – a Garnier fez questão que mostrar a expressão de sobressalto das participantes da pesquisa – é a famosa atriz Bruna Marquezine. A artista conhecida pelo público teen reforça a mensagem da publicidade por dizer que “é impressionante como o cabelo fala sobre nossa personalidade, sobre as nossas escolhas”. Marquezine imediatamente tira o elástico do cabelo e diz que “não aguentava mais ficar parada sem poder me mexer, sem poder me soltar, sem poder soltar meu cabelo.” O vídeo encerra valendo-se da polissemia do verbo *soltar* para criar uma frase de efeito “Solte seu liso e se solte”.

É notório que o comercial reforça o ideal de beleza e feminilidade associado ao cabelo liso e solto, de uma mulher jovem, branca, bem-sucedida e com notoriedade. Ainda que agora se possa ver apenas a imagem parada, é possível notar a predominância da cor clara no cenário, da cor branca nas roupas, no chão, e até mesmo nas letras que anunciam a chamada. Tudo é anunciado pelo “branco paz”. Depois nota-se que todas que, responder a enquete têm cabelos lisos, logo julgam ou fazem juízo de valor a partir de suas lentes, do que é convencionalmente tido como cabelo bonito - longo e liso, ressaltando os valores da cultura dominante, inferiorizando, implicitamente, qualquer uma que não se enquadre nesse padrão. Quer dizer das cacheadas lindas, dos cabelos black power poderosos, dos belos cabelos curtos ou raspados, dos elegantes penteados até os coques despojados? Não poderão sair à noite? Nem tirar uma selfie? Estão de mal com o cabelo?

A exibição do vídeo gerou certo desconforto nas redes sociais, pois muitas consumidoras não se sentiram representadas pela marca que impõe o padrão liso e solto. Após vários comentários, a marca mudou a chamada do vídeo, conforme revela o print do histórico de edições. A mudança, a alteração vem provar que a leitura que as pessoas fazem das peças publicitárias podem servir também para reeducar as próprias empresas.

**Figura 11- Print Screen da Página da Garnier no Facebook**



**Fonte:** <https://www.facebook.com/Garnier.Brasil/videos/1027197947319655/>, 2016

Foi esse o vídeo que passei para sala de aula do 8º A, a fim de perceber que leitura eles fariam do comercial, como fariam a leitura do texto, das vozes, das cores, dos gestos e se estabeleceriam relações entre todos os elementos do vídeo. Mas para fazer a turma “entrar no clima”, pedi para que eles esquecessem que eu era professora e eles, estudantes. Naquele momento, seriam senhoras e senhores escolhidos para participar de uma pesquisa por responderem a um questionário, por exemplo, com algumas perguntas como: Que mensagem a publicidade quer passar? Você concorda com essa mensagem? Você acha que a mensagem passada tem a ver com você ou com sua comunidade? (Questionário completo vide Anexo B). Os olhos deles brilharam de entusiasmo e a empolgação tomou conta da sala.

Por meio das respostas dos estudantes ao questionário e o bate papo informal em sala, pude notar que, embora eles compreendam que o objetivo principal da publicidade é nos convencer a comprar o produto e que nem sempre os efeitos apresentados condizem com a realidade, os estudantes não conseguem ainda fazer uma leitura crítica do conteúdo, tampouco perceber os artificiais persuasivos que



hierarquizam padrões hegemônicos. Ao serem indagados sobre se concordavam com a mensagem divulgada pela marca, muitos responderam:

*Sim, porque **cabelo duro é feio** e **cabelo liso é bonito**.*

*Sim, porque **ninguém gosta de ficar preso** sem se mexer...**gosta de ficar livre, solto, leve...***

*Sim, porque o **cabelo solto é tudo na mulher**.*

*Sim, porque é muito legal saber que o **meu cabelo fala sobre mim**.*

*Sim, o **cabelo fala** sobre a personalidade da pessoa.*

*Sim, porque é uma lição de vida.*

*Eu concordo porque pelo seu cabelo tem a impressão de qual é o seu humor.*

Solicitei que os estudantes completassem a sentença “Meu cabelo é...” a respeito de si mesmo. Dentre algumas respostas estão “**é ruim**”, “**é duro**”, “**é mais ou menos**”, “**é normal, dá pra alisar e cachear, mas não vai ficar perfeito**”. Nas falas dos meus estudantes, é possível perceber o poder de um discurso publicitário em legitimar padrões elitistas e estereotipar negativamente qualquer identidade divergente. Com intuito de ampliar a leitura de si mesmos e do mundo, apresentei um dos nove cartazes produzidos por artistas plásticos a partir de temas que emergiram do trabalho do projeto Ação Educativa com escolas públicas. O material veio contribuir para suprir uma grande lacuna: a falta de imagens no ambiente escolar (nas salas de aula, no pátio etc.) que afirmem positivamente a população negra nas escolas. Abordando o tema cabelo, com o título “Meu cabelo é tudo de bom!!!”, o cartaz traz oito jovens negros e seus cabelos como expressão da identidade negra.

Figura 12 - Cartaz do Projeto Ação Educativa



Fonte: <http://www.acaoeducativa.org.br/relacoesraciais/>, 2016

Ao apresentá-lo para a turma, não foram poucos os comentários “olha, **esse é igual ao meu**” ou “esse **parece com o meu**”. Em seguida apresentei para a turma imagens (retiradas da internet) de mulheres que nem de longe se encaixam nos padrões impostos pela mídia publicitária, e que tão lindas quanto. Entre cabelos com muito volume sim, cacheado, ondulado, crespo, solto, preso, com belo penteado, lindas traças e careca –por que não? – fizeram os estudantes perceberem como a diversidade foi esquecida e desvalorizada na peça em questão. Claro que a surpresa ficou por conta da última foto – da professora que vos escreve que também passou pelo processo de transição capilar e eles acompanharam.

Para finalizar, assistimos novamente a propaganda da Garnier e solicitei que eles produzissem um pequeno texto sobre suas impressões. Além do sentimento de autorrepresentação, a leitura do cartaz e das imagens após o vídeo da Garnier ajudaram os estudantes a ter um posicionamento diferente do inicial ao dizerem:

*Eu penso **que todo mundo tem o cabelo que quiser.***

Figura 13 - Mosaico de Imagens representando a Diversidade

*Eu acho errado de passar a mensagem que o cabelo deve estar liso e solto.*

*...cada um deve gostar de seu tipo de cabelo como for, preso ou solto.*

*Não importa se for duro ou liso, ele vai ser sempre bom.*

*Eles são felizes por ter esse cabelo e não importa o tipo que é.*

*Deve se orgulhar com o cabelo, mas deve cuidar também.*

*Impressionado por ver muita gente feliz com seu tipo de cabelo.*

*Não é só meu cabelo que é duro.*

*Todo mundo tem seu cabelo e deve valorizar ele.*

Ressalto ainda que a mudança de opinião, que tem a importante função de valorizar e fortalecer sua identidade social qual cidadão do mundo, só ocorreu após



Fonte: Google imagem e acervo da autora, 2016

serem guiados a uma leitura mais crítica e ampla a respeito da temática. Perceber essa importante mudança, motivou-me a continuar esse trabalho.

## 8. Os pés que aqui pisaram...Entre calos, lágrimas, suor e sangue

Sabemos que o discurso publicitário não apenas reflete os interesses, as necessidades e os anseios dessa sociedade consumista, como também legitima representações socioculturais, que pouco considera ou desvaloriza a diversidade, tendo forte influência na formação identitária do sujeito contemporâneo.

Quando pensamos em publicidade primeiro, não estávamos lá. Era como se não existíssemos ou fôssemos invisíveis. Depois aparecíamos em raros momentos, na maioria das vezes associados a mensagens negativas, inferiorizadas e estereotipadas, reforçando o estigma e a desvalorização social. Perpetua, no Brasil, o racismo. Como Munanga Kabengele (2004), entendemos racismo como uma ideologia essencialista que insiste em dividir a humanidade em raças naturalmente hierarquizadas por uma relação inerente entre as características físicas e características psicológicas, morais, intelectuais, culturais e estéticas, julgadas numa escala de valores desiguais. Embora biológica e cientificamente, raças não existam, seu conceito, carregado de ideologia, é utilizado no âmbito social e político para justificar relações de poder e dominação.

Hoje, embora tenha havido algum avanço, o espaço destinado a nós – negros e negras - na mídia brasileira ainda não nos permite comemorar e está longe da equidade, que segundo Dicionário Aurélio significa “disposição de reconhecer igualmente o direito de cada um; Igualdade, retidão. ” Em outras palavras, a equidade nos permitiria viver em uma sociedade mais justa em vários campos sociais, inclusive na publicidade.

Observar a ausência do negro nos espaços publicitários brasileiros a partir dos comerciais, bem como sobre sua presença ainda carregada de estereótipos negativos, que são diariamente produzidos, reproduzidos e reforçados, alimentando preconceitos, discriminação, racismo, como também uma não-autovalorização, faz-me acreditar (e agir) no quão importante é estimular o pensamento crítico em meus alunos-leitores – e por que não em mim mesma? – a fim de enxergar essas concepções racistas, muitas vezes veladas, construir outros e novos sentidos para o texto publicitário e perceber a necessidade de uma publicidade mais consciente e socialmente responsável.

Mas, para chegar ao destino esperado e compreender nosso papel nesse percurso é imprescindível olhar para trás e entender o quanto caminhamos para

chegar até aqui, nesse momento, nesse instante. Entre tantas milhas percorridas, entre calos, lágrimas, suor e sangue, voltamos a maio de 1888. No meio do caminho, tinha várias pedras.

**A Lei Áurea** aboliu formalmente a escravidão no Brasil. A partir desse momento, os negros eram livres, sem prisão, sem correntes, sem amarras... sem profissão, sem educação, sem nenhum tipo de compensação por séculos de escravidão e maus tratos, sem terras. Não é à toa que a data não é comemorada por movimentos sociais negros, pois não representou uma mudança na condição do negro em sociedade. Hoje, não se quer mais pensar o 13 de maio como data da liberdade, mas sim questioná-la, repensá-la.

A falsa liberdade dava continuidade a outras formas de dominação, muitas baseadas na incapacidade – imaginada, idealizada e irreal – do negro em relação ao trabalho, mantendo-os à margem da estrutura social brasileira, e, mais uma vez, fortalecendo a enorme barreira entre brancos e negros.

Segundo Marcondes (2001), as primeiras manifestações de publicidade comercial no Brasil nascem, no final do século XIX, nos jornais da época, primórdios do que conhecemos hoje como classificados. Neles anunciavam-se sobre leilões, profissionais independentes, propriedades rurais e urbanas, e, sim, escravos. Esses últimos incluíam anúncios de venda, aluguel e até de fuga, contendo descrição do escravo na tentativa de recuperá-lo. O conto “Pai contra mãe” de Machado de Assis (1906), que trata explicitamente do tema escravidão, confirma essa triste realidade ao narrar que

Punha anúncios nas folhas públicas, com os sinais do fugido, o nome, a roupa, o defeito físico, se o tinha, o bairro por onde andava e a quantia de gratificação. Quando não vinha a quantia, vinha promessa: "gratificar-se-á generosamente", -- ou "receberá uma boa gratificação". Muita vez o anúncio trazia em cima ou ao lado uma vinheta, figura de preto, descalço, correndo, vara ao ombro, e na ponta uma trouxa. Protestava-se com todo o rigor da lei contra quem o acoutasse. (ASSIS, 1906, p. 29)

Pelo visto, a imagem do negro, embora invisível como humano, nos anúncios eram bastante “úteis”. Cândido Neves, protagonista do conto de Machado, pegador de escravo fugitivo por ofício, diz que “lia os anúncios, copiava-os, metia-os no bolso e saía às pesquisas... Fixados os sinais e os costumes de um escravo fugido,

gastava pouco tempo em achá-lo, segurá-lo, amarrá-lo e levá-lo. ” Seguem alguns exemplos de anúncios com essa funcionalidade.

Figura 14- Mosaico de anúncio de compra, venda, aluguel e captura de negros



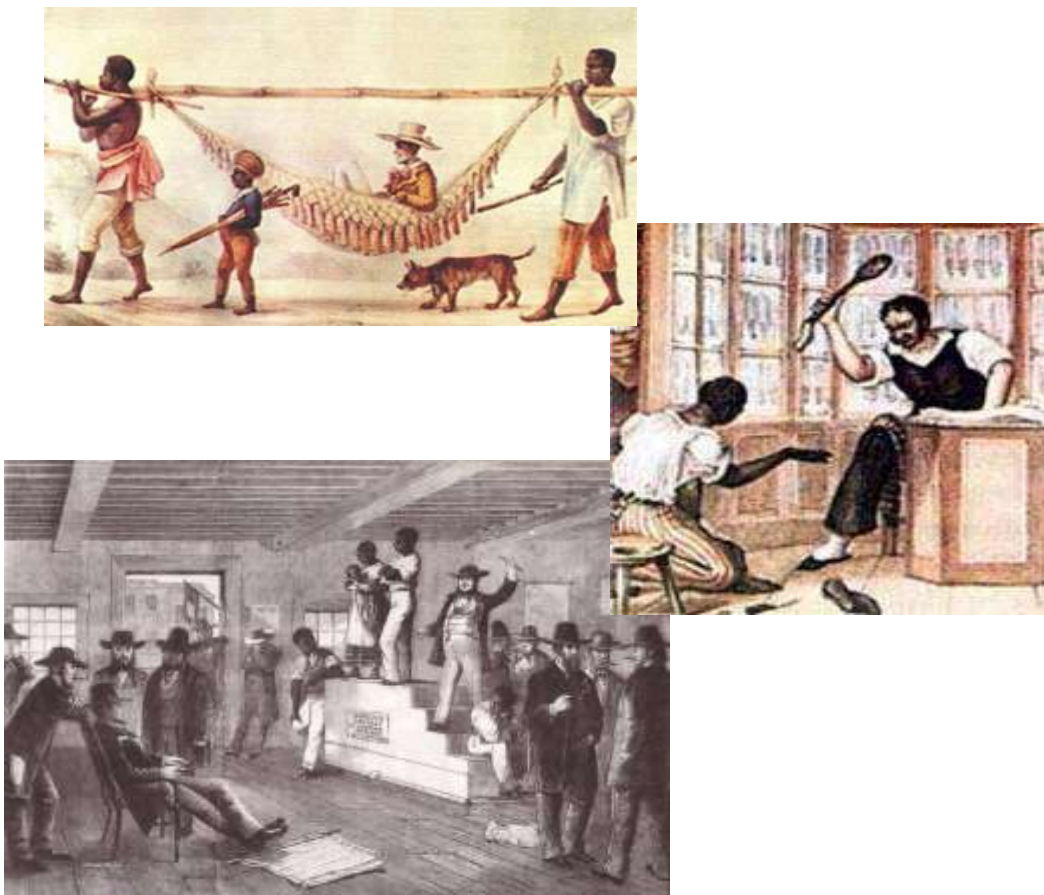
Fonte: Google imagem, 2017

Ao observar tais anúncios, é notória a imagem do negro “coisificado” como propriedade, mercadoria e objeto e o branco como proprietário. Uma subalternização quase natural, mas não era. As ideias de Hall (2016) me ajudam a pensar esse aspecto quando diz que, durante a escravidão, a “naturalização” da diferença, ou seja, a prática de reduzir as culturas do povo negro à natureza, foi uma estratégia usada para fixar e ancorar essas diferenças para sempre. Assim, não raro as representações populares da vida cotidiana sob a escravidão e a servidão do

negro são exibidas de forma tão “simples” e “normal”, como se fizesse parte da ordem natural das coisas. Conforme apresentado nas figuras abaixo, escravos transportando um homem branco, sendo punidos e vendidos em leilões como se fossem animais. (HALL, 2016)

A forma como os negros eram representados reduzia-os a sua própria essência, como se fosse seu “destino”. Hall (2016) ao falar sobre estereotipagem enquanto prática de produção de significados revela que essa além de reduzir, naturalizar a “diferença”, “divide o normal e aceitável do anormal e inaceitável”, fixa limites e, depois, exclui ou expelle tudo que não cabe, tudo que é diferente: os outros. A estereotipagem é “parte da manutenção da ordem social e simbólica”. Ela tende a ocorrer onde há enormes desigualdades de poder.

**Figura 15 – Mosaico que mostra tratamento desumano dispensado a negros**



Fonte: Google imagem, 2017

De fato, para que ocorra a hegemonia de um grupo é necessário que haja consentimento generalizado e que pareça natural e inevitável. Isso nos faz pensar



que quando os alunos sinalizam que a publicidade, trabalhada em sala, em outro momento passaria imperceptível aos seus olhos é resultado de anos de naturalização, como poderemos acompanhar na análise da aplicação do projeto.

Percebe-se o impacto desse círculo vicioso da naturalização falsa que está na publicidade em uma sociedade que estigmatiza as minorias sociais. Conforme afirma Milton Santos (1997), em “Cidadanias Mutiladas”, a única forma de encarar o problema do preconceito no Brasil é compreendendo a formação socioeconômica brasileira. “Tudo tem de ser visto através de como o país se formou, de como o país é, e de como o país pode vir a ser”. Temos um modelo cívico herdado da escravidão. “A escravidão marcou território, marcou os espíritos e marca ainda hoje as relações sociais desse país.”. O título do livro, em minha opinião, não poderia ser mais apropriado para descrever as relações étnico-raciais no Brasil. O verbo mutilar significa, segundo dicionário Aurélio, privar de algum membro ou de alguma parte do corpo; cortar ou destruir; depreciar o merecimento de; amesquinhar, diminuir, reduzir. De fato, Santos (1997) afirma fortemente que, no Brasil, não há cidadãos na classe média, porque cidadãos se preocupam com direitos e não com privilégios. É essa caçada aos privilégios que mantém as desigualdades sociais, pois forma a classe dos que não podem ser cidadãos, aqueles que têm seus direitos nas áreas da saúde, educação, moradia, trabalho e segurança cortados, mutilados.

Desta forma, questões relacionadas à discriminação e exclusão social não é algo ocasional e impensado, e sim algo que foi projetado e construído ao longo da nossa história pelo poder hegemônico. No período republicano, foi alterada e justificada a discriminação racial advinda do racismo. Nela, a sociedade excluía sistematicamente a parcela da população descendente dos africanos escravizados no período colonial, cristalizando valores, estruturas e práticas sociais do sistema escravista.

Uma prova disso foi o surgimento, entre a segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX, a política de branqueamento da população brasileira, um projeto político e ideológico que se baseava na noção de superioridade branca, culpabilizando a formação étnica do povo brasileiro - negros, índios, mestiços (considerada raças inferiores e incapazes) e poucos brancos – pelo atraso do país em relação à Europa. O projeto incentivava a imigração por meio de políticas de ação afirmativas em detrimento à população negra, como por exemplo, financiamento vantajoso para a compra de terras, e até doações de terras,

justificando-se por dizer que apenas os brancos-europeus “civilizariam” a nação, transformando o Brasil num país de brancos – limpos e desenvolvidos. O que nos faz refletir sobre um fato: Se ações afirmativas não são recentes, por que apenas as cotas para negros são tão questionadas e reprovadas por muitos?

Em plena sintonia com os acontecimentos, a publicidade americana dissemina a ideologia do branqueamento. Na figura 16, anúncio publicitário de 1890, observamos três crianças negras sendo “alvejadas” pelo uso do produto, que confirma com os dizeres “Nós iremos usar Chlorinol e ficar como o 'negro' branco.” Já a figura 17 de 1900, a criança branca indaga a criança negra “Por que sua mãe não o lava com sabão Fairy?”.

Figura 17 — Anúncio do Clorinol de 1890



Fonte:

<https://www.propagandashistoricas.com.br/2015/01/cinco-propagandas-antigas-racistas.html>

Figura 16- Anúncio do Sabão Fairy de 1900



Fonte:

<https://www.propagandashistoricas.com.br/2015/01/cinco-propagandas-antigas-racistas.html>

Nessa triste caminhada, o processo branqueamento e o capitalismo andam de mãos dadas. Segundo Dennis Oliveira (2011) em seu artigo Etnomídia: a construção de uma paisagem étnica na linguagem midiática, que faz parte do livro *O negro nos espaços publicitários brasileiros: perspectivas contemporâneas em diálogo*, o branqueamento é um dos pilares de sustentação do sistema capitalista, “uma vez que uma nação composta por um povo incapaz e etnicamente inferior tanto não

poderia ser soberana quanto não poderia funcionar se não fosse conduzida pela mão dos poucos iluminados que levariam o Brasil à redenção ” que, embora o Brasil não fosse mais colônia, a imagem social do negro – um negro imoral e não-civilizado – construída nesse período ainda vigorava. (OLIVEIRA, 2011, p.32) Além do mais, para as classes dominantes brasileiras, o negro era apto apenas para o trabalho escravo, e não para o trabalho assalariado. Imaginário reforçado pela moderna produção capitalista que exigia um proletariado disciplinado para operar nas fileiras da indústria, e perfil este dos trabalhadores imigrantes

Todos esses eventos pavimentam um ideal de nação, uma nação imaginada, projetada. Stuart Hall (2005) defende que, na modernidade, as culturas nacionais aparecem como um dos principais alicerces da constituição da identidade cultural. “As identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação” (HALL, 2005, p.48). Em outras palavras, embora nos definamos – na maioria das vezes com orgulho – que somos brasileiros, essa identidade não é literal ou biológica, visto que não está inscrita em nossos genes. O ideário de nação é simbólico, é representado. Segundo Hall, “não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca unificá-los numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencendo à mesma e grande família nacional”. A identidade de uma nação seria, na verdade “uma comunidade imaginada”. Em meio a tantas diferenças, essa unificação só é possível por um longo processo de conquista violenta, isto é, pela eliminação forçada da diferença cultural. Povos conquistados foram subjugados junto com suas culturas, costumes, línguas e tradições, por impor uma hegemonia cultural mais unificada. Fica claro que a construção de uma “identidade nacional” era um jogo de poder, e o Brasil é uma evidência disso. A implantação da “identidade nacional brasileira” produzida pela elite social e política, influenciada pelas teorias raciais europeias formavam o Brasil nação. O negro era um obstáculo à nova sociedade em formação.

Desta forma, o branqueamento biológico e o estabelecimento de uma cultura hegemônica europeia visavam transformar corpos negros em corpos brancos, dando continuidade à política de supressão da população não-branca do território nacional. Tal política resultou na manutenção da marginalização e exclusão da população negra e seu direito à cidadania.

Segundo Barros (2005), no início do século XX, embora não fosse negado formalmente o direito à matrícula de crianças negras em escolas públicas, as dificuldades enfrentadas por alunos negros, como por exemplo, a falta de “vestimentas adequadas”, ausência de um adulto responsável para realizar a matrícula, dificuldades para adquirir material escolar e merenda, impediam o seu acesso ou dificultavam a sua permanência no ambiente escolar. Depois, era fácil acusá-las de não gostar de estudar, preferir ficar vadiando, ter falta de aceio, ser cheios de vícios e até de serem corrompedores de gente de boa família. Percebemos que o acesso à escola era o elemento de manutenção do poder entre a camada branca da população. “O acesso às letras seria um elemento de diferenciação entre brancos (que se consideravam superiores) e negros (considerados inferiores).” (BARROS, 2005, p. 91)

Assim, ficava fácil difundir o mito de que eram vadios e preguiçosos. Com o objetivo de “solucionar” o problema foi criada a Lei da Vadiagem, com o objetivo de reprimir a ociosidade. Suas punições estão previstas no Decreto-Lei 3.688, num artigo da Lei de Contravenções Penais, instituída em 3 de outubro de 1941. O artigo faz parte do capítulo VII da lei, que tem o sugestivo título “Das contravenções relativas à polícia de costumes”. No seu artigo 59, a lei considera um ato de vadiagem “entregar-se alguém habitualmente à ociosidade, sendo válido para o trabalho, sem ter renda que lhe assegure meios bastantes de subsistência, ou prover à própria subsistência mediante ocupação ilícita”. A pessoa classificada como “vadia”, cometia um delito social e poderia ser levada à prisão simples, com pena de 15 dias até três meses.

Figura 18 - Anúncio de repressão à "vadiagem"



Fonte:

<http://acervo.oglobo.globo.com/pagina/relacionada.do?idMateria=14738298&posicaoPagina=1&tipo=artigo>, 2016

Com certeza fez lembrar o Decreto N. 847 de 11 de outubro de 1890, cujo título versava “Dos vadios e capoeiras”, em que no artigo 402 dizia

Fazer nas ruas e praças publicas exercicios de agilidade e destreza corporal conhecidos pela denominação capoeiragem; andar em correrias, com armas ou instrumentos capazes de produzir uma lesão corporal, provocando tumultos ou desordens, ameaçando pessoa certa ou incerta, ou incutindo temor de algum mal: Pena – de prisão cellular por dous a seis mezes. Paragrapho unico. E’ considerado circunstancia aggravante pertencer o capoeira a alguma banda ou malta. Aos chefes, ou cabeças, se imporá a pena em dobro. (BRASIL, 1890, p.29).

Este considerava vadio e, portanto, criminoso, qualquer que praticasse a capoeira - símbolo da cultura e da resistência dos negros em nosso país. O decreto de 1941 não foi tão específico quanto o de 1890, nem mencionasse o grupo de pertencimento, mas era óbvio que pobres, negros, mulatos, mestiços e periféricos eram os preferidos da polícia.

E embora estejamos em pleno século XXI, essa situação nos remete as práticas policiais comuns na maioria das favelas e periferias do Brasil. Práticas corriqueiras, inclusive, na vida de muitos dos meus alunos, conforme já relatado no início desse trabalho. Os números revelam essa realidade. Jovens negros, pobres e da periferia das grandes cidades, entre 19 a 25 anos, são as maiores vítimas de homicídio por arma de fogo no Brasil. De acordo com relatório Mapa da Violência 2016, morreram proporcionalmente mais 158,9% negros mais que brancos, em 2014. Foram mortos mais de 25 mil jovens, o que representa um aumento de quase 700% em relação aos dados de 1980.

Nesse viés, as formas de repressão continuam. Segundo nos relata Muniz Sodré (1999), em 1982, o GAP – Grupo de Assessoria e Participação do Governo do Estado de São Paulo – propõe a esterilização de mulheres pretas e pardas, argumentando que as projeções demográficas indicavam um aumento da população negra, o que poderia resultar numa ocupação do poder político por afrodescendentes. Muniz (1999) cita o exemplo do Centro de Pesquisa e Assistência em Reprodução Humana lançou em 1986, em Salvador - uma das cidades brasileiras com maior população negra – uma campanha publicitária nos jornais e na televisão com dois anúncios: Um apresentava um garoto negro, com correntinhas no

pescoço, canivete na mão e uma tarja nos olhos com o slogan: “Defeito de fabricação”, ao lado a mensagem: Tem filho que nasce para ser artista. Tem filho que nasce para ser advogado ou vai ser embaixador... infelizmente, tem filho que já nasce marginal; O outro anúncio utilizava uma fotografia de uma mãe negra, grávida, coberta em parte por um lençol branco, acompanhada do slogan: Também se chora de barriga cheia. Esses exemplos refletem a ideologia da superioridade branca.

E nessa longa estrada cheia de espinhos e abrolhos, ainda observamos na mídia, a representação do negro em situação social inferior ao branco. Enquanto a raça branca é representada como bela e inteligente, associada à bondade e heroísmo, o negro é vinculado à maldade, sujeira e tragédia. Seus personagens são sempre identificados como escravos, humildes, não humanizados ou civilizados, com físico, comportamento e atitude animais. No que tange a temática trabalho, o negro é relacionado a serviços braçais e domésticos (Dada a importante essa questão, falaremos mais sobre ela nas atividades em sala de aula). Já a criança negra, aparece sempre brincando ou trabalhando nas ruas, raramente na escola, apenas mais um “neguinho”, sem nome e sem identidade.

As imagens contemporâneas têm ligação subterrânea com imagens de tempos pretéritos. As referências do passado às vezes parecem desaparecer, mas em termo de articulação ganham nova roupagem, permanecem, na maioria das vezes, como suporte de construção de imagens de negros, índios (o cinema americano que o diga), mulheres e outros segmentos vulneráveis. (BORGES, 2012, p. 188)

A TV, o cinema, a mídia, especialmente a publicidade montam um cenário social que reforça valores discriminatórios e preconceituosos, por apresentar, re apresentar e reforçar a ideia do branco como normativo, do branco como superior, do branco como referencial – estético, comportamental – relegando qualquer um que não se encaixe nesse padrão às margens da sociedade. A nós, negros, restaram os papéis sociais estereotipados mencionados por Silva (2011): o negro suspeito, que “certamente” é criminoso, bandido, que ao avistá-lo faz “segurar a bolsa”; o negro festeiro, alegre, sempre associado ao carnaval, ao samba e ao pagode; o negro objeto sexual, com seus corpos expostos e atitudes lascivas, libertinas e promiscuas.

Outras categorizações são citadas por Martins (2011), em seu artigo sobre a publicidade e o registro branco do Brasil, também revelam uma representação estereotipada do negro: o negro atleta, que assim como o trabalhador braçal está ligado à questão do escravo forte, cheio de vigor físico, muitas vezes comparado a um animal; o negro carente social, que é pobre e necessitado, ligado à imagem do escravo dependente que é incapaz de integra-se ao mundo dos brancos e de sobreviver sem a tutelar do seu senhor.

Um olhar atento aos outdoors nas ruas, ou nos comerciais apresentados na TV entre uma programação e outra, na internet ou folheando os anúncios nas revistas, percebemos que os negros ainda são minorias. Essa realidade precisa ser abordada, discutida e questionada na sala de aula. A partir de agora mostrarei como organizei minhas aulas de Língua Portuguesa criando espaços para pensar essas questões.

## 9. Traçando novos roteiros para continuidade dessa viagem.

Como já vimos anteriormente, os estudos do letramento têm como objeto de estudo os aspectos e os impactos sociais do uso da língua escrita. Kleiman descreve projeto de letramento como

... um conjunto de atividades que se origina de um interesse real na vida dos alunos e cuja realização envolve o uso da escrita, isto é, a leitura de textos que, de fato, circulam na sociedade e a produção de textos que serão realmente lidos, em um trabalho coletivo de alunos e professor, cada um segundo sua capacidade” (KLEIMAN, 2000 apud KLEIMAN, 2007, p.16)

Assim, num projeto de letramento o docente deve planejar atividades que visem o letramento do estudante, ou seja, equipá-lo para agir discursivamente numa situação comunicativa que faz parte da vida real dele, especialmente fora do ambiente escolar, envolvendo “atividade coletiva, com vários participantes que têm diferentes saberes e os mobilizam (em geral cooperativamente) segundo interesses, intenções e objetivos individuais e metas comuns. ” (KLEIMAN, 2007, p. 5). Interessante como, segundo revelar a autora em questão, quando o ensino de língua materna focaliza nas práticas sociais até papel do professor muda, pois o enfoque social concebe autonomia a profissional para planejar as unidades de ensino e escolher os materiais didáticos. As decisões têm por base a observação análise e o diagnóstico da situação. Ao trabalhar com projeto de letramento, o professor decide sobre

...questões relativas à seleção dos saberes e práticas que se situam entre aqueles que são locais, funcionais para a vida na comunidade imediata dos alunos e os que são socialmente relevantes para a participação na vida social de outras comunidades e que, um dia, poderão ser utilizadas para a mudança e a melhoria do futuro do próprio aluno e seu grupo. (KLEIMAN, 2007, p. 17)

No entanto, para que isso ocorra, é necessária uma mudança na concepção da escrita e nas atitudes em relação às práticas letradas, principalmente, no que tange a dimensão político-ideológica, por pensar que usos da linguagem não são neutros em referência às relações de poder na sociedade, o que pode contribuir para a desigualdade e a exclusão. (KLEIMAN, 2007). Por isso que, ao pensar num



projeto de letramento, precisava planejar atividades que permitisse que aprendizagem da língua escrita deixasse de ser uma barreira social para os estudantes – especialmente para a vida profissional e acadêmica – e passasse a ser um espaço de promoção de saberes e práticas que podem promover a mobilidade social.

Tinoco (2008), baseando-se nos pressupostos bakhtinianos, nos lembra de que, uma vez que a interação é a realidade fundamental da língua, toda prática de letramento é também interativa e, como tal, precisa ser analisada em função do compartilhamento de saberes propiciado entre os agentes que dela participam. Considerar que os alunos têm bagagens culturais diversificadas como membros participantes de uma sociedade letrada, fica mais fácil permitir - e proporcionar -que os alunos tomem parte de forma variada das situações, criem estratégias diferentes para lidar com suas limitações ou potencialidades, ancorem compreensões diferentes, devido às suas aprendizagens extremamente variadas, que ocorrem fora da escola. (KLEIMAN, 2007)

Tendo todos esses conceitos em mente, seguem agora as atividades planejadas para aplicação do projeto, que foi organizado em oito etapas (contando com a prévia e a final), algumas previamente organizadas e outras modificadas no decorrer da aplicação. Interessa agora apresentar esquematicamente o que foi planejado. Sendo a descrição e análise do que aconteceu em cada etapa, além de como o projeto ganhou um nome, virão posteriormente.

### **ETAPA PRÉVIA – Aplicação do questionário socioeconômico**

Tempo: 100 minutos (2 aulas)

Objetivo: Conhecer as práticas de usos sociais dos alunos e suas trajetórias de letramento, sua relação com textos, especialmente publicitários e como se autodeclararam em relação ao quesito raça/cor.

Materiais: Cópia impressa do questionário

### **ETAPA 1 - Conhecendo o gênero discursivo: anúncio publicitário**

Tempo: 50 minutos (1 aula)

Objetivo: Conceituar o gênero em questão, sua intencionalidade, funcionalidade, principais características e recursos linguísticos movimentados.

Materiais: Celulares/smartphones.

Processo:

- Pedir para que os alunos individualmente pesquisem em casa sobre o gênero anúncio publicitário.

Perguntas norteadoras: O que é anúncio publicitário? Quais as características? Quais objetivos e função social? Quais os tipos de publicidade? Qual você mais gosta ou mais chama sua atenção? Qual você menos gosta? Por que?

Nesse momento, considere importante, tendo em vista o início das atividades com os anúncios publicitários, adotar nessa etapa a teoria do gênero do texto por analisar elementos da materialidade relativos à estrutura ou forma composicional, para que os alunos construam conhecimento sobre características e função social ligada ao gênero.

- Em sala e de posse de suas pesquisas individuais, a turma fará uma produção textual coletiva, sintetizando todo conhecimento levantado. A turma será dividida em grupos para organizar a produção. Cada grupo deve eleger um representante que, usando o aplicativo Google Docs no celular, contribuirá para produção e correção do texto coletivo de acordo com as decisões dos participantes.

## **ETAPA 2 – Leitura Fílmica: Histórias Cruzadas**

Tempo: 150 minutos (3 aulas)

Objetivo: Despertar para a temática que será desenvolvida no projeto: racismo e discriminação racial nos textos publicitários. Perceber a importância da escrita no processo de constituição identitária e de transformação pessoal e social.

Materiais: notebook; Datashow; caixa de som;

Processo:

- Assistir ao filme Histórias Cruzadas
- Solicitar que os alunos escrevam suas reflexões sobre o filme.
- Socializar oralmente em sala de aula.

## **ETAPA 3 – A publicidade no meio social: leitura de mundo**

Tempo: 150 minutos (3 aulas)

Objetivos: Perceber, através da leitura de diferentes gêneros discursivos de quais formas a imagem do negro tem sido estereotipada e associada, na maioria das vezes a serviços braçais e domésticos apresentada em peças publicitárias. Reconhecer a existência de discursos racistas na sociedade brasileira refletida nos textos midiáticos.

Materiais: notebook; Datashow; caixa de som; papel ofício, caneta.

Processo:

- Pedir para que assistam atentamente ao comercial da Riachuelo em homenagem ao dia da mulher brasileira. Disponível em: <https://youtu.be/3GPFMI5WtFI>
- Refletir e produzir respostas escritas às questões abaixo:
  1. O que vocês viram? Descreva a peça publicitária que você acabou de ver para alguém - pai, mãe, amigo, tia, etc. - que nunca a viu. Tente ser o mais detalhista possível. Fale sobre as personagens envolvidas (Como elas são? São iguais ou diferentes? São apresentadas em que papéis e lugares na sociedade? Quais são os gestos feitos por elas no comercial?) Fale sobre os recursos apresentados no vídeo (as cores, a música de fundo, o ritmo, a voz da narração).
  2. A publicidade afirma fazer uma homenagem ao Dia da Mulher Brasileira, você concorda? Explique.
  3. O vídeo também diz: “A Riachuelo preparou uma surpresa para a mulher mais linda do mundo: você.” Você acha que ele demonstra valorização da beleza de individual?
- Socializar oralmente as respostas

#### **ETAPA 4 – Diálogo com outros gêneros: a playlist do poder**

Tempo: 150 minutos (3 aulas)

Objetivos: Identificar, como a letra da música, bem como seu videoclipe tratam situações de preconceito e discriminação em relação aos negros. Materiais: notebook; Datashow; caixa de som; papel ofício, caneta.

Processo:

- Entregar a cópia da letra da música para cada aluno.
- Ouvir a música Mão da Limpeza de Gilberto Gil.
- Debater oralmente:

Vocês já ouviram esta expressão utilizada na música “que o negro quando não suja na entrada, vai sujar na saída”? O que ela significa? Depois da abolição da escravidão, os negros passaram a ter as mesmas oportunidades de trabalho que os brancos? Como a música apoia essa resposta? Em que profissões é mais comum verificar a presença dos negros, dos mulatos e dos brancos na sociedade brasileira? O salário de brancos e negros, ocupando a mesma função, é igual?

- Escrever um parágrafo sobre “A mão da limpeza e seu conteúdo crítico”

## **ETAPA 5 –Problematizando a imagem social do negro nos anúncios publicitários**

Tempo: 300 minutos (6 aulas)

Objetivos: Identificar, através dos anúncios publicitários as diferentes profissões e os perfil dos profissionais em exercício

Materiais: notebook; Datashow; caixa de som; papel ofício, caneta.

Processo:

- Analisar coletivamente cada peça publicitária que homenageia profissionais em seus dias comemorativos.
- Instigar a reflexão sobre imagens e palavras presentes nos anúncios. (Oralidade).
- Em sua opinião, qual o principal objetivo dessa peça publicitária?
- Socializar oralmente as respostas.
- Assistir o vídeo publicitário de conscientização Racismo Institucional - Teste de Imagem - Campanha Governo do Paraná. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=JtLal\\_jcoDQ](https://www.youtube.com/watch?v=JtLal_jcoDQ)
- Produzir um parágrafo argumentativo respondendo o questionamento abaixo: Qual objetivo desse vídeo publicitário? Com relação aos anúncios que já

analisamos até agora, como o negro ainda é retratado pela mídia? Esses anúncios podem interferir na imagem do negro em sociedade? Como?

- Socializar oralmente os textos produzidos.
- Ler e discutir notícias de negros que foram vítimas de racismo.

1. Médica é vítima de racismo por causa de *dreads*. Disponível em: <https://extra.globo.com/casos-de-policia/medica-diz-ter-sido-vitima-de-racismo-por-causa-de-dreadlocks-15681499.htm>

2. Professora e historiadora é vítima de preconceito racial em BH. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/voce-faz-faxina-perguntou-uma-mulher-e-resposta-foi-nao-faco-mestrado/>

3. Advogado negro é barrado em bar por “parecer” segurança. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/advogado-negro-e-barrado-em-bar-de-curitiba-por-parecer-um-seguranca/>

4. Dono da marca é barrado por segurança na sua própria festa. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/ser-preto-e-ser-barrado-pelo-seguranca-ate-mesmo-quando-e-dono-da-sua-marca-no-spfw-diz-fiotti-que-comanda-marca-lab-fantasma-com-emicida/>

## **Etapa 6 - E se você fosse um publicitário?**

Tempo: 200 (4 aulas)

Objetivo: Produzir uma peça publicitária que mostre a necessidade de uma publicidade consciente. Serão os cartazes publicitários para o Projeto Negritude do Poder. Optar por uma das seguintes subtemáticas: valorização da beleza negra, conscientização contra o preconceito, combate ao racismo.

Material: Smartphone ou máquina fotográfica; aplicativos de edição de imagens.

Processo:

- Pesquisar na internet alguns anúncios para servir de base.
- Esboçar seu projeto individual no caderno.
- Listar os itens e materiais necessários para a realização de seu projeto individual.
- Escolher uma frase ou slogan
- Tirar fotos e escolher a mais adequada.
- Fazer impressão.
- Montar os projetos individuais prontos e impressos no mural da escola.

## **ETAPA FINAL – Culminância do Projeto Negritude do Poder**

Tempo: 150 minutos (3 aulas)

Objetivos: Apresentar as produções de publicidade para a comunidade escolar.  
Organizar atividades com expressões artísticas que contemplem a temática.

### **9.1 Passo a passo: um após o outro. Descrição da Aplicação e Análise do Projeto de Letramento – Negritude do Poder:**

#### **Batizando ruas e estradas pelas quais passamos: Como o projeto ganhou um nome**

Quando conversei com a turma sobre o projeto, tinha uma ideia provisória sobre o título que achei que eles iriam aprovar, pois como gostam de pagode baiano caminhei nesse sentido. Pensei em “Sou eu negro lindo”, frase que está no refrão da música de um grupo, o Parangolé. Para falar a verdade percebi que eles até gostaram, mas não vi muita empolgação como havia imaginado. Isso até que V.H veio até minha mesa e disse: *Fessora, o que a senhora acha do nome Negritude do Poder?*. A ideia dele, uma vez socializada provocou empolgação imediata. I.C chegou a dizer: *Aí siiim, esse nome bateu certo!* Eu nem sabia, mas ouviria muito essa expressão dali em diante até a finalização do projeto.

Figura 19 - Layout do slide do projeto



Fonte: Autora, 2017

Assim, foi batizado o projeto de letramento, **forte na cor, forte no nome, mais empoderador impossível**. Um nome é mais que um nome, é uma identidade. É a escolha de uma nova identidade adotada a partir de um novo posicionamento no contexto no qual estamos uma nova e assumida posição social. É necessário pensar para além das teorias semânticas que encaram os nomes próprios apenas como etiquetas, conforme nos ensina Rajagopalan (2003). Para ele, nomear é um ato eminentemente político. Apenas no nome podemos encontrar e identificar várias características e atributos o que é importante para se pensar um projeto na escola e para a escola.

De fato, a escolha do nome por parte deles pareceu-me mais apropriado, pois ressalta a iniciativa de um protagonismo para além da beleza. Além disso, acredito que o fato de a escolha ter vindo de um deles, e não daquela que, de acordo com as relações que, comumente, se estabelecem na escola comanda a interação – a professora – revelou uma possibilidade de um novo posicionamento dos papéis social que podem ser assumidos por eles em sala, uma possibilidade de começar a reorganizar de forma mais horizontal as relações de poder, tensas sempre. Fui lembrada que esse projeto era da turma, para ela, feito com e por ela e então ela mesma o nomeou. Jamais esquecerei o sentimento de satisfação que emergiu na turma quando lhes mostrei o questionário pronto com o nome escolhido. O momento dialoga como o conceito de letramento de reexistência trazido por Souza (2011), pois nessa e em outras atividades que se seguem os estudantes assumem e sustentam novos papéis e funções sociais, usam a educação e a posse da palavra como forma de reconhecimento de si mesmo e de desafiar a sujeição que lhes é imposta, não raras vezes ainda materializada no racismo que estrutura a sociedade, nos preconceitos que regem as relações e nas discriminações sofridas cotidianamente (SOUZA, 2011)

Começava ali um processo denso de interação de coletividade.

### **ETAPA PRÉVIA – Aplicação do questionário socioeconômico: Conhecendo os pés que pisam nesse chão**

O questionário foi aplicado no mês de agosto de 2017. Ele nos serve aqui para saber um pouco mais sobre os estudantes para além do perfil socioeconômico, também é uma excelente porta de entrada pensar projetos de letramentos.

Inicialmente, havia pensado em aplicar o questionário impresso durante uma das aulas de Língua Portuguesa. No entanto, coincidentemente, pude participar do Seminário Amplifica Bahia que se propõe a apoiar instituições de ensino na utilização de ferramentas digitais colaborativas em contextos educacionais. Como é minha característica, como professora pesquisadora que me tornei, aproveitei muito o curso e lá, além de refletir sobre diversas práticas no processo ensino-aprendizagem e trocar experiências, aprendi a utilizar ferramentas gratuitas do Google que antes desconhecia. Assim a aplicação do questionário ocorreu na versão online, um desafio diante das condições adversas de falta de infraestrutura e recursos em minha unidade escolar. Mas deu certo. Utilizei o *Google Forms*, uma ferramenta que auxilia em todo o processo, da criação, aplicação e categorização dos dados.

**Figura 20 - Questionário socioeconômico online**

Questionário - Projeto de Letramento Negritude do Poder\*

Olá, galera! Já é o 6º ano do JPY! Antes de iniciarmos as nossas atividades relacionadas ao projeto, gostaria de conhecer um pouquinho mais sobre você. Assim, leiam cada questão e respondam com atenção, viu? Lembrem-se de que não há respostas certas ou erradas, e sim, as opiniões e vivências de cada um. Vamos ao trabalho! (sucesso!)

Prof.ª Davane de Oliveira

\* Esse questionário foi elaborado em julho/2017 e faz parte do projeto de conclusão do curso de Mestrado Profissional em Letras - PROLETRAS pela UFPA.

**Obrigado!**

Endereço de e-mail \*

Seu e-mail

Fonte: <https://goo.gl/forms/F7m60ZRTPxDQ4hM83>, 2017

O documento, disponível em: <https://goo.gl/forms/F7m60ZRTPxDQ4hM83>, conta com 20 perguntas de respostas objetivas e de múltipla escolha e em seu conjunto permitiu conhecer melhor meu aluno, seus hábitos de leitura e de sua família, sua relação com os anúncios publicitários, e suportes de comunicação presente em sua vida



Na aplicação do questionário pode encontrar mais alguns desafios. Durante uma aula, expliquei a função do questionário e dei instruções para preenchê-lo, utilizando até mesmo seus smartphones. Inicialmente, essa etapa deveria ser feita em casa, visto que a internet da escola está disponível apenas para os funcionários. Enviei o link para o e-mail dos alunos. Alguns responderam no mesmo dia ou no dia seguinte.

Na aula seguinte, procurei ouvi-los sobre a experiência de preencher o questionário on-line. M.C contou que ficou nervosa e apreensiva ao responder o questionário, tanto que pediu a ajuda da irmã mais velha. Além de lembrá-los que não havia respostas certas ou erradas, apenas a opinião deles, ressaltai que poderão se deparar com um questionário parecido ao participar de um processo seletivo, emitir sua opinião sobre um determinado produto ou participar de alguma pesquisa. Lembrei-me imediatamente de importância do papel da escola, qual agência de letramento, criar espaços para que os estudantes experimentem formas de participação nas práticas sociais letradas, muitas das quais nunca antes experimentadas. (KLEIMAN, 2007.)

V.H, que pediu a ajuda do pai no preenchimento, disse *Meu pai gostou muito. Disse que isso abre a mente dos jovens.* Já M.P comentou que gostou da linguagem utilizada por parecer mais próxima da sua realidade, já que utilizei expressões como “valeu” e “beleza”. *Aquele gifts no final ficou massa!*, disse outro aluno.

Todavia, detectei que muitos ainda não haviam respondido. E pela movimentação não seria falta de interesse. Indaguei o motivo da não participação e aí uma surpresa: alguns não possuíam celulares, computadores, nem mesmo de parentes ou alguém próximo. Parei para refletir o fato que colocou sob suspeita a ideia de que a informatização chega a todos os lugares e a todas as pessoas – a todos os lados da estrada. Sabemos que tecnologia digital é bastante discutida.

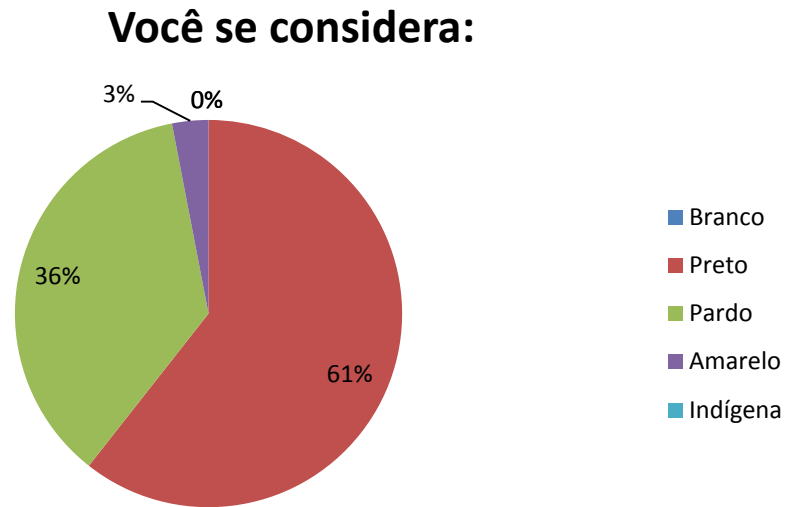


Fonte: Autora, 2017

Costumamos falar sobre como essas novas tecnologias transformam a sociedade, mudam nossa maneira de interagir e se comunicar, que fazem parte da vida e das práticas sociais de nossos alunos por isso é tão difícil dissociá-la da sala de aula. Mas ainda a uma grande parcela de estudante que ainda não tem acesso a tal conhecimento. Para resolver esse obstáculo, disponibilizei meu computador pessoal (conforme a Figura 21) e meu celular para que os alunos preenchessem seu questionário. Posso dizer que o trabalho com projeto de letramento imprime um espírito colaborativo, o que não significa ausência de conflito, ao verificar que aqueles que têm maiores habilidades com tecnologias digitais se disponibilizaram para ajudar outros.

Ainda que o questionário tivesse várias questões escolho aqui as mais relevantes para uma breve análise. Uma delas, e que diz respeito à temática do projeto que é a autodeclaração da cor/raça, ou autoatribuição de pertença, em que o próprio sujeito escolhe qual grupo se considera membro.

Figura 22 - Gráfico de respostas do Formulário Google.



Fonte: Autora, 2017

Dos 33 estudantes da turma, nenhum se declarou branco ou indígena, apenas um se declarou amarelo, 20 se autodeclararam preto – o que corresponde a quase 61% do total – e 12 como pardos – 36% - ou seja, de acordo com categorização do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), que soma a população preta à parda para formar a categoria negra, mais de 96% dos sujeitos presentes em minha sala se declaram negros. Tal resultado foi para minha uma surpresa, mais uma, visto que muitos são de pele clara, ou seja, carregam menos traços negros em sua aparência, o que não quer dizer que são brancos, porém em uma sociedade racista, como a nossa, que quanto mais negro alguém for maior será probabilidade de sofrer preconceitos, tender a ser considerado branco parece a fuga mais óbvia. Porém, considero a resposta dos alunos já um pequeno resultado de inúmeros diálogos que aconteceram desde a primeira atividade que ocorreu ano passado: a Garnier e os nossos cabelos não lisos.

Em relação à escolaridade da pessoa responsável, 18,2% têm ensino fundamental II completo, 27,3% têm ensino médio, ou segundo grau, completo, apenas 3% têm ensino superior completo, em contrapartida 6,1% sabem ler e escrever, embora nunca tenham cursado a escola.

O questionário ainda aponta que a família se mostra envolvidas nas seguintes atividades: 48,5% são leitoras de livros, 36,4% de revistas e folhetos, 21% ajudam os filhos em atividades escolares e 18,2% são vistos lendo ou escrevendo tarefas de

trabalho. Sobre seus próprios hábitos de leitura, 10 alunos afirmam gosta de ler, 22 afirmam gostar às vezes e apenas 1 afirmou não gostar de ler. Leem livros e revistas, e, embora 39,4% quase nunca use computador – o que faz sentido quando lembro que alguns alunos não preencheram o questionário em casa, 75% afirmam utilizar celular com acesso à internet e 69,7% assistem TV todos os dias da semana.

Outro conjunto de questões foi elaborado com o intuito de verificar aproximação com o texto publicitário. Ao serem indagados, sobre com que frequência liam, ouviam ou prestavam atenção a anúncios publicitários, enquanto estavam assistindo TV, 14 afirmaram frequentemente e 9 muito frequentemente. Já acessando a internet, 15 afirmaram muito frequentemente pelo celular, enquanto apenas 6 pelo computador. Percebemos um grande contraste no que tange ao suporte desse gênero, pois enquanto apenas 3 muito frequentemente prestam atenção a esses anúncios em locais públicos, nas ruas ou em transportes (panfletos, outdoors, placas, faixas, banner, etc), 12 muito frequentemente o fazem assistindo a vídeos no Youtube.

Na sequência, outro conjunto de questões deu conta de trazer o nível de atenção aos anúncios, bem como a influência dos mesmos no consumo de produtos. Celulares e sandálias Havaianas foram citados várias vezes como produtos/serviços, promovidos por um anúncio publicitário, que incitaram o desejo de compra.

Por fim interessou também saber quais anúncios chamaram a atenção pelo conteúdo. Alguns estudantes apenas citaram, sem justificar, entre eles aparecem Burger King e Coca-Cola. Outros, além de indicarem, fizeram comentários, como esses:

- *Comercial da Copa do mundo no Brasil, crianças negras e brancas brincando de bola em uma favela.*
- *O da Natura onde mostra mulheres de todas as cores e raças, percebi que nesse comercial não teve só uma negra mais teve várias.*
- *O da Avon porque tem uma negra muito linda.*

Percebe-se, nessas respostas, já mostra percepções do grupo sobre questões raciais, sociais e de gênero.

## **Aplicação da Etapa 1 - Conhecendo o gênero discursivo: anúncio publicitário - Que caminho é esse?**

Uma vez aplicado o questionário, o momento seguinte foi de começar a envolver toda a sala de aula no andamento do projeto Negritude no Poder. Inicialmente propus uma atividade de pesquisa com a finalidade de introduzi-los no universo dos gêneros publicitários. As perguntas orientadoras tinham a intenção de norteá-los para que tivessem um conhecimento inicial acerca do gênero que trabalharíamos, como por exemplo, conceito, funcionalidade e características desse gênero discursivo. Após a pesquisa feita em casa, houve um momento de socialização em sala de aula dos resultados encontrados.

No entanto, ao chegar à escola, para aplicar esta etapa do projeto, soube que a gestão decidiu suspender o uso da rede de internet da escola, porque no dia anterior uma turma havia descoberto a senha do wi-fi e sobrecarregado a rede da escola, impedindo o trabalho da secretaria, bem como ficando dispersos por utilizarem os celulares durante a aula. Embora entendesse perfeitamente a decisão da escola, o que eu havia planejado para essa etapa era justamente o oposto disso: trabalhar com o “inimigo”. Em outras palavras, usar a tecnologia como ferramenta no processo de ensino-aprendizagem, como meio de promover a interação e diálogo entre os próprios estudantes. Sempre se dá um jeito e assim nos arranjamos para continuar o programado.

Já de posse de suas pesquisas individuais, pedi para a turma se dividir em grupos. Cada um deveria ter um participante com smartphone. Expliquei para a gestão o que pretendia fazer e, com a autorização deles e ajuda de outros professores, pude criar uma rede wireless e compartilhar a senha para toda a turma. Utilizando meus novos conhecimentos do curso que fiz no Amplifica, usei o aplicativo Google Docs em que os estudantes puderam comentar e editar um único documento online, síntese das pesquisas individuais, colaborando em tempo real com os demais colegas de outras equipes. Fiz algumas mediações pontuais, mas na maioria das vezes, eles se ajudavam a organizar o texto e fazer as correções gramaticais. Essa ferramenta possibilitou a visualização de quem está escrevendo e contribuindo para a produção coletiva. Eles trabalharam muito e se divertiram.

**Figura 23 - Mosaico de fotos com alunos realizando atividade em aplicativos no celular**



Fonte: Autora, 2017

De fato, não há como fugir. Vivemos na era digital. As novas tecnologias precisam estar presentes na sala de aula. A internet demanda um novo leitor: um leitor que saiba lidar com hipertextos e textos multimodais; um leitor que saiba procurar, analisar e processar as informações que deseja, e até ignorar algumas não muito proveitosas; um leitor dinâmico e com excelentes estratégias de compreensão e que saiba navegar por sites, blogs, aplicativos e inúmeras outras ferramentas digitais. A internet apresenta outras possibilidades de uso da escrita. Uma escrita dinâmica, rápida e instantânea. Conforme postulado de Rojo, o surgimento de novas tecnologias digitais de informação e comunicação e as novas culturas de redes – características da hipermodernidade – desencadeiam novos letramentos e multiletramentos. "Surgem novas formas de ser, de se comportar, de discursar, de se relacionar, de se informar e de aprender". De fato, "novos tempos, novas tecnologias, novos textos, novas linguagens". (ROJO & BARBOSA, 2015) Nesse

cenário, inclusive, o professor é desafiado a buscar novos conhecimentos, no meu caso sobre tecnologia e também sobre questões raciais.

### **Aplicação da Etapa 2- Leitura Fílmica: Histórias Cruzadas**

Nessa etapa, começaríamos a falar mais profundamente sobre a temática que permeia todo o projeto: racismo, preconceito, discriminação, educação das relações raciais. Confesso que não é nada fácil falar sobre algo tão denso, tão pesado. Por isso, escolhi um filme que me agrada e também aos estudantes. Mas que filme!

A escolha de Histórias Cruzadas se explica pela própria história. O filme se passa nos anos 1960, em Jackson, pequena cidade no estado do Mississippi, Estados Unidos. Retrata o drama vivido por empregadas domésticas negras durante a luta por direitos civis. Apesar de fazerem bem seu trabalho e cuidarem das crianças da casa essas empregadas eram vistas e tratadas como inferiores. Para exemplificar as desumanidades, era proibido que essas mulheres usassem o mesmo banheiro que os membros da família ou comessem na mesa. Eram maltratadas, humilhadas. Segundo as patroas brancas, elas possuíam germes e doenças que podiam ser transmitidos ao compartilhar o mesmo sanitário. Até que uma jovem revela ao mundo, através da escrita, o ponto de vista dessas mulheres discriminadas

**Figura 24 - Exibição do filme em sala de aula**



Fonte: Autora, 2017

diariamente. Essas mulheres negras se uniram, e por meio dessa relação tecida pela dor e pela empatia tiveram força para romper o silêncio, contaram suas histórias vividas que foram transcritas no livro posteriormente publicado. A palavra, que liberta deu origem a uma revolução social e racial, um passo para a mudança naquela pequena cidade e na vida de todas elas e suas famílias.

A escolha do filme, embora não trate de publicidade, se explica pela sua temática, por abordar o racismo, principalmente no ambiente de trabalho. O intuito de incluí-lo na aula foi buscar perceber como esses sujeitos entendiam ou lidavam com racismo e seus desdobramentos, em especial pensando nas questões de trabalho e na relação com a linguagem. Se sentiriam empatia ou perceberiam alguma semelhança com suas vidas. Depois do filme, pedi que escrevessem livremente sobre suas impressões. Posteriormente ao ler as produções pude perceber que o objetivo foi alcançado:

***Nunca, na minha vida, senti tantos sentimentos como neste filme. Ele foi diferente, foi verdadeiro foi baseado numa realidade que não está muito distante de acontecer. – B.***

***Gostei da parte que as empregadas domésticas têm a oportunidade de contar suas histórias de vida.... Elas lutaram para que suas histórias fossem publicadas pelo livro. – L.M***

***...por mais que a pessoa racista pare de falar essas 'coisas', os olhos dela serem serão de rejeição. – R.A***

***No filme existe muito preconceito, pois os negros não podiam usar os banheiros dos brancos. Às vezes, nós vemos um filme e achamos que a realidade está longe da nossa, mas não é bem assim. – G.C.***

***Esses problemas continuam acontecendo até hoje em dia, mesmo que de forma camuflada, por exemplo, olhares estranhos, pessoas negras sendo tratadas de forma diferente, etc. – D***



*Tive vontade de chorar... mas sei que o autor não quis fugir da realidade, só estava ampliando nossa visão para entender que hoje as coisas não são diferentes. – M.C*

Embora o filme trate especificamente de um momento histórico nos Estados Unidos, os estudantes conseguiram fazer uma aproximação com a nossa história – que ainda é pouco e mal contada – e também com a nossa realidade atual. Não apenas a que eles presenciam em jornais, revistas e telejornais, mas uma realidade que eles vivenciam, percebem na linguagem de um corpo que fala, que rejeita, que reprime. Uma realidade de quem está em Acuzinho e muitas vezes vê seus familiares trabalhando na rede hoteleira e outros serviços na Linha Verde. Uma realidade que faz parte de suas famílias, pois a maioria trabalha do outro lado da estrada, como empregos exaustivos e braçais, com salários baixos e pouca ou quase nenhuma oportunidade de promoção ou mobilidade para cargos de liderança ou chefia. E, infelizmente, as várias esferas sociais – escolas, mídia, por exemplo, ainda excludentes – pensam nos jovens apenas como estudantes para ocupar esses lugares já reservados, marcados, subalternos e subordinados, mantendo assim intacta e pavimentada a hegemonia branca.

Acredito que o filme abriu as portas para que os estudantes pudessem refletir sobre no uso da linguagem como resistência e reexistência (Souza, 2011), como caminho para entender, problematizar, protestar e buscar construir outras possibilidades de agir de questionar papéis e lugares sociais, mesmo ainda murados pelas desigualdades sociais e raciais. Notadamente, foi através da oralidade e, posteriormente, da escrita que personagens de Histórias Cruzadas puderam se fazer ouvidas, tornando sua voz audível à sociedade, um pequeno grande passo para a mudança.

### **Aplicação da ETAPA 3 - A publicidade no meio social: leitura de mundo**

Nessa etapa, a aula focalizou a publicidade e os modos de veicular conteúdos racistas e discriminatórios. Lembrando que em 2016, quando trabalhei com a campanha publicitária referente a cabelos da Garnier eles só conseguiram perceber as questões centrais muito tempo depois e com o auxílio da leitura de outros textos,

agora queria verificar como e quais seriam as percepções, se mais imediata ou não em relação à anterior.

Figura 25 - Comercial da Riachuelo em homenagem ao dia da mulher brasileira



Fonte: <https://youtu.be/3GPFMI5WtFI>, 2017

Logo na primeira questão, em que a turma foi incentivada a descrever o que viram, já pude perceber um olhar mais crítico:

O vídeo mostra duas mulheres de cor branca e preta. A mulher preta ela serve a mulher branca com acessórios, **fazendo que a branca fique em destaque. A preta faz gestos de servir a branca e quase nem aparece...**Eu não gostei desse comercial, porque ela está discriminando os negros. – L.M.

A mulher negra fica passando as mãos na branca, tipo **idolatrando**, enquanto a música lenta toca – G.F

O vídeo mostra como se **a branca fosse patroa e a negra empregada**. O rosto da negra nem aparece! – G.C.O

*Eu cheguei à conclusão que no comercial existe **preconceito**... – M.M*

Ao serem indagados sobre se concordavam que o comercial em questão, de fato, homenageava a mulher brasileira, recebi respostas notáveis, conforme os exemplos abaixo comprovam.

*Eu **não concordo**, porque não foi uma homenagem à mulher brasileira. Se fosse teria mulheres morenas, negras, com cabelo mais crespo... – P*

*A brasileira pode ser branca, parda, negra ou mulata. **O importante é que sempre possa ter igualdade entre as raças**. – Al.*

*Podem até afirmar que fazem homenagem ao dia da mulher, mas esse comercial mostra é muito **desrespeito** com as mulheres negras. – R.P*

A atividade mobilizou bastante a sala e percebi que um grupo de estudantes que costumavam sentar no fundo ou lateral da sala e não participavam das aulas começaram a opinar, dialogar, querer falar. Estavam com postura diferente de aulas anteriores quando pareciam estar em outro mundo, como se aulas de português não fizesse sentido ou tivesse importância. No decorrer do projeto compreendi que, muitas vezes, a situação desses estudantes - que como nós professores nos referimos costumeiramente como “entra mudo e sai calado da sala de aula” e categorizados como desinteressados - é bem mais complexa. Há muito mais elementos envolvidos nesse silêncio que grita e ecoa que supõe nossa vã concepção de todo dia. Minha constatação dialoga com as ideias de Cavalleiro (1998), ao discutir os efeitos do racismo, preconceito e discriminação na educação pois, segundo ela na etapa inicial de vida, a família e a escola são mediadores primordiais, responsáveis pelo processo de socialização desses sujeitos, apresentando/significando o mundo social. Assim, a imagem preconceituosa e negativa do negro, construída historicamente, bem como a imagem valorizada dos brancos pode ser interiorizada por meio desses processos socializadores, durante a formação desses indivíduos. Usualmente, isso ocorre, “sem se dar conta disso, ou até mesmo se dando conta por acreditar ser o mais correto. ” Na convivência

multiétnica, a ausência de questionamento e de um comportamento crítico por parte dos adultos que fazem parte da vida desses jovens, seja na família ou na escola, pode colaborar para a construção de indivíduos preconceituosos e discriminadores, bem como a não aceitação da sua própria identidade ou conformados com sua realidade.

A estratégia da democracia racial no Brasil é negar a existência do racismo, logo a ausência de debate social limita a visão sobre o preconceito e impede que as crianças formem uma visão crítica sobre o problema. Na família o silêncio se transforma numa regra implícita. Já na escola, há um “ritual pedagógico do silêncio”, em que se reproduz a exclusão e marginalização escolar de crianças e jovens negros, quando se exclui dos currículos escolares a história do negro em sociedade e quando o professor silencia diante de situações discriminatórias na sala de aula, e também no livro didático, ou por não saber lidar com o fato ou por compactuar com as ideias postas. Nesse contexto, vemos como resultado a difícil – quase impossível – missão de uma criança negra construir uma identidade positiva sobre si, só restando o desejo de ser uma cópia de uma criança branca, enquanto, concomitantemente, a criança branca crê e assume um sentimento de superioridade- (CAVALLEIRO, 1998). Analisar e compreender aspectos que levanta Cavalleiro tem ajudado a me tornar uma professora com mais sensibilidade e empatia em relação aos sujeitos presentes na sala de aula.

Na última questão dessa etapa os indaguei: o vídeo demonstra, ou não, valorização da beleza individual da mulher, as respostas que escreveram trazem excertos como:

*Não, porque o vídeo valoriza uma mulher branca, de cabelos lisos e magra... E isso não tem nada a ver comigo – G.C.O*

***O vídeo não mostra uma negra linda, dos cabelos crespos. – A.V***

*Não, porque nem toda brasileira é branca, magra e dos cabelos lisos, e, no vídeo, colocam de um jeito como se todas fossem iguais. – M.S*

*Não, pois no comercial não tem todas as diversidades de beleza, como branca, preta, parda, mestiça, magra, gorda, cabelos diferentes, etc. –L.M*

As respostas dos estudantes mostram que eles não se sentiram representados pela publicidade, pois perceberam alguns aspectos importantes. Primeiro que a modelo que protagoniza o comercial é branca, e *branca de cabelos lisos e magra*, ou seja, muito diferente da maioria delas e deles, negras e negros, de cabelos crespos e nem sempre com o corpo padrão que se propaga e que ninguém na realidade tem. Nessa atividade, diferente da atividade diagnóstica, feita em outubro de 2016, quando apresentei o projeto inicial em que eles apoiaram a ideia de superioridade branca e se autoinferiorizaram por dizer que “bonito é o cabelo branco e liso” e “cabelo duro é feio”, percebo uma maior criticidade quando os estudantes verbalizam por escrito que a publicidade não foi feliz no que se propôs a fazer: homenagear a mulher brasileira. Percebo agora que essa consciência foi essencial para a realização da atividade de produção dos cartazes publicitários como veremos na seção adiante.

Além disso, durante a socialização das respostas na roda de conversa, um aluno disse que antes do projeto de letramento se visse o comercial em sua TV não entenderia como agora, e muitos concordaram. As ideias de Hall (2016) me ajudam a pensar esse aspecto quando diz que, durante a escravidão, a “naturalização” da diferença, ou seja, a prática de reduzir as culturas do povo negro à natureza, foi uma estratégia usada para fixar e ancorar essas diferenças para sempre. Assim, não raro as representações populares da vida cotidiana sob a escravidão e a servidão do negro são exibidas de forma tão “simples” e “normal”, como se fizesse parte da ordem natural das coisas. De sorte que, quando os estudantes dizem que não perceberiam o conteúdo racista de anúncios publicitário significa dizer que o racismo está tão naturalizado na sociedade que, muitas vezes, chega a passar despercebido.

#### **APLICAÇÃO ETAPA 4 – Diálogo com outros gêneros: a playlist do poder**

Sempre que levei música para a sala de aula, percebi excelente receptividade por parte dos alunos, assim quando pensei em montar uma sequência de atividades para o projeto, não tinha dúvida que entre os diferentes gêneros discursivos que dialogariam com os gêneros publicitários, a música estaria presente. Inicialmente,

minha opção de música que trataria de questões raciais era Mão da Limpeza, interpretada por Gilberto Gil, com participação especial de Chico Buarque (Vídeo disponível em: <https://youtu.be/tzFxd4gxbpQ> e letra disponível em: <https://www.lettras.mus.br/gilberto-gil/574045/> ).

A letra (Anexo C) é marcante, pois faz referência ao escravismo no Brasil, mas ainda atual visto que a música fala sobre situações de discriminação e preconceitos em relação à população negra, especialmente, no ambiente de trabalho. Embora não houvesse nada de errado nessa escolha, preferi mudar a música, pois sabia que esta fazia parte de meu repertório cultural e não dos sujeitos presentes em minha sala.

Numa saga de busca, comecei a pesquisar sobre artistas mais atuais com letras que nos fizessem refletir sobre o mesmo tema. Essa pesquisa me levou ao Emicida e sua música intitulada Boa Esperança (Vídeo disponível em: <https://youtu.be/Cyfn3WSUBVQ> e letra disponível em: <https://www.lettras.mus.br/emocida/boa-esperanca/> ). Eles gostaram muito de saber que na aula trabalharíamos com uma música de Emicida. Muitos demonstraram um certo espanto: *Emicida?! Olha pra Pró, ela ouve Emicida!* De fato, ele é um rapper muito conhecido entre os jovens, pelas suas letras potentes, que expõem questões da realidade social. De fato, o rap, um dos elementos da cultura hip hop, tem lugar sempre presente na vida deles ao lado de outras musicalidades negras, como o funk e pagode. Segundo Souza (2011), “o rap é um dos gêneros no qual podemos observar a brincadeira com a linguagem que sustenta um dizer que é autônomo, contestador, contra- hegemônico e promotor de um conhecimento mobilizador”. Talvez por isso faça tanto sucesso entre os adolescentes da periferia, pois esses se veem representados e ouvem suas histórias de vidas narradas nas letras de rap.

Assistimos ao videoclipe que é uma narrativa, de sete minutos de duração, sobre empregados – em sua maioria, negros - que ao sofrerem racismo e injustiça social, em forma de humilhação e exploração se revoltam contra seus patrões, dando início a uma rebelião que se espalha pelo país.

Depois de prestarem atenção ao videoclipe e de posse da letra da música em seus celulares – pois não foi possível a impressão na escola – fizemos uma roda de conversa a respeito. A letra da música nos diz:

## Boa Esperança - Emicida

Por mais que você corra, irmão  
 Pra sua guerra vão nem se lixar  
 Esse é o xis da questão  
 Já viu eles chorar pela cor do orixá?  
 E os camburão o que são?  
 Negreiros a retraficar  
 Favela ainda é senzala, Jão!  
 Bomba relógio prestes a estourar

O tempero do mar foi lágrima de preto  
 Papo reto como esqueletos de outro dialeto  
 Só desafeto, vida de inseto, imundo  
 Indenização? Fama de vagabundo  
 Nação sem teto, Angola, Keto, Congo, Soweto  
 A cor de Eto'o, maioria nos gueto  
 Monstro sequestro, capta-tês, rapta  
 Violência se adapta, um dia ela volta pu cêis  
 Tipo campos de concentração, prantos em vão  
 Quis vida digna, estigma, indignação  
 O trabalho liberta (ou não)  
 Com essa frase quase que os nazi, varre os judeu – extinção

Depressão no convés  
 Há quanto tempo nóiz se fode e tem que rir depois  
 Pique Jack-ass, mistério tipo lago Ness  
 Sério és, tema da faculdade em que não pode por os pés  
 Vocês sabem, eu sei  
 Que até Bin Laden é made in USA  
 Tempo doido onde a KKK, veste Obey (é quente memo)  
 Pode olhar num falei?

Aê, nessa equação, chata, polícia mata – Plow!

Médico salva? Não!  
 Por quê? Cor de ladrão  
 Desacato, invenção, maldosa intenção  
 Cabulosa inversão, jornal distorção  
 Meu sangue na mão dos radical cristão  
 Transcendental questão, não choca opinião  
 Silêncio e cara no chão, conhece?  
 Perseguição se esquece? Tanta agressão enlouquece  
 Vence o Datena com luto e audiência  
 Cura, baixa escolaridade com auto de resistência  
 Pois na era Cyber, cêis vai ler  
 Os livro que roubou nosso passado igual alzheimer, e vai ver  
 Que eu faço igual burkina faso  
 Nóiz quer ser dono do circo  
 Cansamos da vida de palhaço  
 É tipo Moisés e os Hebreus, pés no breu  
 Onde o inimigo é quem decide quando ofendeu  
 (Cê é loco meu!)  
 No veneno igual água e sódio (vai, vai, vai)  
 Vai vendo sem custódio  
 Aguarde cenas no próximo episódio  
 Cês diz que nosso pau é grande  
 Espera até ver nosso ódio

Por mais que você corra, irmão  
 Pra sua guerra vão nem se lixar  
 Esse é o xis da questão  
 Já viu eles chorar pela cor do orixá?  
 E os camburão o que são?  
 Negreiros a retraficar  
 Favela ainda é senzala, Jão  
 Bomba relógio prestes a estourar

Figura 26 - Print do videoclipe da música Boa esperança de Emicida



Fonte: <https://youtu.be/CyfN3WSUBVQ>, 2017

Um aluno me disse: “Parece o filme *Histórias Cruzadas*”. De fato, embora com diferenças de tempo e de espaço, as histórias contadas pelo filme e pela música se assemelham com a realidade vivida pelos estudantes e suas famílias que trabalham em casas, mansões, resorts e restaurantes do outro lado da Linha Verde. A maneira desigual, preconceituosa e cruel como esses profissionais são, muitas vezes, tratados em seu ambiente de trabalho revelam um verdadeiro apartheid racial e social. Além de jornadas abusivas, condições insalubres, informalidade, baixa remuneração, bem como pouca ou nenhuma oportunidade de mobilidade profissional, revelam que o que os negros enfrentam no ambiente de trabalho é ainda uma herança do nosso passado escravocrata.

Iniciamos a conversa falando sobre as comparações feitas por Emicida sobre a condição do negro no Brasil na época da escravidão com a atualidade. Ficou explícito para os alunos a necessidade de refletir a respeito do assunto: que nem a abolição nem o tempo foram suficientes para impedir que a população negra ainda seja vítima de violência racial: “*A favela ainda é senzala, realmente, sem saúde, sem educação, sem segurança...*” ouvi de uma das estudantes.

O que verbalizou a estudante perversamente está nos dados estatísticos como no mapa da Violência 2012 - A cor dos homicídios no Brasil - que relata uma



realidade que perdura desde muito e mais evidenciada, segundo o documento, desde 2002 com a queda do número absoluto de homicídios junto da população branca e de aumento nos números de mortos da população negra, em especial entre a juventude:

Considerando o país como um todo, o número de homicídios brancos caiu de 18.867 em 2002 para 14.047 em 2010, o que representa uma queda de 25,5% nesses oito anos. Já os homicídios negros tiveram um forte incremento: passam de 26.952 para 34.983: aumento de 29,8%. Destacam-se, pelos pesados aumentos de vítimas negras: Pará, Bahia, Paraíba e Rio Grande do Norte... se no ano 2002 a vitimização negra foi de 65,4%, no ano de 2006 cresceu para 90,8% e, no ano de 2010 foi ainda maior: 132,3%. Isto é, por cada branco vítima de homicídio proporcionalmente morreram 2,3 negros pelo mesmo motivo. (WAISELFISZ, 2012, p. 14)

O genocídio do meu povo negro é um assunto grave, porém longe de ser um assunto novo. Talvez por isso - mesmo sem saber dos dados, mas sabendo da vida - um estudante indagou sobre significado o trecho “*O tempero do mar foi lágrima de preto*”. Neste momento, conversamos sobre as condições que cercam imigração forçada e a travessia do Atlântico, em condições desumanas de falta de alimento, água, higiene e de espaço. Ainda temos muito que aprender sobre a diáspora negra.

Os mesmos números alarmantes continuam até hoje e se espalham para outras dimensões marcando o hiato ainda existente em relação às condições de vida brancos e negros, como por exemplo, no campo da educação.

A música também toca num assunto delicado para os estudantes: as dificuldades para jovens negros e de periferia entrarem na universidade, especialmente nas federais. Ao se referir aos negros, a letra diz “tema da faculdade em que não pode por os pés”. Realmente, a luta dos negros muitas vezes é debatida na universidade, é até tema de trabalhos, mas *no final, os brancos ficam com nossas vagas*, disse um dos alunos resumindo a realidade. De acordo com reportagem da Agência Brasil, embora o percentual de jovens negros no nível superior tenha quase dobrado entre 2005 e 2015, de 5,5% para 12,8%, respectivamente, ainda é inferior em comparação a jovens brancos, que eram de 26,5% em 2015 e 17,8% em 2005. (Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2016-12/percentual-de-negros-em-universidades-dobra-mas-e-inferior-ao-de-brancos>).

Aqui vale a pena lembrar que os números positivos – embora ainda insuficientes – são resultados de ações afirmativas como as cotas, por exemplo, que

visam reparar a dívida social e histórica do estado brasileiro com os negros, também na educação. Ainda pouco se sabe sobre constituições brasileiras que em certo momento proibiam o acesso do negro à educação.

Faz sentido aqui dialogar com Kabengele Munanga (2001) quando argumenta em defesa das cotas raciais afirmando que no Brasil, preconceitos e a discriminação racial não foram zerados, assim, os alunos brancos pobres e negros pobres ainda não são usufruem igualmente dos mesmos direitos. Os primeiros são discriminados pela condição socioeconômica, mas os outros são discriminados duas vezes pela condição racial e pela condição socioeconômica.

É justamente na busca de ferramentas e de instrumentos apropriados para acelerar o processo de mudança desse quadro injusto em que se encontra a população negra que se coloca a proposta de cotas, apenas como um instrumento ou caminhos entre tantos a serem incrementados. Por que então a cota e não outros instrumentos e que instrumentos? Numa sociedade racista, onde os comportamentos racistas difundidos no tecido social e na cultura escapam do controle social, a cota obrigatória se confirma, pela experiência vivida pelos países que a praticaram, como uma garantia de acesso, e de permanência neles, aos espaços e setores da sociedade até hoje majoritariamente reservados à “casta” branca da sociedade. O uso desse instrumento seria transitório, esperando o processo de amadurecimento da sociedade global na construção de sua democracia e plena cidadania. (MUNANGA, 2001, p. 34)

A cotas é uma das ações afirmativas, mas não pode ser a única. Conforme apoia Renata Rosa (2007), para o sucesso dos alunos é necessário mais do uma vaga na universidade ou uma bolsa mensal e, sim, um conjunto de ações, que juntas, favorecem a melhoria do desempenho dos alunos negros. Faz-se necessário, “uma política de valorização da diversidade étnico-racial e de políticas específicas de permanência da população afrodescendente em todas as suas modalidades de ensino” (ROSA, 2007, p. 21) A autora ainda fala da importância de adotar como estratégias a seleção de material didático que tratem com seriedade as desigualdades raciais e de gênero, relacionando a situação brasileira com outros contextos pós-coloniais, bem como possibilitar que professores e gestores (escolares e universitários) se apropriem do debate de ações afirmativas e sua importância no combate à desigualdade, dos contextos reprodutores da violência

simbólica de raça e gênero, ambos especialmente no contexto escolar, e estejam decididos a não alimentar o ciclo ideológico de exclusão. (ROSA, 2007)

Ler sobre isso reafirmou em mim a importância de trabalhar na sala de aula da educação básica sobre questões raciais. Nessa perspectiva é justamente pavimentar com eles o caminho para que vislumbrem outras possibilidades além do trabalho nos arredores de Açuzinho, continuar os estudos por mais tempo que a família, ir em busca de direitos conquistados e ainda em disputa. Meus estudantes precisam saber de histórias outras para que “cheguem lá”, para que sejam mais negros e negras na universidade – mais negritude do poder, no poder!

Tematizar a entrada, da permanência e do sucesso da população negra na universidade significa trabalhar para quebrar o círculo vicioso que coloca negros e negras em lugares menos privilegiados no mundo do trabalho, muitas vezes justificada pela baixa qualificação profissional, pela não entrada ou permanência no nível superior e outras justificativas coladas aos efeitos do processo de escravização econômica na produção e sustentação do racismo. Sim, até hoje. Ao final das etapas veremos como tais discussões refletiram nos projetos individuais que os estudantes elaboraram.

Ao tratamos das publicidades na sala de aula podemos tratar também do imaginário social em torno das relações do trabalho e relações etnicorraciais e outras questões como veremos a seguir.

### **Aplicação da ETAPA 5 - Problematizando a imagem social do negro nos anúncios publicitários**

Segundo Corrêa (2011), a publicidade de homenagem tem por objetivo valorizar determinada marca por render tributos a determinado grupo da sociedade em virtude de datas comemorativas ou acontecimento especial, como por exemplo, dia dos pais, das mães, namorados, classes profissionais, entre outros. A fazer isso, conforme afirma a autora, a instituição não vende produtos, mas vende sua marca, seu nome por buscar associá-lo aos valores positivos relacionados ao grupo homenageado, além de atribuir características aos sujeitos participantes desses grupos na sociedade. “Num mecanismo discursivo de poder, a homenagem pode revelar, corrigir ou reforçar o tipo de relação existente entre quem a oferece e quem a recebe”. (CORRÊA, 2011, p. 200) Assim, percebo que há uma autopromoção da

instituição por afirmar render homenagens a classes de profissionais desvalorizados e esquecidos pela sociedade, como garis, garçons e empregadas domésticas – conforme veremos a seguir – bem como, ajuda a sedimentar conceitos já cristalizados na sociedade que associam imediatamente negros e tais profissão.

Nessa etapa, a turma foi dividida em 5 equipes e cada uma recebeu um anúncio publicitário, que afirma homenageia algumas profissões, para analisar criticamente. As equipes se reuniram, organizaram as análises por meio da escrita e finalizaram a atividade expondo oralmente o resultado da análise para toda a turma.

**Figura 27- Alunos reunidos em equipe analisando os anúncios**



**Fonte: Autora, 2017**

A primeira equipe analisou o anúncio publicitário da Bombril que, para homenagear as empregadas domésticas em seu dia, traz uma negra para representar a classe. A aluna M.C representando a equipe questiona: “Por que tem que ser sempre uma negra como empregada doméstica? Porque não uma branca?...O negro sempre sofre preconceito e discriminação, como se estivesse sempre para obedecer às ordens, sem reclamação. ” Após conversarmos sobre o sentido da frase usada no anúncio “Hoje o brilho é todo delas! ”, fazendo referência ao trabalho diária que envolve limpar e dar brilho na casa, e ao fato de que naquele

momento ela estava “brilhando”, ou seja, sendo homenageada, M.P disparou “o brilho do suor, pra brilhar tem que suar” referindo-se resultado do trabalho braçal que envolve energia. Informei para os alunos, que esse anúncio recebeu inúmeras críticas nas redes sociais e foi acusada de racismo por apresentar uma empregada doméstica negra.

Figura 28 - Anúncio publicitário da Bombril.



Fonte: <http://economia.ig.com.br/2015-04-28/bombril-e-acusada-de-racismo-por-campanha-com-empregada-domestica-negra.html>

Segundo notícia o site IG, a empresa se defendeu por dizer que não foi uma escolha aleatória, visto Tania Aparecida ganhou a primeira edição do concurso Melhor Doméstica do Brasil, realizado em 2011, no Programa Raul Gil e, se tornou parte do quadro de colaboradores da Casa Bombril. V.H dispara “se é uma homenagem, ela poderia estar vestida socialmente”. De fato, embora a peça de fundo vermelho apresente um corte em formato de casa – marca da Bombril - e atrás da modelo uma cozinha branca, o lugar social da modelo negra parece bem marcado, inclusive pela vestimenta. Assim, o sujeito mulher, profissional, vencedora

ou “GUERREIRA”, como grita um aluno no fundo da sala, foi apagado, silenciado. R.A resume dizendo “ela sofre duas vezes: por ser mulher e ser negra.”.

A segunda equipe apresentou sua análise sobre a peça publicitária do Hospital Proncor que presta sua homenagem ao dia do médico. Foi nítida a indignação de toda turma ao observar esse anúncio. “Claro que ele nasceu para isso! Branco dos

**Figura 29 - Anúncio publicitário da PRONCOR.**



Fonte: <http://nfpUBLICIDADE.com/dia-do-medico-anuncio-de-jornal/>

olhos azul... deve ter vindo de uma família de bastante condição (financeira), enquanto o negro não tem escolaridade nem oportunidade.” “Dá a entender que negro não nasce pra ser médico”. G.C.O diz que já observou nos hospitais que a maioria dos médicos são brancos. Num tom de discordância R.R diz já ter sido atendido por um negro. Uma discussão acalorada surgiu na sala de aula. Precisei intervir e ratificar que a informação trazida pela equipe não era que não existia médicos e médicas negros, mas sim que ainda hoje há uma maioria – quase absoluta, infelizmente – de médicos brancos.

Nesse momento oportuno, debatemos sobre o fato da não-reparação e não-valorização do negro, da redução de seu espaço em sociedade,

das desigualdades étnico-raciais e sociais - ainda resultado da escravidão, mas que as políticas públicas que ainda existem **hoje** – ênfase no advérbio hoje, pois a sua permanência é uma incógnita – têm ajudado a jovens negros e periféricos – ainda minoria gritante - cheguem à universidade e tornem médicos, dentre outras profissões.

A.C comenta que muitos nem querem ser atendidos por médicos negros. De fato, anúncios como esse só reforçam o estereótipo de que um bom médico é o médico branco, é aquele que nasceu para isso, é aquele que “faz da nossa saúde a sua vocação”. Fazendo com que os que conseguem chegar lá, apesar das dificuldades, ainda têm que lidar a discriminação, e a constantes tentativas de desqualificar e minimizar o profissional negro. Triste realidade!

Dando continuidade as apresentações, a terceira equipe compartilhou com a turma suas análises acerca da publicidade da SINAF Seguros em homenagem ao Dia do Gari. Com relação à peça publicitária, M.P diz que “fica parecendo que todo gari é negro, aquela história de toda a loira é burra...” M.P faz referência ao estereótipo que reforçam a imagem

**Figura 31 - Anúncio Publicitário da KGEPEL Papéis**



Fonte:  
<http://www.blancolima.com.br/datas/engenheiros-e-arquitetos-parabens/>

**Figura 30 - Anúncio publicitário da Sinaf Seguros.**



Fonte:  
<http://prisaraujo88.blogspot.com.br/2013/06/anuncio-de-oportunidade-dia-do-gari.html>

negativa do negro sempre associado a profissões não valorizadas pela sociedade.

A próxima equipe apresentou suas reflexões a respeito do anúncio feito em homenagem ao Dia do Arquiteto e do Engenheiro. Segundo A.J, a imagem da engenheira ou arquiteta sorridente mostra que toda mulher é capaz de exercer qualquer profissão, mesmo as ditas profissões masculinas. R.R diz “esse anúncio é contra o machismo”. Nesse momento, M.P interrompeu dizendo “sim, mas por que não uma negra e sim branca? ” R.R rebateu por dizer que anúncio nada tinha a ver com a questão do negro, apenas quebra o padrão de que engenheiro é uma profissão que só pode ser exercida por homem. Mesmo, pensando nesse ponto

de vista, pedi para R.R ouvi com atenção a indagação de seu colega “por que não uma negra e sim uma branca? ”. Ele apenas escutou e permaneceu em silêncio. Começamos a dialogar sobre a dificuldade que os jovens negros enfrentam em permanecer na universidade de “construir sonhos e torná-los realidade. ” Dificilmente, uma universidade impedirá a entrada de jovens por serem negro, mas esse impedimento se configura pelas dificuldades ou “no olhar” como cita A.C. R.R, talvez repensando sua fala anterior, diz “às vezes, eles não dizem que os negros não podem, mas dizem que só eles, brancos, podem”.

M.S ainda acrescenta “ela é branca, loira, olhos azuis e magra. Ele segue totalmente no padrão de beleza.” Padrão reforçado pela publicidade e internalizado pela sociedade que bons engenheiros e bons arquitetos seguem esse padrão.

A próxima equipe analisou a peça publicitária que homenageia o Dia do Garçom. Segundo a equipe, o anúncio ressalta algumas das funções do profissional, como por exemplo, servir, equilibrar a bandeja nas mãos e atender bem os clientes, mas algo chamou bastante atenção deles: enquanto o garçom põe o prato sobre a mesa e sorrir para

os clientes – detalhe ressaltado pelo anúncio – esses, que são obviamente brancos, nem sequer olham para o garçom. Esse ponto de partida direcionou nossa conversa para a invisibilidade do povo negro. “Eles estão ignorando o garçom”. Embora o profissional esteja visualmente destacado, talvez com o intuito de protagonizá-lo, quando analisamos todo o contexto do cenário percebemos que é como se ele não estivesse ali. A.J indagou: “mas por que ele está sorrindo?” G.C responde que “esse é o trabalho dele, mesmo quando alguém não trate ele com respeito, ele deve

Figura 32 - Anúncio Publicitário do Armazém Restaurante



Fonte: <http://www.blancolima.com.br/page/5/>



demonstrar respeito.” Função reforçada pela frase no anúncio: “... equilibra a bandeja nas mãos com um sorriso no rosto. ” Comentamos sobre quantos trabalhadores negros - principalmente, os que fazem atendimento ao público - sofrem racismo, discriminação, assédio ou outro tipo de atitude desrespeitosa, em seu ambiente de trabalho e não reportam por medo de perder seus empregos, o meio de sustentar suas famílias.

Nesse momento, surgiu na sala uma expressão muito comum: “ele é um negro bonito”. Levantei questionamentos para a turma: Por que ao retratar a beleza de um negro ou uma negra a sociedade costuma especificar de tal modo? Ao elogiar, alguém costuma dizer “você é uma branca bonita” ou “Que branco bonito! ”. Depois de um estranho silêncio de autorreflexão na sala, ouvi algumas respostas tímidas. “É mesmo”, “É verdade”, “Nunca tinha pensado nisso. ” Nesse momento, refletimos sobre a beleza como uma construção social. Não dizemos “branca bonita” porque está inserida em nós a ideia de que toda branca é, por natureza, bonita. Já negros e negras, um feito raro, ou como disse ironicamente M.S “ele deu sorte. ” Tanto que quando ocorre é denominada de “beleza exótica”.

**Figura 33 - Anúncio Publicitário da OAB.**



Fonte: <http://quadra.com.br/oabsc-parabeniza-advogados-com-anuncio-no-seu-dia/>

significa estrangeiro, importado, estranho ou esquisito. Palavras que revelam um caráter não-normativo e não-padrão. Discursos como esse restringem a beleza negra, por especificar, hierarquizar o que é belo apenas em comparação com outros negros ou aproximá-la ao máximo a branquitude para justificar sua beleza, com expressões do tipo “negra de traços finos”. Assim, os alunos notaram que esses conceitos estão tão enraizados em nossa cultura, que essas expressões são repetidas de geração após a geração, sem reflexão crítica acerca de seu significado histórico.

A última equipe a se apresentar analisou a peça publicitária feita pela OAB em homenagem ao dia do Advogado. Conforme sinalizado pela equipe, o cartaz dividido em vermelho e azul, cores símbolo da OAB, mostra a metade de dois homens: um branco com aspecto mais velho, de óculos, paletó e gravata, representando um advogado; o outro também branco, aparentando ser mais novo, com uma roupa mais comum, representando o cidadão. P.O disse: “Tem dois caras brancos. Eu não achei legal porque poderia ter um cara negro. Deu a impressão que os negros não podem ser advogados. ” R.F coaduna ao dizer: “Eu acho que esse cartaz é racista, por causa da ideia deles de que só pessoas brancas que têm capacidade de fazer Direito...Em vez de colocar um homem branco poderia ser um homem negro, com cabelo black e com terno. ” O negro tampouco foi usado para representar o cidadão brasileiro aquele que tem direitos a serem zelados.

No momento seguinte, resolvi fazer um grande bate-papo informal. Pedi para os alunos assistirem atentamente ao comercial da campanha contra o racismo realizada pelo Governo do Paraná no mês da Consciência Negra. Vídeo de nome Racismo Institucional - Teste de Imagem - Campanha Governo do Paraná. (Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=JtLaI\\_jcoDQ](https://www.youtube.com/watch?v=JtLaI_jcoDQ) ) Repeti mais uma vez, a pedido dos alunos e, logo depois eles descreveram o que viram do vídeo.

Figura 34- Print do comercial realizada pelo Governo do Paraná no mês da Consciência Negra



Fonte: [https://www.youtube.com/watch?v=JtLaI\\_jcoDQ](https://www.youtube.com/watch?v=JtLaI_jcoDQ)

Conforme relato deles, o vídeo mostra profissionais de RH convidados para fazer um teste de imagem. Divididos em dois grupos, esses profissionais foram apresentados a imagens de pessoas em diversas situações: um jovem correndo, um homem de terno, uma mulher limpando a casa, um homem cuidando do jardim e uma mulher segurando e analisando uma roupa no cabide. Ao ver as fotos, os profissionais precisavam dizer o que as imagens ilustravam. As imagens eram as mesmas – as roupas, os gestos, o local – exceto por um fato, um grupo viu imagens protagonizadas por negros e ou outro, por brancos. A turma ficou surpreendida com as respostas dos profissionais. “Um branco correndo está atrasado, um negro é ladrão fugindo da polícia” disse A.J indignado. De fato, enquanto a mulher branca que estava com uma roupa na mão era uma designer de moda, ou escolhia roupa para comprar, a negra foi classificada como vendedora ou costureira. O homem branco de terno foi classificado como executivo da área de finanças ou RH, mas o negro, um segurança de shopping ou motorista. A mulher branca e o homem branco estão limpando ou cuidando do jardim de sua própria casa, mas a mulher negra e o homem negro são empregada doméstica e jardineiro, respectivamente. As respostas dos participantes do teste revelam que os negros são colocados sempre numa posição inferior à dos brancos.

O povo negro é, todos os dias, privado de oportunidades sociais, profissionais e educacionais por causa do racismo. Segundo a Agência IBGE, em pesquisa feita no terceiro trimestre de 2017, dos 13 milhões de brasileiros desocupados, 8,3 milhões eram pretos ou pardos (63,7%), assim, a taxa de desocupação dessa parcela da população ficou em 14,6%, superior à apresentada entre os trabalhadores brancos que ficou em 9,9%. (Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/18013-pretos-ou-pardos-sao-63-7-dos-desocupados.html>)

Nem sempre as relações entre a turma eram pacíficas. Como disse anteriormente, muitas vezes, os educadores fingem que não ver quando um aluno é discriminado, não tomam nenhuma atitude seja por não saber o que fazer, dizer, ou por compactuar com as ideias, mas observo através da minha experiência escolar até agora – como aluna e como professora - que o mais comum é considerar o fato como exemplo de animosidade comum, característico das relações de disputa entre jovens. Mais uma vez, o famoso “é normal”, “é natural”, “coisa de jovens”.

Esse silenciamento só perpetua as manifestações de racismo dentro e fora do contexto escolar e fazem com que os estudantes não se sintam à vontade para falar e denunciar. Provavelmente, por conta do espaço dedicado em aula para tratar sobre essas questões, alguns alunos me procuraram fora da sala, antes dessa aula, relatando –indignados- algo que aconteceu durante o intervalo. Um colega havia dito para o outro com um tom de brincadeira: “Não gosto de você, porque você é preto.” Uma aluna disse “depois de tudo que aprendemos nas aulas, ele faz isso!”. Resolvi não intervir diretamente, mas incentivei-os a aproveitar a aula para se expressar sobre o assunto. Sei que nem sempre estaria lá para defendê-los e eles precisavam aprender fazer isso sozinhos. Precisavam aprender a usar sua voz, seu discurso, seu poder para defender a si mesmo e a outros. E foi o que eles fizeram.

Nesse momento, os alunos se sentiram à vontade para narrar situações em que sentiram a dor do racismo em sua própria pele ou na pele de parentes ou amigos achegados. “Meu tio levou tapa na cara, porque acharam que o carro não era dele”. “Numa batida, a polícia raspou o cabelo dele. ” “...a empresa obrigou ele a cortar o cabelo black”. “Os meninos que moravam no condomínio disseram ‘você não jogar porque você é negro’, aí eu fiquei sem graça e fui embora.” O aluno que foi vítima de discriminação quis falar e se sentiu encorajado foi à frente da turma e falou sobre respeito, dignidade e de como ele esperava que as pessoas entendessem “...que racismo não é brincadeira, nem piada. Essas palavras magoam...”. Ele parecia, para mim, cheio de força e determinação, cheio de poder, apesar da dor, cheio de certeza de que não queria mais ser silenciado, não mais... Mais do que ensinar crase e orações subordinadas, as aulas de Língua Portuguesa estava preparando-o para a vida e seus enfrentamentos.

No momento seguinte, passamos a fazer uma leitura coletiva e comentada sobre reportagens de negros e negras que foram discriminados por serem sempre associados a profissões consideradas inferiores pela sociedade, desacreditados e questionados em suas profissões. Como o caso da Thatiane Santos da Silva, médica negra gaúcha, ouviu durante uma reunião de trabalho que os dreadlocks que usa poderiam ser um problema, já que os pacientes da cidade estariam acostumados “com um padrão de médicos”. “Só porque ela é negra, eles acham que não pode ser médica”, retrucou um aluno. Padrão médico exigido, em outras palavras, branco, cabelos lisos e/ou loiro, olhos claros, aquele que “nasceu para isso”, segundo anúncio analisado na aula anterior. “Realmente, eu só fui atendido

por um negro uma vez na minha vida. ” Conversamos naquele momento sobre todas as faltas de oportunidades educacionais que sofre o povo negro. E aqueles que hoje têm alcançado, apesar de todas as pedras no caminho, ainda tem que lidar desvalorização social. Revelando um percurso de uma luta diária, luta essa também necessária para alterar os processos que envolvem as construções midiáticas. Porque não fazer esse exercício agora, veremos na próxima sessão como começamos a pensar na culminância desse projeto.

### **Aplicação da ETAPA 6: E se você fosse um publicitário? - Caminhando acompanhado para ir mais longe**

Durante as atividades realizadas com a turma ficou nítida a necessidade de uma publicidade mais responsável e conscientizadora, que contasse com a presença do negro e seu papel para além do imaginário social, que combatesse os estereótipos e defendessem uma posição racial mais igualitária. Se não há, ou ainda há poucas no cenário da mídia brasileira, criaremos nós. Assim, pedi para os alunos esboçarem o que eles desejam ver nas publicidades, ver nos outdoors, nas esquinas, na TV...

A intenção era que cada aluno produzisse seu próprio cartaz publicitário, mas para produzi-lo eles poderiam convidar outro colega da turma, de outra turma, alguém da família e até da comunidade. Juntos, através do Projeto de Letramento Negritude do Poder, produziríamos uma Campanha Publicitária da Consciência Negra. Assim, eles começaram a rabiscar o seu projeto individual. Alguns foram rápidos para pensar em como queriam seu projeto. Eu os observava discretamente, conversando com outros, gesticulando: *Eu quero uma foto assim, assim...* Enquanto outra aluna dizia: *Eu tenho uma blusa do jeito que você quer, posso trazer. Acho que dá nela.*

A.H me chamou reservadamente para falar sobre seu planejamento. Sempre foi um aluno de voz baixa e poucas palavras. Disse-me: *Pró, estou pensando em desenhar um negro gari. Bem, vamos pensar um pouco mais sobre isso, o negro gari nós já temos não é? Lembra das atividades? Vamos pensar no que nós não temos na mídia.* A.H me surpreendeu, pois com tamanha timidez se tornou garoto-propaganda do seu próprio cartaz, uma campanha contra o racismo e incentivo à denúncia, por saber da necessidade e seriedade de falar sobre esse assunto.

Figura 35 - Anúncio publicitário contra o racismo feito por um dos estudantes



Fonte: Autora, 2017

Muitos precisaram ser motivados, pois diziam que não conseguiam ter nenhuma ideia e se acomodaram com o fato. Nesse momento, pedi para A.J explicasse para a turma como seria seu cartaz publicitário. Ele, que antes do projeto era tímido, calado e pouco participativo em sala, encarou a turma e contou seu plano e como intencionava colocar em prática, que narrarei a seguir. Senti que a turma se motivou ao ouvi-lo. Suas ideias impulsionaram outras e mais outras.

Figura 36 - Estudante explicando suas ideias para os colegas



Fonte: Autora, 2017

**Figura 37- Foto tirada no Posto de Saúde de Açuzinho**



**Fonte: Aluno A.J, 2017**

*Quero me vestir de médico e colocar uma frase assim VOCÊ PODE SER QUEM VOCÊ QUISER*, disse A.J. Uma aluna, cuja mãe é enfermeira, levou um jaleco branco e emprestou ao colega. E para ficar mais realístico um grupo de colegas o acompanhou até o posto de saúde da comunidade do Açuzinho e pediram autorização para tirar a foto do cartaz publicitário. Ainda conseguiram um estetoscópio! Estabeleceram relações, se mobilizaram e se utilizaram da linguagem, da palavra para cumprir um propósito. Já pronto, o cartaz tinha um objetivo claro: derrubar os muros que nos aprisionam em desigualdade racial e social.

Quando o cartaz ficou pronto, ouvi, por várias vezes, colegas de classe elogiando o trabalho de A.J. Acredito que esses elogios que ocorreu também com os trabalhos, vindos dos próprios colegas, foram essenciais para melhorar a autoestima

**Figura 38 - Anúncio produzido pelo estudante retratando um médico negro**



**Fonte: Autora, 2017**

dos estudantes e um sentimento de que “**Sim, eles são capazes. Sim, nós podemos.**”.

Porém, A.J felizmente não foi o único que se mostrou cansado de ver os negros na mídia associados historicamente a profissões consideradas inferiores pela sociedade. G.P, que convidou uma colega de classe para protagonizar seu cartaz, diz. Quero *mostrar uma negra que esteja estudando para ser advogada*. A foto foi produzida na biblioteca da escola com a ajuda de outros colegas.

**Figura 39 - Anúncio produzido na biblioteca da escola**



Fonte: Autora, 2017

Sem equipamentos profissionais, utilizamos nossos celulares e aplicativos que editam imagens como *Photo Editor*, *Photogrid*, *Youcam Perfect*, assim como meu computador pessoal, visto que a escola não dispõe de laboratório de informática. Quem possuía celular com acesso à internet, emprestou a outros colegas. E mais ideias foram surgindo e com muita criatividade conseguimos sanar as dificuldades e privações de materiais. Cada um ajudava como podia, não mais importava a quem pertencia aquele trabalho. Um pouco dele, meu, nosso, um pouco de cada um. Nisso, a sala de aula se tornou nosso estúdio, sem deixar de ser sala de aula.



Figura 40 – Mosaico do Making off das produções



Fonte: Autora, 2017

Essa interação e colaboração foram essenciais quando surgiam problemas. Quase próximo de finalizar o projeto, embora houvesse estendido o prazo por mais de uma vez, alguns alunos desistiram de fazer por achar que conseguiriam. Conversei com a turma sobre o fato de que alguns colegas precisavam de ajuda para produção, muitos se voluntariaram para ajudar. Mais uma vez ficou evidente que o individual acabou se tornando um grande projeto coletivo, com envolvimento de todos, sem o aspecto competitivo que antes imperava em sala de aula. A.H (Figura 35) foi um dos alunos que estava determinado a não fazer por não ter nenhuma ideia, segundo ele, mas ao receber apoio e motivação não só de mim, mas, principalmente, dos próprios colegas, ele acreditou em sua capacidade e fez um belo trabalho.

No que tange as produções, percebi que outra temática muito abordada nos cartazes publicitários foi a valorização da beleza negra como estratégia de enfrentamento do racismo. Percebe-se que esses meninos e meninas negras entenderam quão importante é aceitar e assumir suas características - próprias do fenótipo negro – e marcá-lo como belo, pois não se pode lutar contra o racismo, sem antes conhecer uma parte de sua história, valorizá-la, e estimar a si mesmo. Os

projetos individuais valorizavam a estética negra e enalteciam a beleza negra. Estabelecer uma imagem positiva desses corpos negros – como o meu, como o nosso – é fundamental para combater o racismo. Especialmente quando o assunto é o cabelo. Ao longo dos anos, o imaginário social refletido e influenciado pela mídia se dedicava a rebaixar, inferiorizar e até ridicularizar nossa negritude exposta no nosso cabelo. Anos de associação do branco com o belo e do negro com o feio. Um processo tão maldoso e cruel que só quem sofreu e passou por ele pode entender plenamente. E somos muitos. Não foi à toa que os que optaram por esse tema puderam convidar irmãs, primas e amigas para servir de modelo. Modelos de vida e de luta, pois embora jovens já sentiram a pressão sufocante, a cobrança asfixiante que tentava obriga-las a aprisionar, esconder seus cabelos –verdadeiras coroas, símbolos de realezas. Hoje negras libertas dispostas, pelo uso da palavra, a libertar outras.

Figura 41 - Exemplo de anúncio produzido pelos alunos que ressalta a beleza negra



Fonte: Autora, 2017

Falar sobre corpo e cabelo negros é, inevitavelmente, se aproximar da discussão sobre identidade negra O cabelo crespo, objeto de constante insatisfação, principalmente das mulheres – e eu sei bem disso, por experiência própria, é também visto como chave no sentido de uma revalorização que extrapola o indivíduo e atinge o grupo étnico/racial a que se pertence. Ao atingi-lo, acaba

remetendo, consciente ou não, a uma ancestralidade africana recriada no Brasil. Essa identidade é vista, “como um processo que não se dá apenas a começar do olhar de dentro, do próprio negro sobre si mesmo e seu corpo, mas também na relação com o olhar do outro, do que está fora. É essa relação tensa, conflituosa e complexa.” (GOMES, 2012, p.2) A identidade, como foi dito anteriormente, é entendida como uma construção social. Assim construir uma identidade negra em uma sociedade ainda discriminatória, preconceituosa e racista é uma difícil tarefa, mas acredito que atividades como essa permitem a construção de uma nova identidade por parte desses jovens – negras e negros.

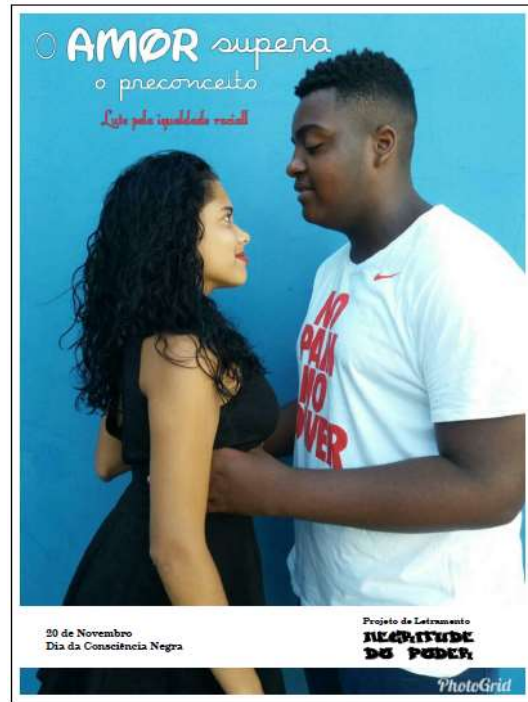
Figura 42 - Mosaico de anúncios produzidos pelos estudantes que ressaltam a valorização do cabelo crespo e da pele negra



Talvez depois que entendem a si mesmo, sua origem, seu corpo, seus traços e seu valor, muito perceberam que não devemos em nada a quem quer que seja, não somos menores, menos digno, menos merecedores em absolutamente nada. Talvez por isso muitos estudantes questionaram o preconceito e a discriminação racial. Ao modo deles, às vezes até um tanto romantizado e utópico, como se a solução para esse problema tão simplista como dar as mãos, reforçando talvez a ideia de que há democracia racial no Brasil. Ainda assim, as produções revelam o desejo e a necessidade de a sociedade rever e repensar conceitos racistas que ainda perduram até hoje. E me fez pensar sobre a necessidade de analisar as produções com a própria turma, etapa que acrescentaria numa próxima aplicação desse projeto.

Figura 43 – Mosaico de anúncios publicitário contra o preconceito e a discriminação racial, produzidos pelos estudantes





Um dos cartazes (Figura 45) chamou minha atenção por cita a influência negativa da mídia na construção identidade e história do povo negro. P.S ao pensar e sua mensagem foi direto e num tom imperativo dá um alerta para seus leitores: Não permita que a mídia apague a nossa história. De fato, sem pegadas – sem história – ficamos perdidos e não saberemos onde queremos chegar. História que não começa na escravidão, vale lembrar. História milenar que revela uma negritude poderosa, poder esse que precisa ser resgatado.

Figura 45 - Anúncios de conscientização sobre o poder da mídia



Fonte: Autora, 2017

Outros anúncios demonstraram que para que haja igualdade racial é necessário luta, luta essa que o movimento negro tem se empenhado por todos esses anos, mas que ainda há um longo caminho a ser trilhado. Outro de maneira imperativa pede paz para os negros, tão necessária diante de índices alarmantes do genocídio do povo negro, especialmente de jovens negros.

Figura 46 - Mosaico de anúncios sobre igualdade racial



Fonte: Autora, 2017

Sabendo que no Brasil, quanto mais escura for a cor da pele, maiores são as probabilidades de sofrer racismo. Por conta desse estigma social, não raro vemos a utilização de eufemismo para caracterizar a pele não branca. Muitas recorrem e assumem adjetivos como mulata, moreninha, bronzada, cor de jambo, entre outros. O anúncio da Figura 47 revela a importância de se descobrir enquanto negra, que

envolve perceber nos traços físicos, cor e cabelo, uma nova identidade. A postura – e o sorriso - das estudantes no anúncio revela, ou passa a imagem de satisfação, valorização de quem elas realmente são e de quem elas se redescobriram ser: negras!

Figura 47 - Anúncio publicitário sobre identidade negra

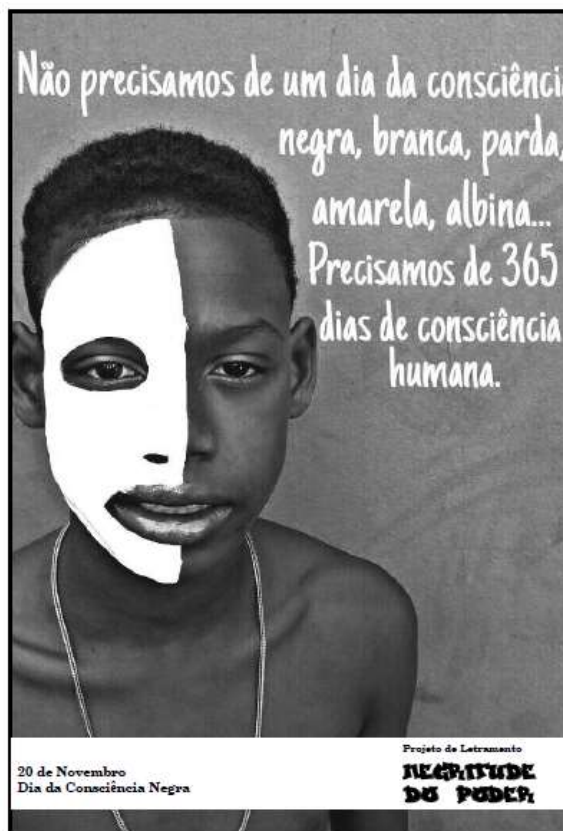


Fonte: Autora, 2017

No entanto, notei que um dos cartazes (Figura 48) reproduzia uma frase muito repetida nas redes sociais em decorrência do Dia da Consciência Negra. A frase sugere que não há a necessidade de uma consciência negra e sim uma consciência humana. A primeira vista, e possivelmente o que pensou também o aluno, a frase parece positiva, mas desmerece toda luta por igualdade quando utiliza a expressão “Não precisamos”, esquece toda nossa história, todo nosso passado e nega a existência do racismo. E deixar a responsabilidade nas mãos de uma consciência humana dos grupos dominantes, que não existiu no passado, nem existe hoje. Esse é, sem dúvida, um caminho sutilmente perigoso. Percebo, mais uma vez, a romantização utópica e simplista de um tema que é, sobretudo, complexo. Em decorrência do cronograma escolar com a finalização da IV unidade com avaliação final e recuperação, não houve mais tempo para incluir esse questionamento nas atividades do projeto. De fato, percebo que faltou como etapa a análise crítica feita com a turma das próprias produções deles.



Figura 48 - Anúncio sobre consciência humana



Fonte: Autora, 2017

### **Culminância do Projeto de Letramento Negritude do Poder: Semana da Consciência Negra - Etapa Final**

A culminância do projeto ocorreu na Semana da Consciência Negra em que estavam programadas diversas atrações culturais protagonizadas pelas turmas do Fundamental II. Nesse dia, além de montar um quadro com todos os anúncios publicitários do Projeto de Letramento Negritude do Poder, os estudantes fariam apresentações artísticas sobre a temática, que poderiam incluir dança, música, poesia, entre outros gêneros. As ideias começaram a surgir e, novamente interações se formavam, pois eles livremente poderiam escolher apresentar sozinho ou em grupo. Eles passaram a pesquisar letras de músicas, poesias e coreografias que expressem o sentimento de valorização da cultura negra e posicionamento deles diante do que foi debatido em sala nas etapas anteriores. Disponibilizei uma parte de cada aula para que eles pudessem se organizar e ensaiar. Aos poucos, eles

decidiam desde as músicas, as roupas que usariam nas apresentações, os passos que combinavam perfeitamente com as batidas.

Algumas alunas contaram-me que havia escolhido a música Pesadão, da cantora Iza. Confesso que eu não conhecia, nunca tinha ouvido falar, mas fiquei encantada com a escolha - hoje faz parte da minha playlist, com certeza!

**Figura 49 – Mosaico mostrando estudantes ensaiando para as apresentações**



Fonte: Autora, 2017

O encanto pela escolha surgiu pelo conjunto da obra. Iza, além de ter um vozeirão, sua presença e música passam o discurso forte de empoderamento feminino negro. A música Pesadão, que conta com a participação de Marcelo Falcão, segundo a própria cantora é a voz da representatividade e quebra de

padrões. Um trecho que chamou minha atenção diz “Se tentar nos parar/ Não é bem assim/Ficaremos mais bem fortes do que antes”. Não sei se poderia traduzir melhor esses versos do que “Negritude do Poder”.

No dia da montagem do mural, o projeto deixou de ser apenas da turma do 9º ano e passou a ser da escola, pois todos se juntaram para ajudar, desde professores de outras disciplinas, as coordenadoras do Fundamental I e II, estudantes de outras turmas, de turmas do qual nem sou professoras, pertencentes a educação infantil - crianças queriam ajudar. A coletividade e a interação mais uma vez se fez presente. As ações cooperativas, mesmo quando não planejadas, promovem características essenciais para o bom funcionamento de uma comunidade escolar: colaboração, socialização e interação, todas importantes na construção de conhecimento.

**Figura 50 – Mosaico mostrando a comunidade escolar ajudando na montagem dos anúncios publicitários**



Fonte: Autora, 2017

Figura 51 – Mosaico com a comunidade escolar ajudando na montagem dos anúncios publicitários



Fonte: Autora, 2017

Após a montagem do mural, as produções dos estudantes em meio a recortes de palavras que remetiam e sintetizavam a temática – dentre algumas palavras escolhidas estavam, por exemplo, respeito, oportunidade, dignidade, resistência, reparação, orgulho, reexistência – foi exposto no pátio da escola, logo na entrada, facilitando sua visibilidade. Muito além do caráter decorativo, pois as produções serviram de pano de fundo para todas as apresentações que ocorreram na Semana

da Consciência Negra, os anúncios foram informativos, interativos e uma maneira de democratizar o que foi aprendido em sala, tornando-se uma ferramenta de divulgação dos trabalhos feitos pelos alunos. Enquanto estavam exibidos na parede da escola, recebíamos muitos elogios, desde a diretora e vices, coordenadoras, funcionários da escola – que trabalham na secretária ou na cozinha – de professores e pais que apareceram na escola. Não raro via alguém me apresentar dizendo “essa é a professora do projeto que você estava elogiando”. Enfim, era nítido ver como os alunos do 9º ano se sentiram orgulhosos de si, ao ver que eram capazes de produzir anúncios tão potentes e significativos.

**Figura 52 - Comunidade escolar contemplando os anúncios da Campanha**



Fonte: Autora, 2017

Uma das funcionárias, que é responsável pela limpeza da escola, sempre solicita e colaborativa com os professores, chegou com seu jeitinho simples e disse: “Muito lindo viu, pró!” Tocou no ombro de um dos alunos e disse: “Isso mesmo, meu filho! Quero ver você médico!” Acredito que aquelas palavras significavam o início de um pensar e repensar esses lugares e não lugares que nossa sociedade racista e classicista impõe nossos jovens negros. Significa pensar e repensar novos caminhos e novas possibilidades.

Figura 53 – Mosaico com fotos da Exposição da Campanha Publicitária para a comunidade.



Fonte: Autora, 2017

Visualizar os cartazes possibilitou não só tais questionamentos, mas também abriu caminho para a representatividade e aceitação da própria imagem. Ao olhar os cartazes, uma das alunas do ensino infantil perguntou: “Pró, eu sou negra, né? Eu

Figura 54 - Estudantes do Fundamental I observando os anúncios



Fonte: Autora, 2017

só não tô aí porque não é a minha turma.” Embora soubesse que os trabalhos seriam visto por toda a comunidade escolar, confesso que não havia pensado no quanto isso refletiria nos pequeninos. Lembra o quanto eles vorazmente absorvem as informações, torna ainda mais assustador pensar no poder midiático e seus efeitos negativos. Se ver nas produções e entender isso tão rapidamente, faz-me pensar que agenciar tal letramento deve começar o quanto antes na sala de aula.

No momento da apresentação culturais, além de Pesadão da cantora Iza, tivemos um grupo de alunos que dançou ao som de Negro Lindo, do grupo musical Parangolé. A letra diz: Sou eu negro lindo/ Sou eu / Sou eu / Lute minha raça/ Ame minha cor/ Ame minha raça/ Lute minha cor/ De onde eu venho tem mais.../ De letra impactante, a música exalta a beleza negra e incentiva a valorização da identidade negra. Além disso, tivemos um solo de balé com a música Olhos Coloridos de Sandra de Sá.

**Figura 55 - Alunos dançando Pesadão de Iza**



Fonte: Autora, 2017

Figura 56- Alunos dançando Negro Lindo de Parangolé



Fonte: Autora, 2017

Figura 57 - Aluna dançando balé ao som de Olhos Coloridos de Sandra de Sá



Fonte: Autora, 2017

Além disso, alguns alunos declamaram poesias sobre respeito, combate ao racismo e a beleza do cabelo negro. A música Negro Drama dos Racionais Mcs foi



declamada por uma das alunas. O mais interessante é que mesmo alunos que são aparentemente tímidos em sala, que, principalmente antes do projeto, quase nunca participavam ativamente das aulas se apresentaram voluntariamente, enfrentaram seus medos, se desafiaram e deram show. O que me deixou bastante orgulhosa.

**Figura 58- Mosaico com as apresentações de poesia**



Fonte: Autora, 2017

## Considerações finais

Em meio a uma sociedade marcada por desigualdades raciais e sociais, em que a mídia insiste em marcar os lugares e não lugares que nós – negros – podemos ocupar, é de extrema importante que as aulas de Língua Portuguesa deem espaço para se discutir tais questões na escola. O projeto de intervenção que desenvolvi ao longo dos meses teve esse objetivo: contribuir para que os estudantes de Açuzinho, que estão em minha sala de aula, pudessem mobilizar suas capacidades de leitura, bem como perceber como são veiculadas e construídas as ideias que nos fazem ser quem somos, que influenciam a constituição de nossas identidades sociais e raciais. E através da leitura e releitura, esses sujeitos, durante as atividades desenvolvidas nas etapas no projeto de Letramento Negritude do Poder, puderam ressignificar seus papéis sociais que lhes são atribuídos. As produções de cartazes publicitários foi a maneira que eles encontraram de refutar e resistir e reexistir a modelos cristalizados da hegemonia europeia e dizer o que dificilmente é dito nas instituições midiáticas: nós – negros e negras – queremos e podemos ocupar os lugares que quisermos: da beleza, da dignidade, das profissões valorizadas e muitos outros. Lugares ainda historicamente não legitimados. Entender o que significa morar do outro lado da estrada é o primeiro passo para encontrar possibilidades de mobilização social.

Meu trabalho, enquanto professora, especialmente na execução desse projeto, foi continuar lutando por uma escola transformadora, em que a leitura será um ato político, coletivo, social, e de discussão, preocupada em formar leitores-autores, capaz de construir sentido e significado. E porque não desconstruir sentidos?

Ter esse concepção de leitura em mente influenciou positivamente em meu trabalho por durantes as aulas de leitura, e me impediu de tentar explicar para os estudantes o que o autor quis dizer ou o que o texto significa, antes guiá-los nas leituras, fazendo perguntas sobre os modos de compreender o texto, ajudando-os a levantar hipóteses por considerar não apenas a materialidades do texto – as palavras, organização, o explícito, o implícito, etc. – como também o gênero e a finalidade social do texto e da leitura. E tudo isso só faz sentido se funcionar como binóculo para vida real, ampliando sua visão e leitura de mundo e ajudando-os a fazer parte integrante e ativa da sociedade em que vivem. É importante que a escola

esteja atenta a todos os usos de linguagem que permeiam o mundo fora dos muros da escola, e entenda como esses usos influenciam nossas identidades sociais.

Percebi que nas primeiras atividades, os estudantes tiveram dificuldade de compreensão das leituras, mas à medida que diferentes leituras os levavam novos questionamentos, dando espaço para discussões e compartilhamento de experiências entre os próprios colegas, ficava mais fácil entender os sentidos presente nos textos publicitários. Quanto mais percebiam seu próprio avanço, mais confiavam em si mesmos, isso ficou nítido na culminância do projeto.

Obviamente, toda experiência que aprende por meio desse projeto, todo o conhecimento que obtive durante o mestrado do PROFLETRAS, minhas orientações com a Dr. <sup>a</sup> Ana Lúcia Souza, Analu, e todo o saber da prática trocado entre as mulheres guerreiras que compunha a 3<sup>a</sup> turma do PROFLETRAS, construíram em mim uma nova identidade como educadora, professora e pesquisadora. Minha mente fervilha de ideias para os anos de docência que virão. Talvez envolvendo outras turmas, outros professores, de disciplinas diferentes – por que não? – todos juntos agenciando letramentos. Quando ouço professores que já conhecem o Projeto Negritude do Poder, por meio de apresentações em congressos e seminários em Salvador e até em outros estados, professores de outras escolas e universidades – dizerem: *Gostei dessa etapa aqui, vou aplicar na minha turma*, percebo que esse projeto pode ser maior do que eu intencionava.

Hoje, meu olhar mais apurado me faz observar cada turma, os estudantes que nelas estão, suas necessidades e sua realidade, e levá-las em consideração ao planejar as atividades. Sei que meu olhar de mulher negra que passou por uma transição que vai muito além dos cabelos, de origem humilde, advinda da escola pública, e agora pesquisadora me auxiliará muito nessa prática. Denunciar e combater o racismo e dar visibilidade a minha irmã negra e irmão negro não poderá mais ficar de fora de meu papel como educadora.

Acredito que a escola possa sim ser o passaporte para poder pensar em outras possibilidades, considerando-se uma instituição capaz de minimizar as disparidades sociais, quando se compromete com a educação de qualidade, mais igualitárias e menos racista e quando prepara e equipa esse aluno para a guerra que ele enfrentará cotidianamente. Combater o bom combate é um dos papéis que a educação pode ensinar. A escola, principalmente por meio da leitura, pode mesmo ajudar a construir outras identidades, a exercer novas funções sociais e pavimentar

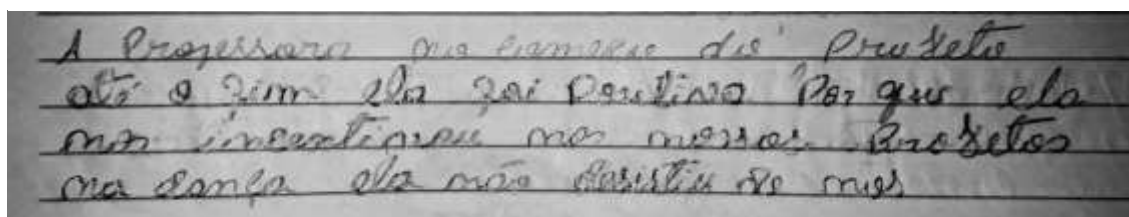
novos espaços na sociedade, onde antes sua presença era impedida, cerceada. Mas quando eu digo A ESCOLA, não estou me referindo a uma instituição distante. Embora outros tenha deveres e responsabilidade para com a educação, talvez nunca o façam, por uma questão de conveniência, mas isso não me exime de minha responsabilidade. Pois, agora entendo que eu sou a escola. Pensar e agir assim é uma tarefa árdua e dolorosa, mas é também feliz, é jogar sementes pela estrada na certeza de que elas darão frutos, embora não saiba onde nem quando. Mas quando leio as palavras que citarei abaixo, só tenho a certeza de que preciso continuar caminhando, sob sol forte ou chuva revigorante:

Figura 59 – Atividade Final de Escrita da aluna DC

O projeto "Negritude do Pólo" foi muito  
sensibilizado, ajudou muitos alunos mas  
do' do mesmo sala a ponto de uma  
maneira bem diferente sobre o jeito, con-  
tudo de cada uma pessoa, sem. Costei  
muito de termos tirado fotos, apresen-  
tando e ter foto a que pensamos.  
Costei do grande coisa que temos  
em todos ajuda em alguma forma, em  
trabalhamos juntos e sem brigas e  
choro. Não tinha o que reclame  
sobre isso, pessoas maravilhosas que  
esta professora, sempre acreditando em  
meus potenciais e buscando tirar  
de dentro de nós o mesmo muito,  
o espaço que ela teve foi  
praticamente inesplorado, as vezes  
ela briga, sobre o futuro, mas  
sempre querendo mais que pode.  
mas sim ser alunos e futuros  
cidadãos de bem.

Fonte: Autora, 2017

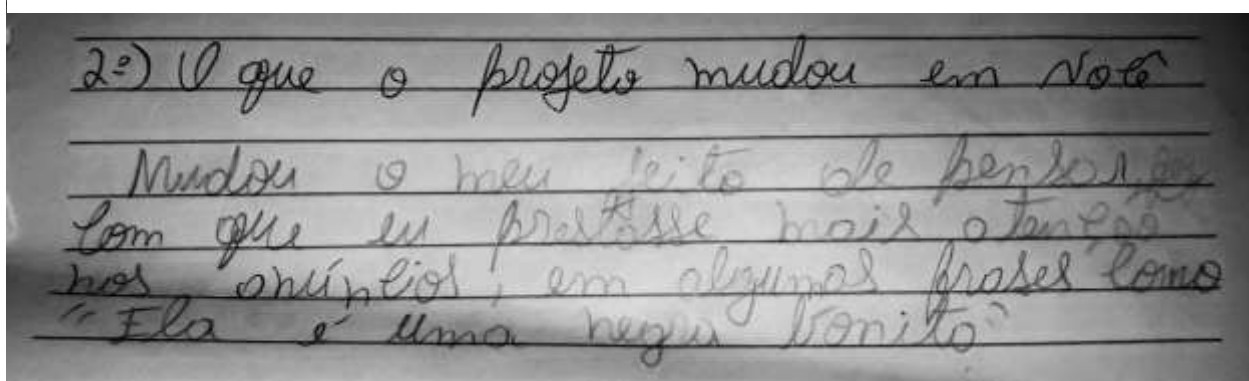
Figura 60 - Produção Final de Escrita do aluno RP



A Professora que começou do Projeto  
 até o fim ela foi perfeita por que ela  
 me incentivou nos meus projetos  
 na dança ela não desistiu de mim

Fonte: Autora, 2017

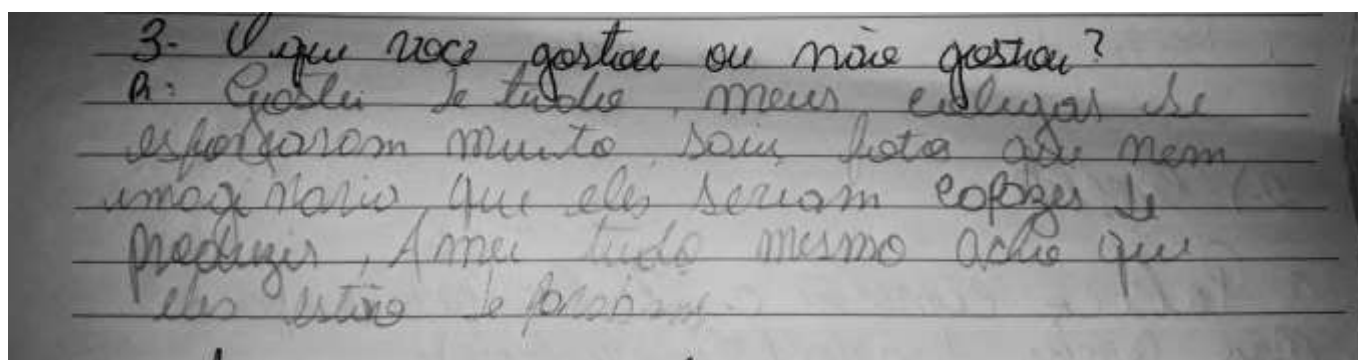
Figura 61- Produção Final de Escrita Sem identificação



2º) O que o projeto mudou em você  
 Mudou o meu jeito de pensar,  
 com que eu poderia mais atenção  
 nos estudos, em algumas frases como  
 "Ela é uma menina bonita"

Fonte: Autora, 2017

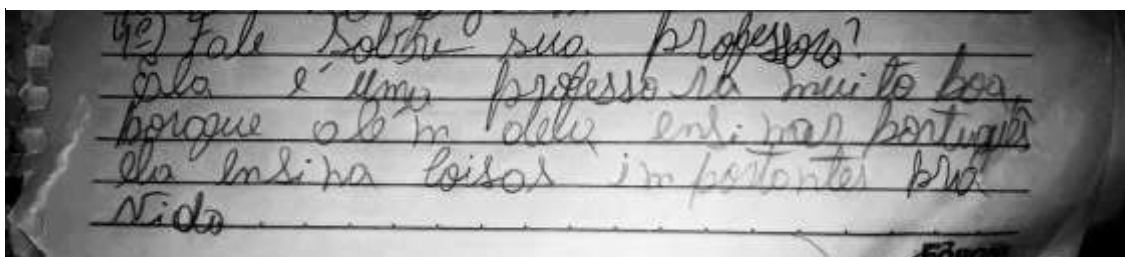
Figura 62 – Produção Final de Escrita da aluna LD



3- O que você gostou ou não gostou?  
 R: Gostei de tudo, meus estudos de  
 esportaram muito, saiu foto que nem  
 uma foto que eles seriam capazes de  
 produzir, Amei tudo mesmo acho que  
 eles estão se preparando

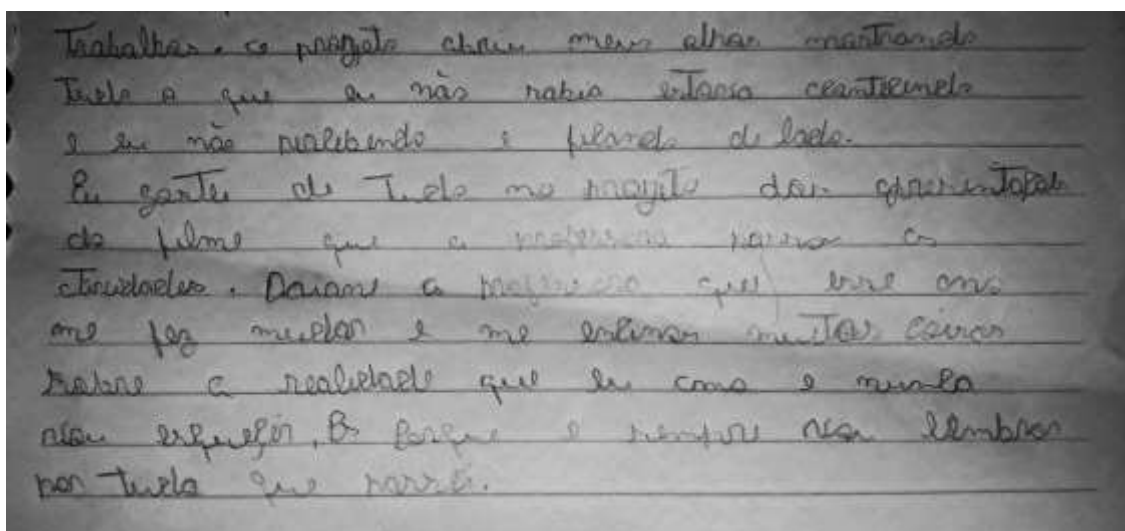
Fonte: Autora, 2017

Figura 63 – Produção Final de Escrita sem identificação



Fonte: Autora, 2017

Figura 64 – Produção Final de Escrita do aluno AJ



Esses são apenas alguns exemplos de escrita feita pelos alunos como avaliação final do projeto, de si mesmos e da professora (Os alunos tiveram a liberdade de se identificarem ou não). Tais exemplos refletem o que eu almejava desde o princípio – **e foram muito além** – mostram a importância da coletividade, da possibilidade de enxergar seu mundo e sua realidade de maneira mais abrangente e profunda, mostram quão relevante para a vida desses meninos e meninas é ter alguém – principalmente, a figura de um professor – acreditando no sucesso deles. Como **eles se redescobriram negras e negras!** Esses relatos servem de evidência para mim da importância de permanecer nessa caminhada. Os relatos positivos foram tantos que não cabem nesse trabalho: da direção, da coordenação e de pessoas na comunidade, da turma que fizeram para mim uma homenagem-surpresa. Mas, um relato foi especial. Depois que os alunos puderam

levar suas produções para casa, quis saber a reação das famílias. Um aluno me disse: *Minha mãe colocou na moldura e deixou na sala*. Que significado deve ter tido para esta família, guardar esse trabalho junto com as fotos de família! Como recordação, como lembrete, como perspectiva de futuro, com um pouco mais de fé e esperança em si mesmo. **Se essa não for a função principal do meu trabalho como docente e me faça acordar todos os dias para continuá-lo, eu ainda não consegui pensar em algo mais importante.**

Figura 65 - Mosaico de fotos EU&ELES, ELES&EU



Fonte: Autora, 2017

## REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, Marli E. D. A. *Etnografia na prática escolar*. Campinas: Papius, 1995.
- ASSIS, Machado de. "Pae contra mãe". In: *Relíquias de Casa Velha*. Rio de Janeiro, H. Garnier Livreiro Editor, 1906.
- BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São. Paulo: Martins Fontes, 2003. p.261-306.
- BARROS, S. A. P. *Discutindo a escolarização da população negra em São Paulo entre o final do século XIX e início do século XX*. In: ROMÃO, J. (Org.). *História da educação do negro e outras histórias*. Distrito Federal, Brasília: Ministério da Educação; Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade: 2005.
- BORGES, Rosane da Silva. *Mídia, racismos e representação do outro*. In: BORGES, Roberto Carlos da Silva & BORGES, Rosane. *Mídia e racismo*. Petrópolis, RJ: DP et Alii; Brasília, DF. 2012.
- BRASIL. *Decreto nº 847*, de 11 de outubro de 1890. Promulga o Código Penal. Disponível em: <http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=66049>. Acesso em: 12 de agosto de 2017.
- BRASIL. *Decreto-lei nº 3688*, de 03 de outubro de 1941. Dispõe sobre a Lei das Contravenções Penais. Disponível em: <http://www2.planalto.gov.br/>. Acesso em: 11 de agosto de 2017.
- BRASIL. IBGE. *Censo demográfico 2010 – educação e deslocamento. Resultado da amostra*. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.
- BRASIL. *Lei nº 10.639*, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm). Acesso em: 25 de agosto de 2017.
- CARVALHO, Nelly. *Publicidade: a linguagem da sedução*. São Paulo: Ática, 2003.
- CAVALLEIRO, E. S. *Do silêncio do lar ao silêncio escolar: Racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação*. Universidade de São Paulo. 1998.
- CORRÊA, Laura Guimarães. Reflexões sobre a publicidade de homenagem e o Dia da Consciência Negra. In: SILVA, Dilma de Melo (org.). *O negro nos espaços publicitários brasileiros: perspectiva contemporânea em diálogo*. São Paulo: Escola de Comunicação e Artes da USP, 2011. p. 197-208.



- FREIRE, P. *Conscientização: teoria e prática da libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. 3.ed. São Paulo: Cortez & Moraes. 1980.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra. 1996.
- FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987.
- GOMES, N. L. *Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolo da identidade negra*. 2ª ed. . Belo Horizonte: Autêntica. 2008.
- GOMES, Neusa Demartini. *Publicidade ou propaganda? É isso aí!* Revista FAMECOS, Porto Alegre, v. 16, 2001.
- GOMES, Nilma Lino. *Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*. *Ação Educativa*, Belo Horizonte, v. 12, n. 2, p.01-12, jun. 2012.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- HALL, Stuart. *Cultura e representação*. Organização e revisão técnica: Arthur Ituassu;. Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: PUC-Rio; Apicuri, 2016.
- KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. Bauru, SP, EDUSC, 2001.
- KLEIMAN, Ângela B. *Letramento e suas implicações para o ensino de língua materna*. *Signo*. Santa Cruz do Sul, v. 32 n 53, p. 1-25, dez, 2007.
- KLEIMAN, Ângela B. *Preciso “ensinar” o letramento?* Cefiel / IEL/ Unicamp, 2005.
- MARCONDES, P. *Uma história da propaganda brasileira – melhores campanhas, gênios da criação, personagens*. Rio de Janeiro: Ediouro. 2001.
- MARTINS, C. A. M. *A publicidade e o registro branco do Brasil*. In: BATISTA, L. L.; LEITE, F. (orgs.). *O negro nos espaços publicitários brasileiros: perspectivas contemporâneas em diálogo*. São Paulo: ECA/USP, 2011.
- MATTOS, Carmem Lúcia Guimarães. *A abordagem etnográfica na investigação científica*. UERJ 2001. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/8fchr/pdf/mattos-9788578791902-03.pdf>. Acesso em: 31 de maio de 2005.
- MOITA LOPES, P. d. *Identidades fragmentadas: a construção de raça, gênero e sexualidade na sala de aula*. Campinas, SP: Mercado de Letras. 2002
- MUNANGA, K. *Políticas de Ação Afirmativa em benefício da população negra no Brasil: um ponto de vista em defesa de cotas*. *Sociedade e Cultura*. vol. 4, núm. 2, p. 31-43. 2001.
- MUNANGA, K. *Uma abordagem Conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia*. *Cadernos PENESB*. Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira. Niterói, Rio de Janeiro. N5. p.15-23. 2004.

- OLIVEIRA, Dennis de. *Etnomídia: a construção de uma paisagem étnica na linguagem midiática*. In: BATISTA, Leandro Leonardo; LEITE, Francisco (orgs.). *O negro nos espaços publicitários brasileiros: perspectivas contemporâneas em diálogo*. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes/USP, 2011. P. 25-40.
- QUINTANA, H.G; SOUZA, A.L.S.; PEREIRA, J.N. *Leitura e multimodalidade*. In: SILVA, S.B.B et al. *Leitura, multimodalidade e formação de leitores*. Salvador: UFBA, 2015. p. 29-56.
- RAJAGOPALAN, K. *Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética*. São Paulo: Parábola Editorial. 2003.
- ROJO, R. H., & BARBOSA, J. P. *Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos*. São Paulo: Parábola Editorial. 2015.
- ROSA, R. d. *Por uma política de ação afirmativa na Educação Básica*. In: M. L. S., & M. H. SILVEIRA, *O Programa Diversidade na Universidade e a construção de uma política educacional anti-racista*. Brasília: SECAD/UNESCO. 2007.
- SANTOS, M. *Cidadanias mutiladas*. In: J. LERNER, *O preconceito*. São Paulo: IMESP. 1997.
- SILVA, D. M. *A imagem do negro no espaço publicitário*. In: BATISTA, L. L.; LEITE, F. (orgs.). *O negro nos espaços publicitários brasileiros: perspectivas contemporâneas em diálogo*. São Paulo: ECA/USP, 2011.
- SILVA, S. B. B. *A leitura na alfabetização de jovens e adultos: contribuições para a constituição do sujeito participativo*. In KLEIMAN, A. e SIGNORINI, I. (Org.). *Alfabetização e formação do professor: alfabetização de jovens e adultos*. 2 ED Porto Alegre. Artmed. 2001.
- SODRÉ, Muniz. *Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- SOUZA, Ana Lúcia Silva. *Letramentos de Reexistência. Poesia, Grafite, Música, Dança: Hip-Hop*. São Paulo, Parábola, 2011.
- STREET, Brian. *Perspectivas interculturais sobre o letramento*. *Revista de Filologia e Linguística Portuguesa da Universidade de São Paulo*. n. 8, p. 465-488, 2007.
- TINOCO, Glícia M. Azevedo de M. *Projetos de letramento: ação e formação de professores de língua materna*. 2008. 254 f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos de Linguagem. Campinas: [s.n.], 2008.
- TRINDADE, Eneus; PEREZ, Clotilde. *Os múltiplos sujeitos da publicidade contemporânea*. *Rev. Portuguesa e Brasileira de Gestão*, Lisboa, v. 8, n. 4, p. 25-36, out. 2009. Disponível em: <[http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1645-44642009000400004&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-44642009000400004&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 14 out. 2017.

VÓVIO, Cláudia Lemos; SOUZA, Ana Lúcia Silva. *Desafios metodológicos em pesquisas sobre letramento*. In.: KLEIMAN, Ângela B.; MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles (Org.). *Letramento e formação do professor – práticas discursivas, representações e construção do saber*. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2005.

WAISELFISZ, J. J. *Mapa da Violência 2012: A Cor dos Homicídios no Brasil*. Rio de Janeiro: CEBELA, FLACSO. 2012.

## ANEXO A

### TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, \_\_\_\_\_, portador da Cédula de Identidade nº \_\_\_\_\_, inscrito no CPF sob nº \_\_\_\_\_, residente à Rua \_\_\_\_\_, nº \_\_\_\_\_, na cidade de \_\_\_\_\_, AUTORIZO o uso da imagem de \_\_\_\_\_ sob minha responsabilidade legal, em fotos ou filme, sem finalidade comercial, para ser utilizada na Proposta de Intervenção Pedagógica, realizada pela professora Daiane de Oliveira Oliveira, mestranda do PROFLETRAS, pela Universidade Federal da Bahia - UFBA-BA.

Estou ciente de que este termo autoriza o uso da imagem do (a) aluno (a) acima citado em todo e qualquer material, entre fotos e documentos para serem utilizados em apresentações acadêmicas e eventos educacionais, gratuitamente, sem que nada haja reclamado a título de direitos conexos à imagem ou a qualquer outra, seja esse destinado à divulgação ao público através de folder de apresentação/curso, palestras, anúncios e mídias eletrônicas ou impressas em todo território nacional, por tempo indeterminado.

Mata de São João, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2017.

---

Assinatura

**ANEXO B**

## Questionário sobre o Comercial da Linha Capilar Garnier

1. Você gostou da comercial publicitário?  
( ) sim ( ) não
2. Por que você gostou ou não? Justifique.
3. Em sua opinião, que mensagem a publicidade quer passar?
4. Você concorda com essa mensagem?  
( ) sim ( ) não
5. Por quê?
6. Você acha que a mensagem passada tem a ver com você ou com sua comunidade?  
( ) sim ( ) não
7. Por quê?
8. Em sua opinião, qual é o objetivo dessa publicidade?
9. Complete a frase do cartaz:  
Meu cabelo é.....
10. Qual sua impressão ao ver esse cartaz?
11. Acha que ele tem a ver com você e sua comunidade?
12. Observe todo o cartaz. Que mensagem ele passa para você?
13. Depois da análise do cartaz assista o comercial novamente. Seu olhar a respeito a ele continua o mesmo?  
( ) sim ( ) não
14. Por quê?

## ANEXO C

### A Mão da Limpeza

Gilberto Gil

O branco inventou que o negro	Lavando a roupa encardida,
Quando não suja na entrada	esfregando o chão
Vai sujar na saída, ê	Negra é a mão
Imagina só	É a mão da pureza
Vai sujar na saída, ê	
Imagina só	Negra é a vida consumida ao pé do
Que mentira danada, ê	fogão
	Negra é a mão
	Nos preparando a mesa
Na verdade a mão escrava	Limpando as manchas do mundo
Passava a vida limpando	com água e sabão
O que o branco sujava, ê	Negra é a mão
Imagina só	De imaculada nobreza
O que o branco sujava, ê	
Imagina só	Na verdade a mão escrava
O que o negro penava, ê	Passava a vida limpando
	O que o branco sujava, ê
Mesmo depois de abolida a	Imagina só
escravidão	O que o branco sujava, ê
Negra é a mão	Imagina só
De quem faz a limpeza	Eta branco sujão

GIL, Gilberto. A mão da limpeza, 1983. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/gilberto-gil/574045/>